

RAÍZES

Ano XXIV - São Caetano do Sul - Dezembro de 2012

46



Ano XXIV – Número 45
Publicação semestral
Distribuição gratuita

**Publicação
da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul**

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2012

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br

Coordenação Geral
Maria Teresinha Dario Fiorotti

Editora Responsável
Paula Fiorotti (Mtb. 28927)

Pesquisa, edição e revisão
Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho

Conselho Editorial
Maria Teresinha Dario Fiorotti
PRESIDENTE
Adriana Sampaio
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto D. Pastore
Isabel Cristina Ortega
João Tarcísio Mariani
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Fiorotti
Paulo Alves da Rosa
Roberta Giotto

Projeto Gráfico e Editoração
Roberta Giotto

Ilustrações
Jayme da Costa Patrão
Roberta Giotto

Serviço de Difusão Cultural
Cristina Ortega
Mario Del Rey
Monica Ascencio Simões Ponzoni
Yolanda Ascencio

Fotografia
Antonio Reginaldo Canhoni

Apoio para pesquisa iconográfica
Paula Sidelnik
Rafael Martin
Regina Assone
Carolina Gonzaga Faria

Digitalização e restauração de imagens
Augusto Coelho Neto
Marcos Villanova

Ctp e Impressão
Softgraf Serviços Gráficos

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

RAIZES 46



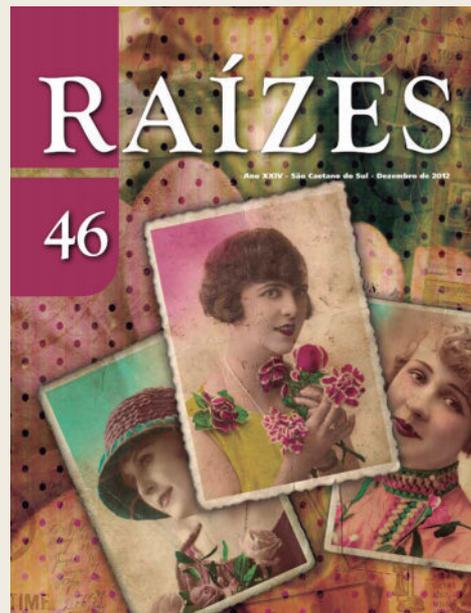
Background collage featuring a perforated paper pattern, various vintage photographs, and text elements. Visible text includes "BALTIMORE", "The Galveston Food", "act of volu", "ticket", "also, a", "whol", "TIME", and a calendar listing dates from 1890 to 1899.

*"Eu sou aquela
mulher que fez a
escalada da montanha
da vida removendo
pedras e plantando flores".
Cora Coralina*

Cores suaves e ilustrações delicadas. Tudo isso pode remeter ao universo feminino. A capa desta edição de *Raízes* vem poética e romântica, para homenagear as mulheres de São Caetano do Sul e sua participação em nossa história. Figuras anônimas que, mesmo sob o domínio machista que as condenavam à inferioridade nas relações de gênero, restritas aos cuidados com o lar, com os filhos e o marido, criando estratégias informais de sobrevivência, conseguiram deixar suas marcas e contribuições para a formação e desenvolvimento da cidade.

A capa é ilustrada por três cartões-postais produzidos na década de 1920 e que fazem parte do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória. São imagens coloridas e ricas em detalhes, de três jovens mulheres, que exalam feminilidade, beleza e suavidade. Apesar de toda ternura retratada, a segunda década do século 20 marcou a mudança do papel social da mulher.

O período ficou conhecido como "Os Anos Loucos". O período pós-guerra marcou uma nova fase na economia, na política e na cultura e destacamos aqui o início dos movimentos feministas, que buscavam igualdade na educação, emprego, salário, voto e estatuto social. Na moda, as mulheres revo-



lucionaram, adotando o estilo "La garçonne", que pedia cabelos curtos, joelhos à mostra e maquiagem bem marcada (como podemos perceber nos retratos da capa).

O caminho até as plenas conquistas femininas foi duro, repleto de resistências. Sem deixar de lado a doçura, o amor e a beleza, as mulheres foram fortes e batalhadoras, e conseguiram romper diversas barreiras e erguer suas vozes. A revista *Raízes*, nesta edição, apresenta interessantes reflexões sobre aspectos do cotidiano das mulheres na cidade nas primeiras décadas do século 20, valorizando as práticas de memória, lançando olhares sobre os espaços públicos e privados e procurando afirmar a sua participação enquanto personagens e produtoras da história de São Caetano do Sul.

Paula Fiorotti

Editora

Paula Fiorotti é editora da revista Raízes. Formada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, é especializada em gestão de patrimônio e cultura pela Unifai (Centro Universitário Assunção)

Nesta edição de número 46, a Revista *Raízes* apresenta um pouco da história das mulheres de São Caetano do Sul. Limitadas, por um longo tempo, ao espaço da vida privada, à dedicação ao lar, aos filhos e ao marido, estas figuras foram muito importantes e tiveram papel fundamental na construção da história local. Por meio de lindas imagens e artigos vamos relevar histórias de vida destas personagens e seu cotidiano a partir do início do século 20 no Núcleo Colonial de São Caetano.

Na seção *Memória*, celebramos os 35 anos da criação da Fundação Municipal Anne Sullivan, que desenvolve um trabalho exemplar na área da educação especial. *Raízes* também presta sua homenagem às Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, um marco na história econômica e industrial de São Caetano, que completaria, em 2012, 100 anos do início de seu processo de instalação no município. O Lar Nossa Senhora das Mercedes também tem sua trajetória de ajuda ao próximo publicada nesta revista.

Nas páginas de *História Oral*, como sempre, o destaque são histórias de vida contadas por seus protagonistas. Nesta edição, temos Norma Marcon Fucchi, Margarida dos Santos Camilo, Waldemar Siqueira e o Coronel Wilson da Silva. Ganham destaque, na seção *Personagens*, Natal Martinetto, jovem de São Caetano que participou

da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, e Laércio Ferraz, figura constante nas competições de ciclismo da cidade e da região. Nossa *Homenagem* ficou para Silvino Fiorio Neto, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, com sede em São Caetano, falecido em 2012.

As histórias em quadrinhos são tema de um artigo que versa sobre a importância de sua utilização na educação de crianças e jovens. Continuamos a apresentar alguns fatos curiosos ou interessantes que assinalaram nossa história. O tema moda também é uma constante na publicação. Desta vez, falamos do vestido de noiva e suas mudanças no decorrer das décadas.

Charges do saudoso Jayme da Costa Patrão ilustram um artigo que trata de como inseriria o idealismo em seus desenhos. Falamos, ainda, sobre a família Massolini, que viveu, durante muito tempo, no Bairro Barcelona, em um texto escrito por um de seus membros, e sobre a religiosidade presente entre os primeiros imigrantes. Em *Regionais*, o relato de um casal de poloneses apresenta suas experiências e memórias. A novidade desta edição é a seção *Recordando nossas Raízes*, que vai, a cada novo número, abordar edições anteriores da Revista *Raízes*.

Aproveite mais esta edição. Este número veio com um toque feminino, mas, com certeza, irá agradar a todos.

Maria Teresinha Dario Fiorotti

Presidente | Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Imagem de
cartão-postal de 1929



pág **8**
Em Foco

Tessituras da memória:
Os trabalhos e os saberes
8 das mulheres em São Caetano do Sul
Carla Cristina Garcia

15 As mulheres na memória local
Cristina Toledo de Carvalho

Cantinho Feminino -
Antiga coluna do Jornal de
22 São Caetano destinada às mulheres

EM FOCO e em FOFOCA!
29 Uma crônica sobre mulheres
João Tarcísio Mariani

32 Memória Fotográfica Especial Mulheres



pág **38**
Memória

Fundação Municipal Anne Sullivan:
35 anos de uma escola modelo
38 em educação especial

100 anos de Matarazzo em
41 São Caetano do Sul - Uma cronologia fabril
Everton Calício

Lar Nossa Senhora das Mercedes: presença
47 viva de amor, carinho e ternura para os idosos



pág **50**
História Oral

Norma Marcon Fucchi:
50 100 anos de vida e de amor
Yolanda Ascencio

53 Uma vida dedicada à beleza
Monica Ponzoni

Every time we say goodbye:
55 Waldemar Siqueira e a paixão pela era de
ouro do cinema de Hollywood
Mariana Zenaro

Coronel Wilson da Silva -
57 Figura marcante na segurança do município



pág **60**
Recordando
nossas Raízes

Recordando nossas Raízes
Humberto Pastore



pág **64**

Personagens

Natal Martinetto:
64 herói da epopeia de 1932
Cristina Ortega

Andar de bicicleta
é o que mais nos aproxima
68 do voo dos pássaros...
Leonilda Verticchio
Caroline Ferraz

pág **72**

Homenagem

Silvino Fiorio Neto:
um construtor de amizades
Mario Del Rey

pág **74**

Cultura

Histórias em quadrinhos:
destaque na imprensa local
na década de 1950
Mário Porfírio Rodrigues



pág **77**

Curiosidades

Você sabia?
Domingo Glenir Santarnecki

pág **78**

Moda de Outrora

Suzeti Rocha



pág **82**

Artigos

Jayme da Costa Patrão -
Um idealista em
82 sua linguagem visual
Marcus Vincenzi da Costa Patrão

Histórias de uma família
85 na divisa da cidade
Marcos Massolini

88 A religiosidade dos pioneiros
Oscar Garbelotto e
João Tarcísio Mariani

pág **97**

Regionais

Imigração polonesa no Brasil:
a memória de descendentes de
poloneses através da história oral
Camila Zaborski Cardoso Cortez



pág **103**

Memória Fotográfica



pág **117**

Registro



Grupo de funcionárias da Indústria Pamplona, que foi pioneira em São Caetano do Sul, em foto de 1910. Foram identificadas: Rosa Neves, Angela Ruiz da Prata, Conceição Neves Munhoz, Michaela Ruiz e Augusta Fiorotti

TESSITURAS DA MEMÓRIA: Os trabalhos e os saberes das mulheres em São Caetano do Sul

(*) Carla Cristina GARCIA



Este artigo pretende descrever e interpretar as práticas de trabalhos e saberes das mulheres de São Caetano do Sul, partindo das lembranças de antigas moradoras. Na leitura de textos sobre a história da cidade, nota-se que poucos são os exemplos que enfatizam tanto o papel das mulheres em sua formação quanto o esquecimento da história oficial sobre as funções no espaço público que exerciam, e quando isso ocorre, geralmente o eixo central é a relação que mantinham com maridos ou filhos, que se tornaram importantes na história da cidade.

A maioria desses dados não fornece elementos suficientes para compreendermos a vida cotidiana feminina, mas possibilita aprofundar o tema. Assim, a pergunta que se poderia fazer é a da possibilidade de se construir uma narrativa sobre a história feminina do município. “Elas não tiveram seus nomes gravados na pedra. Poucos foram os nomes lembrados nesta cidade que ajudaram a construir com sacrifício. Vieram seus filhos, vieram seus netos, bisnetos e, aos poucos, o esquecimento”. (Cairo&Ruffini, apud Garcia, 1998:9)

Procurou-se revelar, portanto, aquilo que a

condição feminina, numa história feita por homens, deixava encoberto: o quanto essas mulheres foram importantes e o papel fundamental que tiveram na construção da história de São Caetano do Sul. Para tanto, foi necessário abordar questões como: os valores e crenças que marcaram o cotidiano dessas mulheres, as tarefas que esse conjunto de valores e crenças impunham a seu dia a dia, os contornos de sua formação, as relações estabelecidas com a comunidade, e as exigências colocadas por seus maridos, companheiros e filhos. São as mais diversas informações e dados elucidativos das características da vida das mulheres na localidade na primeira metade do século 20:

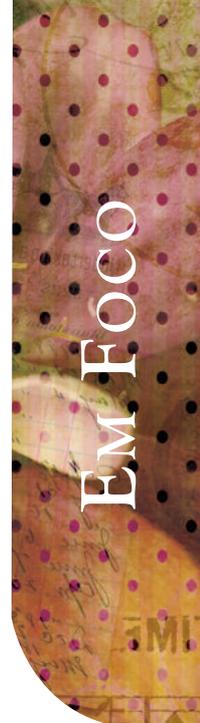
“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (Le Goff, 1990:423).

Sob a inspiração do ensinamento de Le Goff, entendo que a recuperação dessa memória representa uma contribuição significativa, ainda que limitada, ao resgate e registro de elementos que compõem a identidade da mulher sul-sancaetanense.

Os trabalhos não remunerados e os saberes das mulheres - No processo de desenvolvimento da cidade, muitos trabalhos informais femininos estavam ligados ao consumo e distribuição dos gêneros alimentícios, hortaliças, ovos e também ao comércio de carvão. Isso ocorria tanto em São Caetano como em São Paulo. Esta era uma atividade importante sob o ponto de vista do funcionamento da economia local e, normalmente, executada por mulheres.

Marina Giacomini, também chamada de Carbonara, em seu sítio atrás da fábrica de formicida, além do grande pomar que possuía, tirava madeira para produzir carvão e vender em São Paulo. Deixava as duas filhas na Avenida Paulista - onde trabalhavam como domésticas nas mansões - enquanto fazia as entregas e, na volta, as trazia de volta. Uma trabalhou para a baronesa Antonio Prado, que lhe ensinou a falar francês e tocar piano. A mãe de Joana Fiorotti foi ama de leite. “Naquele tempo os ricos não amamentavam os filhos... Ela também vendia ovos. Uma vez por semana ia levar ovos num hotel no Brás que pagava muito bem.” (Garcia, 1998:70-71)

Elas viviam da improvisação, necessária



complementação de atividades e serviços e do pequeno comércio de excedentes da produção caseira, a que se acrescentavam pequenas roças e, sempre que possível, animais domésticos de criação. Entre encomendas em domicílio para costureiras e jornadas de serviço para lavadeiras e cozinheiras, e as atividades para o consumo da casa - cuidar dos animais, das roças, fazer sabão, toucinho, farinha, passavam-se os dias e os anos. Na verdade, contavam com o trabalho de todos, crianças, adultos, dependentes e agregados:

Trabalho infantil e renda familiar (o grupo domiciliar como um todo para assegurar, no limite da sobrevivência, o ganha pão, uns dos outros) é um aspecto da pobreza de todos os tempos. Na sociedade dita tradicional, a família é uma empresa e todos os seus membros concorrem juntos à medida de cada um, para sua prosperidade. (Dias, 1984:35)

Thereza Lodi de Lima contou: “Quando era menina ia lenhar, ia vender ovos, vender chuchu. Minha mãe plantava e criava em casa. Quando ela precisava de um tostão, eu saía para vender” (Garcia, 1998:71). Ainda que não seja remunerado, o trabalho de dona de casa dá às mulheres acesso ao dinheiro pelo comércio que sempre se esforçam em fazer caber dentro do tempo que lhes deixa a família: venda em bancas ou cestos, de faxina para fora, lavagem de roupas, trabalhos de costura, cuidar de crianças, recados e entregas domésticas. Criativas, elas possuíam saberes adquiridos de outras mulheres e da experiência, fundamentais na arte de ajeitar o dia a dia. Santina Leonor Fiorotti Moretti lembrou: “Nós tínhamos vaca de leite. Eu até me lembro de que uma vez morreu o bezerro e então a vaca não deu mais leite. E não tinha outro bezerro. Então, o que minha mãe fez? Abriu o bezerro, tirou a carne, jogou fora porque a carne de bezerrinho muito novo não dá pra comer, encheu aquele couro de palha de milho e colocou quatro estacas nas patas do be-

zerro. Quando era hora de tirar o leite minha mãe pegava aquele bezerro empalhado, dava uns cutucões no úbere da vaca, que era para vaca dar o leite, porque ela precisava do leite para nós que éramos crianças e para meus avós... Também, com nove filhos e pouco dinheiro, ela tinha que ter criatividade” (Garcia, 1998:61).

As mulheres desdobravam-se em uma extrema engenhosidade para encontrar múltiplos recursos que empregavam para manter a família. Em tempos de crise ou de guerra, isso se tornava essencial. Elas, então, atuavam em todos os sentidos.

Há uma vivência das crises e das guerras distinta para cada um dos sexos. Um tempo econômico diferente. A sociedade não poderia crescer sem esse trabalho não contabilizado da dona de casa.

Preparar as refeições, aproveitar qualquer tipo de matéria-prima é um saber que se aprende nas gerações de mulheres, que são as responsáveis diretas por essas tarefas. Adazir Joana Braido contou que, no dia em que nasceu, sua mãe não parou de fazer o trabalho que era de sua responsabilidade: “Trabalhava demais em casa, eu lembro bem, porque a gente às vezes ficava admirada com as coisas que ela fazia, macarrão, pão, bolo, ela abastecia tudo para uma semana(...). Ela não tinha livro de receitas, porque não sabia ler, mas tinha tudo na cabeça. Ela e minha avó me ensinaram todas estas receitas que eu fiz muito tempo para minhas filhas (Garcia, 1998: 62).

Trabalhos e saberes artísticos - Os trabalhos e saberes artísticos, como os de agulha e costura, eram aprendidos em casa, com a avó. As mulheres ganhavam dinheiro com sua arte. Muitos fatores as impediam de escolher qualquer tipo de carreira. Poucas opções profissionais encontravam-se abertas. Entretanto, certos tipos de trabalho artesanal conferiam um grau de refinamento e respeitabilidade. Podiam ser ofícios tão fastidiosos, aborrecidos e



ELAS TIVERAM QUE
CONCILIAR INTERESSES EM
CONFLITO E INVENTAR NOVAS
CONFIGURAÇÕES DE SENTIDO
PARA PODEREM CRIAR PARA
SI UM LUGAR QUE A CULTURA
PATRIARCAL INSISTIA EM DIZER
QUE NÃO EXISTIA.



mal pagos como quaisquer outros, mas eram considerados relativamente refinados e adequados ao gosto feminino.

Tais trabalhos exigiam paciência e habilidade de mãos, além de resistência física. Muitos relatos contam das longas noites que passaram debruçadas sobre suas máquinas de costura. Os saberes artísticos ou artesanais encontravam-se entre os poucos que podiam conciliar sexo, classe social e subsistência. O envolvimento das mulheres nas profissões artesanais não está ainda suficientemente estudado para se poderem oferecer números, mas os estudiosos afirmam, repetidamente, que em campos como a produção de flores artificiais, miniaturas, pintura de porcelana, predominavam as mulheres. Alguns tipos de trabalhos manuais como os bordados, crochê e tricô, eram tão artísticos como funcionais. Cleusa Cairo Ruffini contou que sua mãe, Esperança Martorelli Cairo, parou



de trabalhar fora depois de casada, mas bordava à máquina e fez muitos enxovais de noivas da cidade: “Ela fazia muita flor de papel crepom parafinada, enfeites de mesa de casamentos”. Maria Conceição Rodrigues Dias também contou que fazia muitas flores deste mesmo material para vender. Fazia as flores e enfeitava quartos para noivas, quando casavam: “Agora tem abajur, mas antigamente era só um fio assim e a lâmpada: então eu fazia as florzinhas pra enfeitar os fios. Enfeitava o fio com papel de seda e fazia o abajur com papel de seda, tudo picadinho... Precisava ver como as noivas gostavam! Fazia também as bonecas de lã pra enfeitar as camas. Eu fazia isso quando era moça. Eu trabalhava na Matarazzo e ainda fazia isso pra fora, pra ganhar, pra fazer o meu enxoval” (Garcia, 1998: 68).

Os trabalhos remunerados - Mesmo que apareçam poucas mulheres de São Caetano nas estatísticas do trabalho assalariado industrial, as famílias operárias acharam outras vias para resolver a questão. Não faltam exemplos de trabalho feminino:

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

lavadeiras, engomadeiras, amas de leite, bordadeiras, artesãs, costureiras.

Antes da década de 1910, Assumpta Sestari era dona de um armazém. A partir dos anos 20, aparecem mais referências a mulheres comerciantes: D. Pasqua, a Santa, montou a primeira loja de tecidos de-

pois de viúva e de continuar o trabalho de alfaiate que o marido exercia. Já Marieta Dalcin, excelente cozinheira, tinha uma venda em frente à igreja que vivia cheia de gente, principalmente operários da fábrica Pamplona, aos quais fornecia pensão (Cairo&Ruffini, apud Garcia, 1998: 72).

Outra grande cozinheira das primeiras décadas deste século, que pôde melhorar a vida de sua

Baile de Formatura das alunas da Escola de Corte e Costura realizado no Clube Comercial em 1952. Da esquerda para a direita: Otélia, Naide, Idelzita, Edi e Maria de Lurdes Marinho. Ao centro, professora Yolanda Cassoni



Retrato de
Herminia
Perrella, em
1935

Josephina Spagnuolo,
cantora lírica, em foto da
década de 1950

Retrato de
Marina
Giacomini,
em 1905

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



família com seus saberes culinários, foi Tereza Neri. Era uma mulher empreendedora, dinâmica, conhecedora das artes culinárias e resolveu abrir uma pensão na Rua Perrella, bem em frente ao Cine Central. Era lá que o Conde Francisco Matarazzo e seus engenheiros almoçavam todos os dias, assim como os químicos da fábrica e os padres da igreja. O conde vinha de São Paulo, de madrugada, e logo passava pela pensão encomendando seu prato preferido - tordelle, uma espécie de ravioli - feito por Tereza e Mimi (Buso, apud Garcia, 1998:72).

Em 1914, Emma Zanini e seu marido Theobaldo chegaram a São Caetano. De posse de uma velha máquina de costuras Singer, Emma passou a costurar e confeccionar roupas para crianças e adultos. Com o passar do tempo, as confecções de Emma atingiram fama considerável, despertando no companheiro a ideia de abandonar o emprego na fábrica de sabão Pamplona e dedicar-se ao ramo do comércio de roupas. Em 1918, construíram um salão na frente da casa e montaram um bazar de roupas que ficaria conhecido como a loja de Dona Emma. Com os anos e com a prosperidade do negócio, foram adquirindo terrenos e construindo diversas residências (Andrade, apud Garcia, 1998:72).

“A denominação Heinsfurter & Canger atravessaria todo o século, até hoje, como marca muito presente na expansão urbana de São Caetano. Particularmente, os negócios dos dois sócios teriam sequência através de uma mulher, que denominou um dos mais antigos loteamentos de São Caetano, a Vila Gisela no final da década de 20. Gisela Heinsfurter, nora de Samuel, pois se casou com seu filho Simão e herdou 50% dos loteamentos da família, isto quando da morte de Antonia, viúva de Samuel.” (Medici, apud Garcia, 1998: 73).

As operárias - A participação das mulheres de São Caetano no trabalho assalariado industrial foi bastante significativa, não apenas nas fábricas instaladas na cidade. De fato, as primeiras indústrias não indicam grande presença feminina entre os trabalhadores. Segundo Martins, em 1918, quando várias indústrias já estavam instaladas em São Caetano, a Matarazzo tinha 312 empregados, dos quais apenas 38 eram mulheres. Das novas fábricas instaladas no subúrbio, a Cerâmica Privilegiada do

Estado de São Paulo, depois Cerâmica São Caetano, fundada em 1912, tinha em 1918, 60 operários e nenhuma mulher (Martins, 1992: 169).

Entretanto, uma foto do início do século indica que as mulheres eram empregadas na indústria Pamplona. Na década de 1910, Elvira Ferraz conta que deixou a escola no primeiro ano quando conseguiu emprego na fábrica Aliberti. Tinha apenas 9 anos. Trabalhava sem registro e quando aparecia algum fiscal de menores era orientada a se esconder na cascata do moinho, embaixo de um bambuzal (Medici, 1993:41). Várias narrativas contam que muitas moças de São Caetano trabalhavam como tecelãs em fábricas de meias, e também de tecidos, em São Paulo, como a Jafet, no Ipiranga. A grande maioria começava a trabalhar muito cedo, por volta dos 12 anos, ou mesmo antes.

Para Martins, foi com a fábrica que as mulheres de São Caetano ganharam expressão pública e começaram a romper a reclusão a que estavam confinadas no imaginário masculino:

“Depondo perante o delegado de polícia de São Bernardo sobre um duplo homicídio que cometera na véspera, 26 de março de 1928, Paolo Michelini disse que no dia 20 deixara de trabalhar porque as operárias do estabelecimento se declararam em greve”. (Martins, 1992:170)

As mulheres enfrentavam configurações complexas de valores econômicos, tecnológicos e políticos. Alguns desses valores eram compatíveis com os da feminilidade, outros não. Elas tiveram

que conciliar interesses em conflito e inventar novas configurações de sentido para poderem criar para si um lugar que a cultura patriarcal insistia em dizer que não existia. Tiveram de inventar carreiras, formas de arte, formas de feminilidade. Para avaliar o que alcançaram devemos distanciar-nos da visão muito parcial da história da cultura. Tornar-se-á então evidente como o trabalho das mulheres foi corajoso, astuto, lucrativo, diversificado, criativo e, por todas estas razões, foi fundamental na constituição histórica da cidade. **R**

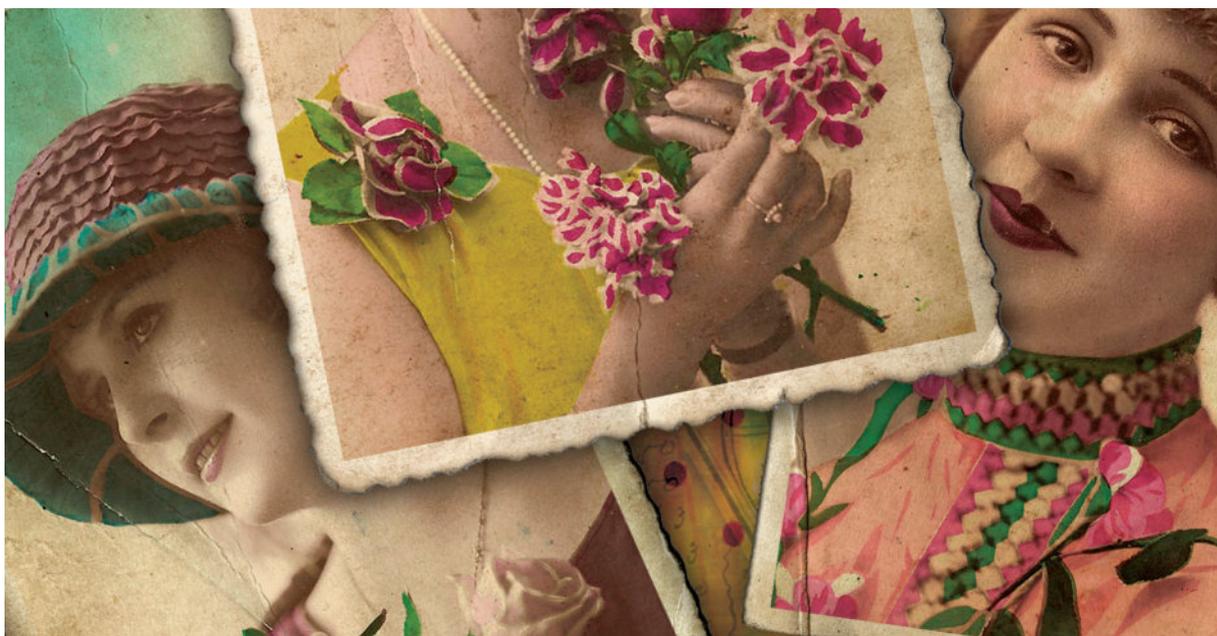
NOTAS

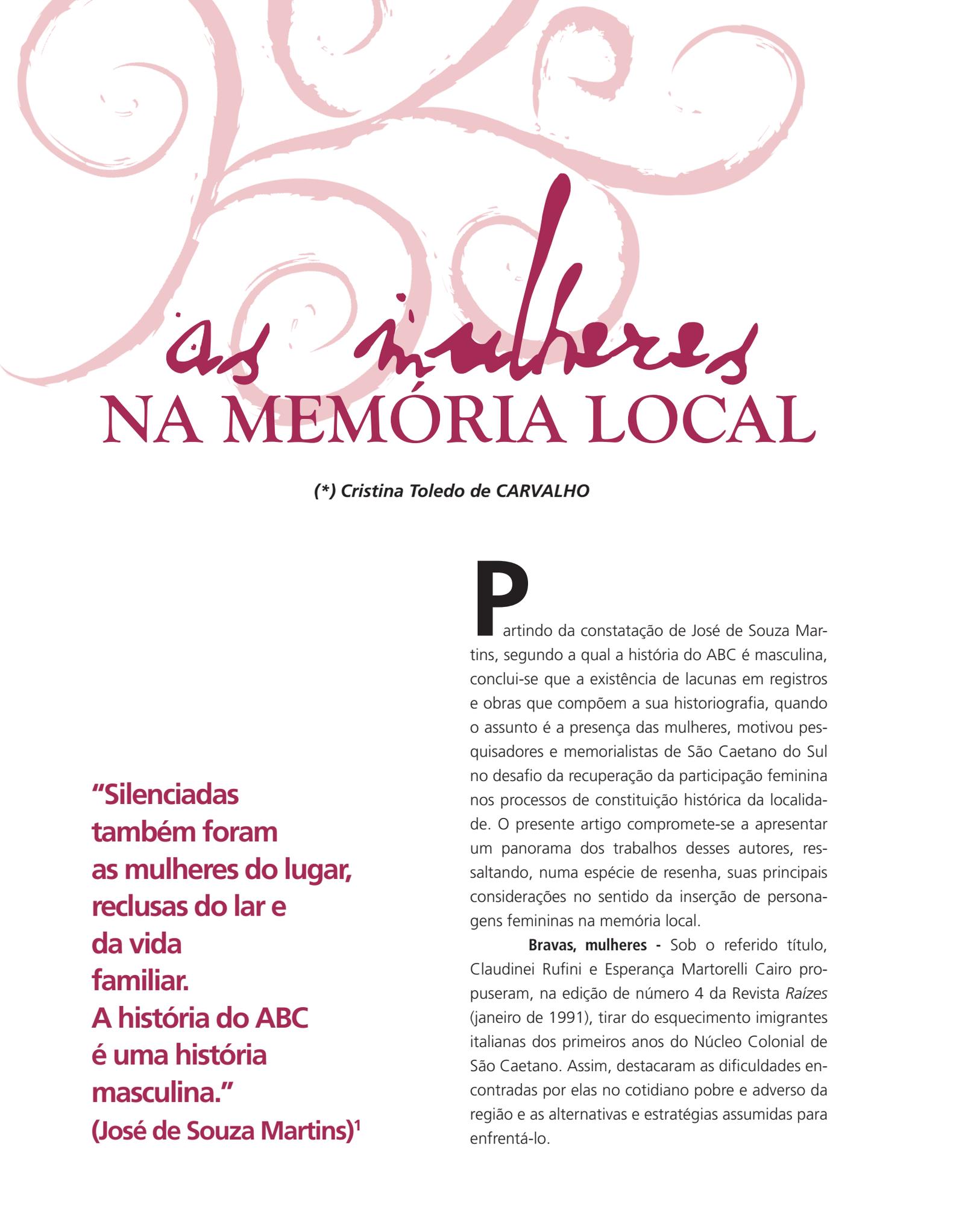
Este artigo é um excerto do livro: *As Outras Vozes. Memórias femininas em São Caetano do Sul* de Carla Cristina Garcia. Ed. Hucitec- Prefeitura de São Caetano do Sul, São Paulo, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Walter de. Zanini e Andrade, velhos comerciantes. In: Revista Raízes. São Caetano do Sul, ano IV (8): 56.
 BUSO, Sílvio José. A agência da Prefeitura e Luiz (Luivigino) Neri. In: Revista Raízes. São Caetano do Sul, ano IV (8): 59.
 CAIRO, Esperança Martorelli e RUFFINI, Claudinei. Bravas, Mulheres. Revista Raízes. São Caetano do Sul, n. 4, p. 43-44, Jan. 1991.
 DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e poder na cidade de São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
 GARCIA, Carla Cristina. *As Outras Vozes. Memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
 MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
 MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização (A presença de São Caetano na região do ABC)*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

(***) Carla Cristina Garcia é doutora em Ciências Sociais (PUC) com pós-doutorado pelo Instituto José Maria Mora (México, DF). É professora da Pontifícia Universidade Católica de SP e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. É autora dos livros: Ovelhas na Névoa um estudo sobre mulheres e a loucura (Ed. Rosa dos Tempos/Record), Produzindo Monografia (Ed. Limiar), As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul (Ed. Hucitec), Hambre del Alma as escritoras e o banquete das palavras (Ed. Limiar) e Sociologia da Acessibilidade (IESD) e Breve História do Feminismo (Nova Alexandria).**





As mulheres NA MEMÓRIA LOCAL

(*) *Cristina Toledo de CARVALHO*

**“Silenciadas
também foram
as mulheres do lugar,
reclusas do lar e
da vida
familiar.
A história do ABC
é uma história
masculina.”
(José de Souza Martins)¹**

Partindo da constatação de José de Souza Martins, segundo a qual a história do ABC é masculina, conclui-se que a existência de lacunas em registros e obras que compõem a sua historiografia, quando o assunto é a presença das mulheres, motivou pesquisadores e memorialistas de São Caetano do Sul no desafio da recuperação da participação feminina nos processos de constituição histórica da localidade. O presente artigo compromete-se a apresentar um panorama dos trabalhos desses autores, ressaltando, numa espécie de resenha, suas principais considerações no sentido da inserção de personagens femininas na memória local.

Bravas, mulheres - Sob o referido título, Claudinei Rufini e Esperança Martorelli Cairo propuseram, na edição de número 4 da Revista *Raízes* (janeiro de 1991), tirar do esquecimento imigrantes italianas dos primeiros anos do Núcleo Colonial de São Caetano. Assim, destacaram as dificuldades encontradas por elas no cotidiano pobre e adverso da região e as alternativas e estratégias assumidas para enfrentá-lo.

Nesta perspectiva, ficou bastante evidente a observância de um entrecruzamento das esferas pública e privada, nas atividades realizadas por aquelas mulheres, entre o final do século 19 e o início do 20. Ambas as esferas complementavam-se, como se uma fosse a extensão ou prolongamento da outra. Compreensível é tal confirmação, uma vez que as obrigações abraçadas por elas, fora do ambiente do lar, tinham por fim colaborar com o sustento da família. “Como faltava tudo, as pioneiras procuravam ajudar umas às outras, como numa grande família. De enxada na mão, auxiliavam também os maridos no preparo da terra e no cultivo das hortas.”²

E, como expuseram os autores, as mulheres da cidade não se limitaram a exercer somente tarefas que mantinham estreita relação com os afazeres domésticos, como as agrícolas, muitas vezes, executadas na propriedade familiar, mas também partiram rumo ao universo fabril, consolidando a sua presença no espaço público. “Ativa foi a participação feminina nas fábricas [...] Não apenas nas fábricas aqui instaladas; muitas iam até o Ipiranga a pé, pela linha do trem. A grande maioria começava a trabalhar muito cedo, por volta dos 12 anos, ou mesmo antes,”³ frisaram Rufini e Esperança Cairo.

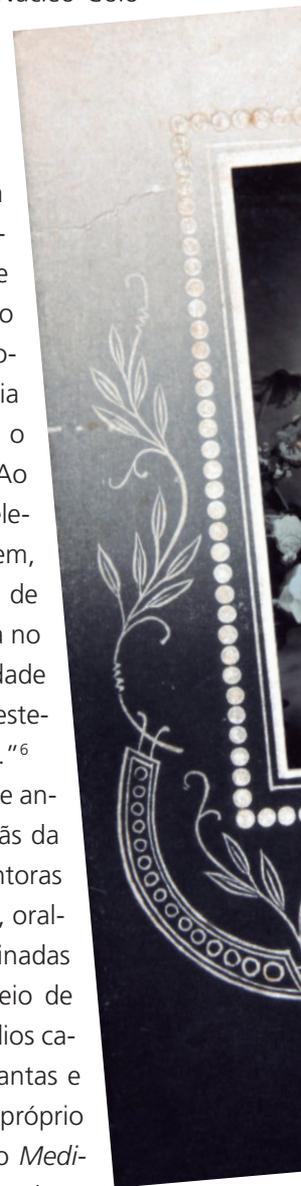
O comércio foi outro segmento econômico que absorveu a participação das mulheres de São Caetano. “[...] todas procuravam uma forma de arranjar-se. Foi assim com Lúcia Gallo, que se tornou a primeira a vender bananas, seguida pela Longa Massei, [...], que era assim chamada por ser muito alta.”⁴ No entender dos autores ora citados, “seriam necessárias páginas e páginas para se escrever a respeito destas [mulheres] e sua dedicação a suas casas, filhos e ao trabalho.”⁵

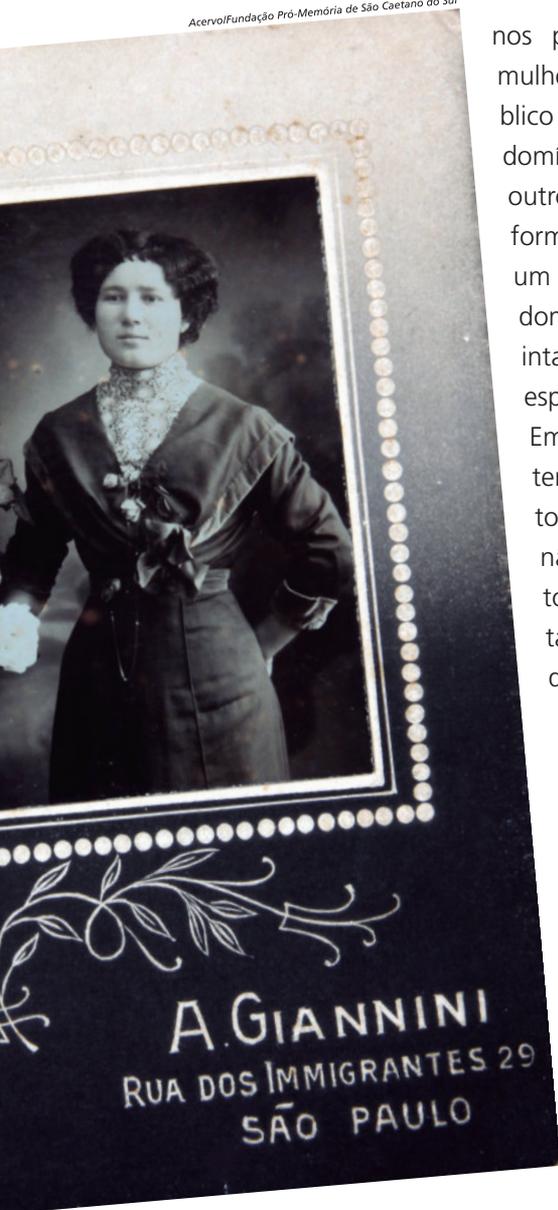
Omissões históricas: as mulheres de São Caetano e suas facetas - Henry Veronesi, na edição número 14 da Revista *Raízes* (julho de 1996), reivindica um espaço, na memória histórica da cidade, para as mulheres que se estabeleceram no Núcleo Colonial, ao lado de seus familiares. Nas discussões feitas em tal trabalho, Veronesi embasou-se nos argumentos de José de Souza Martins, que assim se manifestou: “Embora existam várias listagens dos

nomes dos homens que fundaram o Núcleo Colonial de São Caetano, não existe uma única lista dos nomes de suas esposas [...] Um exame dos artigos sobre a história local, publicados nos jornais do município ao longo dos anos, mostra alguma tendência no sentido de buscar informações históricas através de entrevistas com antigas moradoras do lugar. Nesse sentido, há um certo reconhecimento da mulher como depositária da memória histórica da comunidade, o que acentua essa história de família. Ao mesmo tempo, porém, essa memória elegera como herói da história local o homem, o chefe de família, provável resquício de uma era de forte dominação masculina no grupo familiar. Nessa complementaridade de opostos, a mulher aparece como testemunha e o homem como personagem.”⁶

As mulheres da São Caetano de antigamente não eram apenas as guardiãs da memória local, mas também as detentoras de tradições (transmitidas, via de regra, oralmente, de geração para geração) destinadas a oferecer alento aos doentes por meio de rezas, benzimentos e receitas de remédios caseiros, preparados à base de ervas, plantas e raízes. Essa faceta é apresentada pelo próprio Henry Veronesi, no artigo denominado *Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano*, publicado na Revista *Raízes* número 10 (janeiro de 1994), e pela jornalista Priscila Gorzoni, na matéria intitulada *Mulheres de fé*, veiculada pela 32ª edição da mencionada revista, em dezembro de 2005. Ambos os autores destacam algumas personagens que se dedicaram a tais atividades, como Flávia Coradini Veronesi, Celestina De Nardi, Dolores Avalo Canhedo, dentre outras.

As facetas femininas aqui mencionadas não são conflitantes. Uma não ameaça a outra. Elas convivem harmonicamente, particularizando a própria condição feminina e dando a ela nítidos contornos. Essa relação harmônica não se verifica, contudo,





nos papéis assumidos pelas mulheres nos segmentos público e privado, em que o predomínio de um pode afetar o outro. Diante disso, de que forma a mulher que exercia um trabalho fora do âmbito doméstico poderia manter intacto o seu papel de mãe, esposa e dona de casa?

Embora tal questão não tenha sido respondida, visto que o presente artigo não teve acesso a elementos que pudessem dar pistas ou apontar caminhos que sugerissem o posicio-

Celestina De Nardi, outra personagem das tradições que envolviam benzimentos e receitas caseiras

namento das mulheres, em face dessa situação conflitante, ele ensaia abordar tal problemática no item abaixo.

As outras vozes - Carla Cristina Garcia, no livro *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*,⁷ apresenta um leque multifacetário de peculiaridades, aspectos, espaços e atividades inerentes ao universo feminino, em São Caetano. Sua proposta consiste em privilegiar uma narrativa baseada nas lembranças de antigas moradoras⁸ da cidade, "colocando-as no centro da cena."⁹ A ideia é "revelar aquilo que a condição feminina, numa história feita por homens, deixava encoberto [...]"¹⁰

Assim sendo, a autora constitui um dinâmico painel com elementos que compunham a própria identidade



Flávia Coradini Veronesi, uma das mulheres de São Caetano detentoras das tradições que forneciam alento a doentes, por meio de rezas e receitas caseiras à base de ervas, plantas e raízes

feminina na cidade, destacando a vida em família e o que se passava no interior da casa, o trabalho dentro da fábrica, a vida na comunidade e os inúmeros saberes que se manifestavam no seu cotidiano, dos quais os culinários e médicos. Ao abordar todos esses aspectos, Carla Garcia endossa a existência de um entrelaçamento do público e do doméstico no dia a dia das mulheres sul-sancaetanenses. “Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, daí ser exercido de tal forma que não viesse afastá-las da vida familiar, dos deveres domésticos e da maternidade.”¹¹

A exigência social da preponderância das atividades do lar sobre as desenroladas no âmbito público atribuía ao trabalho remunerado feminino um caráter transitório, provisório, uma vez que deveria ser abandonado sempre que se impusesse o verdadeiro papel feminino de esposa e mãe. Até porque “o sustento da família cabia ao homem; o trabalho externo para ele era visto não apenas como sinal de sua capacidade provedora, mas também sinal de masculinidade.”¹²

Tal concepção, segundo a autora, tornava a coisa pública e todos os assuntos inerentes a ela, como os de natureza política, algo exclusivo ao mundo das sociabilidades masculinas. Por força disso, ela alerta que não foi à toa que diversas personagens que colaboraram com o movimento autonomista de São Caetano, na década de 1940, tiveram seus nomes



Arquivo Olga Montanari de Mello

omitidos e esquecidos. “Na lista dos líderes autonomistas de 1948, consta o nome de cinco mulheres: Helena Musumeci, Laura Moretti, Odete Paschoal, Sofia Sampaio e Olga Montanari de Mello,¹³ que se elegeu vereadora para a primeira legislatura da cidade.¹⁴

Laura Moretti, no livro em questão, relatou que o trabalho das mulheres, durante a campanha autonomista, resumia-se à ida às casas para angariar apoio. Mas, quando o assunto eram as discussões de estratégias, as mulheres não participavam.¹⁵ Bastante elucidativo, o aludido depoimento permitiu a Carla Garcia adentrar no assunto condizente à resistência que havia, na época, em relação à participação

Panfleto da candidatura de Olga Montanari de Mello à Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em 1949. Nele, a candidata veiculou o seu Manifesto à mulher e ao povo de São Caetano do Sul, dando mostras de seu pensamento político, emblemático da conquista do espaço público pelas mulheres da cidade. Na sequência, o conteúdo do referido manifesto: “Por força da lei assiste à mulher o direito do exercício do voto, podendo influir na escolha dos candidatos aos cargos do governo. Esta força e este direito trazem no entanto o dever de fazer representar o seu pensamento por um vereador do próprio sexo: por uma mulher. Somente uma mulher pode compreender o sofrimento de uma fila de carne, ou de um cartão de óleo. Não importa que essa representante da mulher de São Caetano do Sul pertença a este ou àquele partido, o que importa é que seja capaz de defender com decisão e firmeza os interesses da parte mais sacrificada da população: a mulher de São Caetano do Sul.”

feminina na política. Outro relato que reforça também tal situação é o de Itália Fiorotti. Ao recordar a respeito de sua candidatura à vereadora, revelou que seu pai não aceitava o fato: “Acho que porque eu era mulher. Naquele tempo mulher que participava tinha o maior preconceito... [sic]”¹⁶

Se, na política, a participação das mulheres sofria resistência e preconceito, nas atividades filantrópicas isso não ocorria. A filantropia era, aliás, um dos segmentos do mundo público cuja presença feminina era bem aceita. A autora não poderia, portanto, deixar de reservar espaço, no seu livro, às mulheres que empreenderam, no município, ações e campanhas de cunho beneficente, como a concorrente à construção do Hospital São Caetano. Desta forma, tratou de elencar os nomes que compuseram a Comissão Feminina desse projeto, a qual foi presidida por Bruna Cassetari Ricci¹⁷: Yone Labate Flaquer, Maria Kirche Zambon, Mafalda Lorenzini Casella, Maria José Relá, Ofélia Barile¹⁸, Maria Amélia Cervone, Helena Musumeci, Bruna Constantino, Maria F. Vicentini, Nelia Falchero, Rosa Benedetti, Ercília Vidales Cambaúva, Palmira Poli, Amabile Novaes, Yolanda Laranjeira, Natalina Grego, Dolores Zanon, Dalva Franchini, Celestina Lorenzini Dal’Mas, Judith P. Dal’Mas, Pina Tegão, Luíza Tegão, Diamantina G. Neves, Macária Rodrigues, Dorinda Locoselli, Helena Locoselli, Ana Ardito, Olga Montanari de Mello, Nina Borsoi, Elza Agrela, Anésia L. Pucetti, Ofélia Falchero Rampazzo, Diva Relá, Araci Croce, Mina Migliari, Isaura Fernandes Rodrigues, Brasilina Barile de Petea, Gália Bechara, Liliam Flávia Ricci, Ivone Maria Ricci, Guiomar Lorenzini, Reini Gardezani, Mafalda Malerba, Ana Parodi, Dinorá Benati, Aláide Perrella, Didi Bittencourt, Marília Bittencourt, Mirtes Rodrigues, Ermelinda Martina Aires, Antonia Oceli, Luiza Zago, Jicirena Pinto, Elza Brossi, Aparecida Canossa, Harmonia Martins, Ester Schwartz, Mirtes de Lima, Sílvia Novaes e Lourdes Cambaúva.¹⁹

Outros espaços públicos das chamadas “topografias femininas” foram também contemplados por Carla Garcia, como os atinentes à igreja e à beira do rio, locais a partir dos quais as mulheres não só executavam atividades ligadas a compromissos as-



Bruna Cassetari Ricci, uma das mulheres mais ativas do segmento filantrópico de São Caetano. A filantropia era um dos ramos do espaço público mais transitados pelo gênero feminino

sumidos, como os religiosos, e tarefas que faziam parte de sua própria rotina, como a lavagem de roupas, mas também praticavam uma série de sociabilidades. Tal se evidencia no depoimento de Michelina Paolillo Mantovani: “Quando nós íamos lavar roupa no rio, íamos primeiro à missa das 6 horas. Depois voltávamos para casa, tomávamos café, trocávamos as camas e íamos lavar roupa no rio. E tinha a Dora Santarelli que cantava. Ai, como ela cantava! Então, enquanto a roupa quarava a gente comia lanche e ela cantava. Tinha que ver que gostoso que era! Eu gostava de ir no rio de domingo, porque juntava todas. Nós éramos muito amigas... [sic]”²⁰

Em todos os trabalhos aqui citados, percebe-se a intenção de seus autores de suprir uma lacuna verificada na memória de São Caetano no que tange às mulheres, às suas histórias, lembranças, atividades, valores e costumes. As considerações feitas, ao longo deste artigo, tiveram como intuito apresentar um panorama do que foi produzido a respeito do tema, de modo a contribuir também, mesmo que de maneira modesta, para a consolidação da presença das mulheres na memória local.



Mafalda Lorenzini, integrante da Associação de Proteção e Amparo à Maternidade e à Infância (Apami) procedendo à entrega de enxoval (c. 1960)



Sócias-fundadoras da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano em foto tirada diante do Hospital São Caetano, na década de 1950. Identificadas: Estela Picossi, Mirtes Rodrigues, Luiza Marucci, Ophélia Barile, Odete Fraissat Paez, Maria Vicentini, Amália Pimenta, Bruna C. Ricci, Mafalda Lorenzini e Dorinda Locoselli

As mulheres

NA HISTORIOGRAFIA BREVES CONSIDERAÇÕES

Com o surgimento de novas propostas historiográficas, em virtude da crise que atingiu a produção tradicional do conhecimento histórico, as mulheres firmaram-se como objeto de estudo e pesquisa. Antes dessa inserção, como argumenta Michelle Perrot, uma das mais renomadas historiadoras do tema, havia um predomínio da atuação dos “grandes homens” nas pesquisas tradicionais, o que excluía as mulheres da historiografia. Mas, com a emergência de um conjunto vasto de fontes históricas, muitas das quais surgidas no espaço privado, e com a veiculação de novas leituras de documentos ditos oficiais, a história das mulheres mostrou-se como uma das mais promissoras.

Na década de 1960, o movimento feminista exerceu significativa influência sobre ela. O seu desenvolvimento inicial, aliás, processou-se em estreita relação com esse movimento, criando condição para a sua afirmação enquanto campo do conhecimento histórico. Nos anos de 1970, a influência ficou por conta do marxismo, ao passo que, no decênio seguinte, a história das mulheres redefiniu seu espaço, centralizando-se nas questões referentes à categoria de gênero, o que possibilitou estudos destinados a considerá-las em suas complexas relações com o universo masculino dentro de contextos políticos, econômicos, sociais e culturais. O impulso dado, neste sentido, deu-se em razão da própria amplitude da categoria gênero, que, ao contrário do que se pensa, não se limita a abordagens feitas às mulheres, apenas.

Como salienta a historiadora francesa Gabrielle Houbre, o gênero é uma categoria que trata da construção social e cultural dos sexos, das identidades sexuais.

No Brasil, a história das mulheres acompanhou, de um certo modo, o percurso da historiografia estrangeira, sofrendo as influências de correntes estruturalistas que as concebiam como resultado das condições socioeconômicas e como vítimas, despidas de qualquer consciência e atuação histórica. Por outro lado, na década de 1980, as pesquisas passaram a investigá-las como sujeitos históricos, analisando o seu cotidiano a partir das ideias políticas de resistência e da transformação de sua realidade. **R**

NOTAS

¹MARTINS, José de Souza. Subúrbio. *Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992, p. 18.

²CAIRO, Esperança Martorelli; RUFINI, Claudinei. Bravas, mulheres. *Raizes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 43-44, jan. 1991, p. 43.

³Ibidem, p. 44.

⁴Ibidem, p. 44.

⁵Ibidem, p. 44.

⁶MARTINS, José de Souza, op. cit. apud VERONESI, Henry. Omissões históricas (as mulheres de São Caetano). *Raizes*, São Caetano do Sul, n. 14, p. 12-13, jul. 1996, p. 13.

⁷O livro *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul* foi publicado em 1998. É fruto do projeto editorial mantido pela Prefeitura Municipal, no período entre 1997 e 2000.

⁸As antigas moradoras de São Caetano que forneceram seus depoimentos a Carla Cristina Garcia foram: Shizue Toyoda, Helena Kaminsk, Maria Conceição Rodrigues Dias, Henriqueta Martiello Perin, Irene Marques Biagi, Esperança Martorelli Cairo, Joana Olga Tegon e Maria Elisa Leal Cardoso. O conteúdo de suas histórias passam, basicamente, por aspectos e episódios de suas vidas familiares, englobando também as suas relações com o universo mais amplo da vida em São Caetano, o qual compreende o trabalho e as inúmeras práticas de sociabilidades. Além dos nomes citados, outros aparecem ao longo do livro. Os testemunhos deles advindos permitiram também à autora de *As Outras Vozes* produzir uma narrativa histórica sobre a localidade pela perspectiva feminina.

⁹GARCIA, Carla Cristina. *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998, p. 10.

¹⁰Ibidem, p. 9-10.

¹¹Ibidem, p. 69.

¹²Ibidem, p. 70.

¹³O jornalista Paulo Heras produziu uma matéria sobre Olga Montanari de Mello. Publicada na 11ª edição da Revista *Raizes* (julho de 1994), com o título *Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano*, a mencionada matéria aponta a trajetória dessa personagem em São Caetano do Sul, enfatizando as histórias que ela própria lhe relatou, como as relativas à sua participação na campanha em prol da autonomia política da cidade e à frente da Câmara Municipal, além das lembranças atinentes à sua vida pessoal.

¹⁴MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 80 apud GARCIA, Carla Cristina, op. cit., p. 81.

¹⁵MORETTI, Laura apud GARCIA, Carla Cristina, op. cit., p. 81.

¹⁶FIOROTTI, Itália apud GARCIA, Carla Cristina, op. cit., p. 82.

¹⁷Bruna Cassetari Ricci foi outra personagem abordada pela Revista *Raizes*. Intitulado *Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano*, tal artigo, de Henry Veronesi, publicado na edição de número 7 de tal revista (julho de 1992), ressalta as campanhas filantrópicas desenvolvidas, em São Caetano, sob a coordenação dela, desde alguns anos antes da emancipação da localidade até os primeiros anos de sua vida enquanto município. Ao se propor a revelar histórias que integraram o percurso de algumas mulheres, a Revista *Raizes* também deixou sua contribuição no sentido da recuperação das memórias femininas na cidade.

¹⁸Ofélia Barile foi outra filantropa de São Caetano do Sul que teve seu nome lembrado pela Revista *Raizes*. Em seu 37º número, de julho de 2008, Mário Porfírio Rodrigues, no artigo *As abnegadas benfeitoras de São Caetano do Sul: a história de Ofélia Carmela Barile*, apresenta os principais episódios que marcaram os serviços prestados pela personagem destacada junto a projetos e campanhas beneficentes organizados no município. O espaço aberto pela referida revista às memórias de mulheres que inscreveram seus nomes no rol das ações beneficentes e filantrópicas de São Caetano só confirma o quanto essa faceta caritativa da vida feminina era socialmente bem aceita. A filantropia era, por assim dizer, um dos ramos da vida pública mais afeitos ao universo das mulheres.

¹⁹GARCIA, Carla Cristina, op. cit., p. 40-41.

²⁰MANTOVANI, Michelina Paolillo apud GARCIA, Carla Cristina, op. cit., p. 34.

(*) *Cristina Toledo de Carvalho*, historiadora, supervisora do Museu Histórico Municipal e mestre em História Social pela PUC/SP.

CANTINHO FEMININO

Antiga coluna do Jornal de São Caetano destinada às mulheres

A coluna Cantinho Feminino foi inaugurada na edição de 12 de agosto de 1950 do *Jornal de São Caetano*. No texto de abertura, a sua colunista, Luiza Aragão Walbuhl (que assinava apenas Luiza), expôs a proposta do espaço, destacando os assuntos que seriam nele tratados a partir de então. A iniciativa de reservar uma pequena coluna ao público feminino, em um jornal que tinha um perfil combativo, é algo a ser considerado e discutido.

O *Jornal de São Caetano* já trazia, em seu bojo, um espírito reivindicador. Apresentando-se como o porta-voz dos interesses sul-sancaetanenses, o referido periódico, no início da década de 1950, publicou uma série de reportagens assinadas por Theophilo de Souza Carvalho, com a finalidade de denunciar os problemas que faziam parte do cotidiano da população, como os alusivos à precária infraestrutura urbana (incipiente serviço de saneamento básico, más condições das vias

públicas e carência de hospitais). Essa postura crítica frente a essas questões de cunho político-administrativo pode ser concebida como um traço herdado dos propósitos que motivaram o próprio surgimento do jornal, em julho de 1946. Dentre tais intentos, estava o de reivindicar melhorias para o então subdistrito de São Caetano, o que acabou criando condição para o seu engajamento em campanhas de relevo para a história local, como a autonomista, que vislumbrava o desmembramento político de São Caetano em relação ao município de Santo André.

Esse era o contexto no qual a coluna Cantinho Feminino nasceu e desenvolveu-se. A sua inserção no *Jornal de São Caetano* sugere uma preocupação de seus editores com o público representado pelas mulheres, um filão de leitoras em potencial. Embora o objetivo da coluna fosse bastante tradicional e conservador, uma vez que orientava seus textos a partir de temáticas e assuntos que só serviam para endossar os papéis socialmente atribuídos às mulheres, como o de dona de casa, esposa e mãe, não trazendo, assim, nada de inovador, o espaço Cantinho Feminino sinalizava para a importância da presença da mulher na vida sul-sancaetanense. Esta foi, aliás, uma das justificativas apresentadas por sua colunista no texto inaugural, publicado sob o título “Vamos ficar amigas?”:

“São Caetano cresce prodigiosamente.

A sua população aumenta. Consequentemente, cresce o número de leitoras deste Jornal e é a elas que fazemos esta surpresa.

Leitora amiga, você terá aqui o seu ‘Cantinho,’ com assuntos inteiramente dedicados a você e ao seu lar.

Procuraremos desta forma contribuir

Também para a evolução que já vem tendo, com a cidade, o nosso pequeno mundo feminino. [...]”

A “evolução” anunciada não condizia com o teor do que era veiculado pela coluna, pois tinha suas raízes fortemente fincadas no universo privado e na rotina doméstica das mulheres, não enveredando seus textos para questões que estavam além desse espaço (vale lembrar que havia respaldo histórico para tanto. A participação de mulheres nas indústrias, na vida religiosa, filantrópica e política do mu-

CANTINHO FEMININO

VAMOS FICAR AMIGAS ?

São Caetano cresce prodigiosamente. A sua população aumenta. Consequentemente, cresce o número de leitoras deste Jornal e é a elas que fazemos esta surpresa.

Leitora amiga, você terá aqui o seu "Cantinho", com assuntos inteiramente dedicados a você e ao seu lar.

Procuraremos desta forma contribuir também para a evolução que já vem tendo, com a cidade, o nosso pequeno mundo feminino.

Aceitaremos de bom grado as suas sugestões, atenderemos consultas que nos forem feitas, enfim, colaboraremos em tudo com você, amável leitora.

Vamos ficar amigas, vamos ?

LUIZA

A primeira noiva que se vestiu de branco, com flôr de laranjeira, foi a formosíssima Maria Stuart, rainha da Escócia, ao casar com Francisco de Valois, em 1558, e só em fins do século XVI essa moda se generalizou.

Seja sempre cuidadosa com suas roupas e objetos caseiros e não deixe para amanhã os cuidados que lhes poderá dispensar hoje.

É de Napoleão Bonaparte este pensamento: «Uma mulher bonita agrada aos olhos; uma mulher boa agrada ao co-

ração. Uma é uma jóia, a outra é um tesouro».

Receita Culinária Pãozinho com salsicha

100 gramas de queijo ralado e fresco; 1 colherinha de manteiga, 1 xícara de leite, 1 pitada de sal e farinha de trigo que dê para formar uma massa. Depois de tudo bem amassado, abre-se a massa com o rôlo, corta-se em pedacinhos, coloca-se nestes uma salsinha e enrolam-se. Picele-se com gema por cima e leve-se ao forno quente. Servem-se quentes.

Texto inaugural da coluna Cantinho Feminino, publicado na edição de 12 de agosto de 1950 do Jornal de São Caetano

CANTINHO FEMININO

QUITUTES

Qual a mulher que não aprecia do seu maridinho ao menos um sinalzinho de aprovação a um prato novo que ela preparou para o almoço ou jantar?

E você mocinha, que ainda trabalha, experimente, si já não o faz, a ficar um pouquinho na cozinha, no domingo de manhã e verá como é agradável aprender sempre alguma coisa nova.

Dou-lhes pois aqui uma ótima receita, já experimentada, a qual espero lhe agrade, e si você souber de alguma novidade em culinária, não gostaria de dar-me a receita? Assim ela seria publicada para tantas outras amigas desejosas de aprender sempre.

— Eu sei que você mandará e portanto, desde já muito obrigada.

LUIZA

Torta de Abacaxi

Recheio

Descasca-se o abacaxi, passando-o na máquina de moer carne e faz-se o creme; (para 2 xícaras de abacaxi moído, 1 colher de maizena e açúcar a gosto, misturando-se bem e pondo-se no fogo até o ponto de creme).

Massa Pão-de-ló

6 gemas, 6 colheres de açúcar, 6 colheres de farinha de

trigo e 1 colher de sopa de pó Royal.

Massa de Suspiro

6 claras, para cada clara, 3 colheres de açúcar e umas gotas de limão. Bate-se até ficar em ponto de neve.

Modo de preparar a Torta

Estando o pão-de-ló frio, põe-se na fôrma novamente e espalha-se em cima o creme de abacaxi. Cobrir em seguida com a massa de suspiro, levando-se ao forno para corar.

O segundo texto, publicado em 19 de agosto de 1950, privilegiou um dos assuntos mais abordados pela coluna: culinária. Na ocasião, uma receita de torta de abacaxi foi divulgada

CANTINHO FEMININO

VESTIDO DE NOIVA

Oh! Quantas e quantas jovens sonham com o seu vestido de noiva. E têm razão, pois é constituição ideal de quasi tôdas e é sempre tão lindo. Nunca vi até hoje uma noiva que não ficasse bonita assim vestida, luxuoso ou não, o vestido de noiva dá sempre à moça uma beleza radiante e aquele ar de pureza.

O vestido branco, renova e relembra a "toça pura" usada pelos romanos. Na China porém, vestido branco significa luto, a veste nupcial da moça é vermelha.

A noiva ao escolher o seu vestido, terá diversos pontos a considerar, tal como o seu tipo físico, sua idade, hora da cerimônia, a estação do ano e, é claro, a moda do momento.

Não deverá ela porém estar muito em desacôrdo com a sua posição social, isto é, levar-se a luxo extremo e extraordinário, quando se tratar de jovem de vida e família relativamente simples. Esmere-se entretanto na escolha e faça-o tanto quanto a sua situação ou a do noivo o permitir.

LUIZA

Texto publicado na edição de 2 de setembro de 1950. A dica da vez era no tocante a vestido de noiva

CANTINHO FEMININO

REFLEXÕES SOBRE CASAMENTO

O casamento aos vinte anos é um perigo. Aos trinta anos uma esperança. Aos quarenta uma necessidade.

CONSELHOS A UMA NOIVA

Nas discussões, como em tudo, os casados não devem perder o respeito mútuo. Há mulheres que respondem ao marido coisas que se envergonhariam de dizer ao último dos seus criados.

Difícil é tornar um filho digno. Difícil, quasi impossível, quando os pais não têm noção de dignidade.

Constância C. Vigil
«EL ERIAL»

Se o casamento durasse
Semanas, meses fatais,
Talvez eu me abalançasse;
Mas tôda a vida... é demais.

As lágrimas são o refúgio das mulheres feias e a ruína das mulheres bonitas.

Quando a maioria se exalta — acalme-se; quando todos gritam — cale-se ou fale baixo.

AS SENHORAS DEVEM SABER...

Quando se despir, não pendure imediatamente o seu vestido. Coloque-o num cabide e deixe-o sujeito à ventilação durante tôda a noite. Evitará assim, o freqüente uso do ferro que prejudica, muitas vezes, os tecidos delicados.

Que a mistura de sal e sumo de limão é muito eficaz para tirar da roupa as manchas de bolor.

Em caso de queimar levemente, com o ferro de passar, a roupa branca, esfrega-se a mancha com a parte interna de uma cebola cortada em dois e deixa-se secar ao sol.

Dicas domésticas, como as relativas à limpeza da casa e das roupas, eram também o forte da coluna. Neste texto, de 30 de setembro de 1950, a autora divulgou às leitoras uma dica para a remoção de manchas de bolor nas roupas e as deixadas pelo ferro de passar

CANTINHO FEMININO

BOM TOM

Para o sucesso na luta pela vida, importa muitíssimo a apresentação pessoal que é o cartão de visita das criaturas ciosas de um bom conceito geral.

Com a dificuldade econômica que a maioria delas enfrenta, não é de estranhar que, em benefício do guarda-roupa seja ela bastante parcimoniosa e faça restrições de gasto. Nesta hora é que se faz valer, o que de maior utilidade prática e imediata tiver. O fato de que o guarda-roupa não esteja abarrotado, não autoriza a mulher a apresentar-se mal vestida. O que em regra faz com que as pessoas sejam consideradas ou não elegantes, não é o número de trajes, mas sim a propriedade de seu uso no tempo e no espaço. Justamente por essa razão é que se tem a obrigação de saber o que se deve e se pode vestir. Uma das maneiras mais acertadas de se enquadrar nestas normas de boa apresentação, é a escolha de acessórios e indumentária que sejam essencialmente simples e práticos e que se prestem para as mais diversas ocasiões.

LUIZA

Texto publicado na edição do dia 16 de setembro de 1950

No dia 26 de agosto de 1950, a coluna Cantinho Feminino abriu espaço para tratar de questões sentimentais, encaminhando conselhos para a manutenção da harmonia no casamento

CANTINHO FEMININO

ANIVERSÁRIOS DE CASAMENTO

No seu lar reinará sempre mais harmonia si você souber conservar pelo menos um pouco daquele romantismo do tempo de namorados. Não deixe cair no esquecimento, a luz, os momentos de enlêvo e as belas recordações do seu noivado.

Você se lembra do dia do primeiro beijo? Lembra-se da data em que começaram a namorar? Do dia em que ficaram noivos? Os homens são em geral menos românticos, porém não deixe nunca morrer no seu maridinho a recordação dessas passagens.

Principalmente, não deixe passar despercebido o aniversário de casamento. É também um fator importante para que a sua vida matrimonial não se torne, com o tempo, insípida e desinteressante.

Não seja exigente demais, porém não perdoe ao seu espôso a falta de um presentinho nêsse dia — e não esqueça de presentear-lo, pois "êles" também gostam de receber —. Por pior que seja a sua situação financeira, não acredite que você não seja capaz de fazer uma dessas milagrosas economias e lhe compre ao menos um lenço.

LUIZA

Para melhor lembrança, dou-lhe aqui os nomes dados aos aniversários de casamento:

1.º aniversário — Bodas de algodão; 2.º — Bodas de papel; 3.º — Bodas de couro; 4.º — Bodas de madeira; 5.º — Bodas de ferro; 7.º — Bodas

de lã; 10.º — Bodas de estanho; 12.º — Bodas de seda ou linho; 15.º — Bodas de cristal; 20.º — Bodas de porcelana; 25.º — Bodas de prata; 30.º — Bodas de pérola; 40.º — Bodas de rubi; 50.º — Bodas de ouro; 60.º — Bodas de diamante.

CANTINHO FEMININO

SERÁ ESTA A SUA DIFICULDADE

Constantemente, ouvimos comentários e queixas de maridos que se proclamam contra as suas espôsas, por interromperem a leitura do seu jornal ou livro predilêto.

É realmente desagradável ter que desviar a atenção da sua leitura, para ouvir um comentário sobre a moda, ou uma desavença com a vizinha, ou uma malcriação da empregada, porém, o que fará a «pobre mulherzinha» se o seu marido chegar em casa com o livro ou jornal já aberto no caminho, der apenas um beijinho à sua espôsa e afundar-se logo numa poltrona, para continuar tão interessante leitura; fazer um intervalo para o jantar (ou mesmo — o que não é muito recomendável, nem de boa ética — ir com o livro à mesa) e depois dêste, até a hora de dormir, seguir «enterado» na sua leitura?

A única solução e conselho que posso dar a essa espôsa é a seguinte atitude:

— «Maridinho, seria possível você marcar-me hora diariamente, ou quiçá três vezes por semana, para lhe falar, pelo menos quinze minutos, afim de expor-lhe dificuldades, ou problema, ou ainda contar-lhe alguma novidade que me ocorrer?»

Se ainda, para não interrompê-lo, você não conseguir nem fazer esta pergunta, dirija-se a êle por carta, com o endereço da firma onde trabalha, fazendo-lhe êste pedido e, quem sabe, obterá algum resultado.

LUIZA

Quando uma peça do seu vestuário se descoser em qualquer parte, conserte imediatamente. Uma negligência poderá provocar um rasgão e o trabalho seria dobrado e mais dispendioso.

—///—

Não use, na cozinha, um pano de prato novo para retirar do forno os pratos e assadeiras, pois correrá o risco de queimá-lo; nem use pano molhado porque poderá queimar-se. Reserve, para êsse fim, uma toalha mais velha.

Não deixe os seus pentes ficarem muito sujos; para limpá-los terá que submetê-los a uma limpêsa mais enérgica. É preferível trocá-los mais frequentemente, o que é também mais higiênico.

Em 9 de setembro de 1950, a coluna deu, novamente, grande destaque a um assunto de natureza sentimental. Sua autora deixou orientações de como as mulheres deveriam proceder diante da desatenção de seus maridos

CANTINHO FEMININO

CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO POR CORRESPONDÊNCIA

Uma grande novidade para você! É possível agora fazer-se um curso de preparação para o casamento, por correspondência.

A preparação para o casamento tornou-se hoje em dia, quando quasi tudo aparenta corroer-se, uma grande necessidade, oferecendo aos jovens, meios de compreenderem o ideal de casamento antes de realizá-lo.

Este curso é dividido em duas partes: a primeira, poderá ser seguida por todos os jovens a partir de 16 anos de idade e a segunda parte, dirige-se somente aos noivos, àqueles ou àquelas que pretendem casar-se no espaço de um ano; aos casados, ou a certas pessoas cuja profissão ou situação moral justifique a admissão ao curso.

Si você estiver interessada em maiores detalhes, solicite informações ao «Serviço de Preparação ao Casamento» — Editora Fides Ltda., Av. Rangel Pestana, 21 - 3.º andar, Caixa Postal, 258-B — São Paulo.

L U I Z A

Os caramujos transmitem a xistosomose. A maneira mais eficiente de combate a estes moluscos é o sal ou água salgada.

* * *

Quando as roupas brancas ficarem demasiadamente aniladas, enxague-as novamente em água limpa com uma colher de vinagre; ficarão brancas e de belo aspecto.

* * *

NORMAS DE CONDUTA :

Um amável sorriso faz maravilhas.

Recorde os nomes das pessoas que encontrar.

Evite mexericos; nunca se intrometa em assuntos pessoais. Quando você estiver errado, admita-o prontamente com franqueza.

Diga «muito obrigado» significativamente, não por simples cortezia.

Irradie amizade, entusiasmo, boa vontade!

A divulgação de um curso de preparação para o casamento foi o assunto em pauta na coluna, na edição de 11 de novembro de 1950

CANTINHO FEMININO

NOIVADO

Tal como a carreira religiosa, para a qual a jovem que a abraça, necessita de um estágio preliminar — o noivado — para se por ao par dos costumes e regras que terá de seguir, o casamento exige também o noivado, durante o qual os dois jovens que pretendem formar um lar, devem conhecer-se sincera e mutuamente, descobrindo-se as qualidades e defeitos, procedendo ambos com toda a franqueza. Evitarão assim os choques que sem dúvida adviriam se demonstrassem, apenas para serem agradáveis um ao outro, virtudes e hábitos que na realidade não possuísem.

A infelicidade no casamento provém, na maioria das vezes, da falta de sinceridade no noivado. Quantas jovens há que exibem sua costura, fazem (com as mãos da mamãe) pratos deliciosos, conhecem puericultura, adoram as crianças, essas criaturinhas encantadas! e ao enfrentarem mesmo a vida real, não sabem pregar um botão, preparar um simples almoço, fazer o mais leve curativo e queixam-se ainda de serem os filhos de «estórvos» à sua vida social, um envelhecimento prematuro e muitas outras coisas desagradáveis.

Muitas nem sequer meditam na grande responsabilidade que assumirão, nem para ela se preparam... Preocupam-se sim com uma linda casa, bonito enxoval, e uma vida risonha ao lado de quem ama que é simpático, traja-se bem, tem automóvel, etc. e nem se lembram que um dia «esse príncipe encantado» se apresentará tal como é, com seus maus momentos, seu cansaço, seus desgostos e preocupações; que terão de cuidar de sua roupa, da casa e dos filhos.

O período de noivado, não é para se construir castelos de areia e sonhar com possibilidades remotas. Deve ser um estágio preparatório, durante o qual se constróem bases seguras para um lar que possa resistir às tempestades do grande mar da vida.

Se a noiva, longe de se deixar levar pela felicidade que destruta durante o noivado, transformar este numa vigília de armas para se preparar para a investidura sublime do matrimônio, mais tarde então, no oceano da vida, seja êle calmo ou agitado por fortes vendavais, navegá-lo, ela e o espóso, como dois barcos bem construídos e aparelhados, evitando correntes de vento, sempre unidos e no rumo certo, guiados pela bússola de um verdadeiro amor e haverá assim a certeza de felicidade.

Texto da edição de 14 de outubro de 1950. Ao relatar sobre a importância do período de noivado, a coluna Cantinho Feminino endossou as atribuições exclusivas ao papel das mulheres na sociedade

Na edição de 16 de dezembro de 1950, novas receitas foram encaminhadas pela coluna

CANTINHO FEMININO

RECEITAS PARA AS DONAS DE CASA

SOPA DE TOMATES

Cortam-se os tomates e refogam-se em gordura e cebolas. Tempera-se com sal e pimenta e junta-se água. Quando ferver, tira-se e passa-se em uma peneira. Põe-se novamente no fogo e engrossa-se com farinha de trigo torrada, deixando ferver uns 10 minutos.

EMPADINHAS LIGEIRAS

6 colheres de queijo ralado, 2 colheres de farinha de trigo, 2 ovos, 1 chicara de leite, um pouquinho de sal. Mistura-se tudo muito bem, enchem-se as

forminhas e assam-se as empadinhas em forno quente. Servem-se nas forminhas.

PUDIM DE MAMÃO

1 mamão maduro, meio quilo de açúcar, 3 colheres de farinha de trigo, 2 de manteiga, 5 ovos. Descasca-se o mamão e tira-se as sementes. Leva-se ao fogo com um pouco de água e o açúcar, deixando-se ferver. Quando o mamão amolece, tira-se da calda e desmancha-se com um garfo. Deixa-se a calda cozinhar até engrossar um pouco, juntandose a farinha e a manteiga. Mistura-se bem, acrescentando o mamão e os ovos, um a um. Assa-se em forma untada com manteiga.

nicípio, no início dos anos 1950, não deixa mentir). Sendo assim, o carro-chefe do Cantinho Feminino foram os conselhos sentimentais destinados a noivas e esposas, as dicas de limpeza e conservação da casa, roupas e utensílios, além das relativas à beleza, saúde e higiene e das famosas receitas culinárias. Estas, via de regra, acompanhavam boa parte dos textos divulgados pela coluna. Tal era o valor do tema culinária que sua autora chegou a posicionar-se da seguinte forma, já no segundo texto, publicado em 19 de agosto de 1950, com a denominação “Quitutes:”

“Qual a mulher que não aprecia do seu maridinho ao menos um sinalzinho de aprovação a um prato novo que ela preparou para o almoço ou jantar?”

E você mocinha, que ainda trabalha, experientemente, si já não o faz, a ficar um pouquinho na cozinha, no domingo de manhã e verá como é agradável aprender sempre alguma coisa nova. [...]”

Os conselhos sentimentais, outro assunto que ocupava grande espaço na coluna, evidenciavam também o que a sociedade da época esperava da mulher, pontuando suas responsabilidades e obrigações junto ao lar, ao marido e aos filhos. O texto da edição de 14 de outubro de 1950 é bastante elucidativo, neste aspecto, apresentando-se como uma espécie de parecer sobre a questão:

“A infelicidade no casamento provém, na maioria das vezes, da falta de sinceridade no noivado. Quantas jovens há que exibem sua costura, fazem (com as mãos da mamãe) pratos deliciosos, conhecem puericultura, ‘adoram as crianças, essas criaturinhas encantadas!’ e ao enfrentarem mesmo a vida real, não sabem pregar um botão, preparar um simples almoço, fazer o mais leve curativo e queixam-se ainda de serem os filhos um ‘estôrvo’ à sua vida social, um envelhecimento prematuro e muitas outras coisas desagradáveis.

Muitas nem sequer meditam na grande responsabilidade que assumirão, nem para ela se preparam... Preocupam-se sim com uma linda casa, bonito enxoval, e uma vida risonha ao lado de quem ama [...] e nem se lembram que um dia ‘esse príncipe encantado’ se apresentará tal como é, com seus maus momentos, seu cansaço, seus desgostos e preocupações; que terão de cuidar de sua roupa, da casa e dos filhos. [...]

Se a noiva, longe de se deixar levar pela felicidade que desfruta durante o noivado, transformar êste numa vigília de armas para se preparar para a investidura sublime do matrimônio, mais tarde então, no oceano da vida, seja êle calmo ou agitado por fortes vendavais, navegarão, ela e o espôso, como dois barcos bem construídos e aparelhados, evitando correntes de vento, sempre unidos e no rumo certo, guiados pela bússola de um verdadeiro amor e haverá assim a certeza de felicidade.”

Nos dias de hoje, opiniões dessa natureza provocam um significativo impacto, criando condição para que sejam classificadas como machistas e preconceituosas. Sem a pretensão de analisá-las a fundo ou de concebê-las com base em um dualismo simplista do certo e errado, cumpre esclarecer que elas são fruto de um período histórico e de todas as suas complexidades conjunturais, refletindo, claramente, o modo como as diferenças e as relações entre os gêneros eram pensadas e praticadas na sociedade da década de 1950. A coluna Cantinho Feminino, mesmo com uma trajetória curta (em 1952, já não era mais publicada, porém, uma pesquisa mais apurada poderá averiguar se, nos anos seguintes, ela foi retomada), constitui-se num paradigma desse modo de pensar e conceber a mulher. Os seus textos representavam-na conforme os referenciais da época, ou seja, como mãe, esposa e grande responsável pela gestão do lar. **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



*Retrato de Tosca
Masini, filha de Romeu
Masini e viúva de
Antonio Causolari.
Foto da década
de 1920*

EM FOCO E EM

foca



Uma crônica sobre mulheres

(*) *João Tarcísio MARIANI*

O

tema principal desta edição da Revista *Raízes*, que ocupa a seção *Em Foco*, está dirigido às MULHERES e, por isso, imaginamos que esta crônica deveria ser voltada para esse assunto, com destaque para o sexo frágil em São Caetano. Como a nossa memória recente se lembra muito mais do passado distante, dirigimos o foco das nossas lembranças para o tempo da nossa infância no Bairro da Fundação. Ao recordar daquela época, nos vem à mente a comunicação boca a boca daqueles tempos, uma espécie de “marketing de rede”. A notícia era transmitida pessoalmente e certos ditados populares como “Notícia ruim chega depressa” e “Mentira tem perna curta” eram incorporados tão seriamente que se tornavam quase infalíveis.

Como os homens, em geral, estavam centrados em longas e pesadas jornadas de trabalho, sobrava para as mulheres, a difícil e complicada tarefa de retransmitir as notícias da rua, do bairro, da cidade e dos arredores. Essa afirmação poderia ser julgada, precipitadamente, como ofensiva para a atividade e para as mulheres daquela época, por isso, por favor, nos deem tempo para “molhar o bico”.

Explicando melhor, as mulheres agregavam a seus afazeres domésticos (nunca menos estafantes do que os dos homens) tarefas como: fazer compras na venda ou no empório, onde se adquiriam secos e molhados (nome dado a toda espécie de produtos para alimentação), levar e buscar as crianças no Grupo Escolar (escola do ensino básico), comprar verduras no “chacareiro” (proprietário de terreno onde se plantavam hortifrutigranjeiros), ir à missa todo santo dia, e, para não esticar, estender a roupa lavada nos varais do quintal para “quarar” (clarear sob o Sol).

Em todas essas atividades elas tinham a oportunidade, ainda que em tempo reduzido e apressado, de manter contato com o “mundo”. Além de ficar claro que elas é que tinham o poder do “marketing de rede”, trazendo e levando as novidades, ainda por cima, eram reconhecidas como donas da casa ou patroas. Vamos ver alguns exemplos de atividades exercidas concomitantemente com as prendas domésticas, mas dentro das quais elas eram importantes veículos de comunicação.

A Dona Fioreta, além de ajudar a cuidar da casa, passava todo o tempo disponível a serviço da Paróquia São Caetano. Era a legítima porta-voz dos assuntos da igreja e ai de quem não rezasse, literalmente, pela cartilha dela: não teria vez nas atividades religiosas ou seria expulsa da igreja por ela. E não adiantaria reclamar com o bispo, pois naquela época ainda não existia a Diocese de Santo André.

A Dona Ida era muito bem informada. Esposa do “chacareiro”, passava o dia atendendo as mulheres que iam comprar verduras e tome conversa: fazia parte do seu trabalho! Discreta do jeito que

era, somente as notícias menos comprometedoras circulavam através dela. Ninguém nunca ouviu dizer que ela fizesse “salada” com a vida dos outros, criasse um “pepino” para alguém e nem mesmo falasse “abobrinhas”.

A Dona Mariazinha, já mais de língua solta, era a mulher do açougueiro e, por isso, louca para divulgar as notícias: mal passadas, bem passadas ou no ponto.

A Dona Norma era a mais séria, sensata e ponderada. As notícias circulavam do jeito que o diabo gostava, mas quando chegavam nela, eram avaliadas, filtradas e interpretadas. Somente depois de analisar bem, ela seria capaz de divulgar algo, ainda assim, com um critério de justiça admirável.

A Dona Rosa só gostava mesmo de notícias bombásticas: brigas, traições, mortes. Mas, como isso não era tão frequente naquele tempo, ela vivia trancada dentro de casa. Mas quando saía, era um Deus nos acuda, porque lá vinha encrenca.

O marido da D. Ada era guarda-livros (contador) e, não sabemos se era por isso, mas ela se dava bem com contas, empréstimo, dinheiro. As outras mulheres a utilizavam como “consultora de negócios”, já que os maridos não eram muito chegados a esses assuntos, usando, como desculpa para a inabilidade na área, o dito que explicava, mas não justificava: “Quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro”.

A Dona Maria Laura era uma especialista em cozinha, em tudo o que se possa imaginar: assados e grelhados, doces e salgados, molhos e temperos; enfim, tudo o que a boa culinária recomendava. Em especial, ela fazia aqueles pratos que davam mais trabalho para preparar e que muitas mulheres sequer se atreviam a tentar fazer. O cheiro de sua cozinha se espalhava pela Rua Ceará, onde morava, depois pelas adjacências e por parte do Bairro da Fundação. A pergunta que mais a vizinhança fazia era: “O que a senhora está preparando hoje?”. O marido da D. Maria Laura, um senhor muito alegre, sempre afirmava que jamais deixaria de ser pobre porque a esposa gastava tudo o que ele ganhava com comida.

Mas ele nunca disse como se fosse coisa ruim, muito pelo contrário, era tão boa como a comida dela e acho que isso também contribuiu para que ele vivesse até 110 anos de idade, sempre com muita saúde.

A Dona Ana era a mulher benzedeira e das orações milagrosas, capazes de curar dor de barriga e soluço de nenê, crise provocada por lombriga em crianças (chamada de “ataque de bicha”, hoje

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vista do Bairro da Fundação na década de 1970

a expressão com certeza seria condenada como homofóbica), erisipela em adolescentes que se machucavam nos esportes, quebranto (mau-olhado) em todas as idades e crise de asma em idosos. Cairia como uma luva para ela o plágio, de uma publicidade atual, de tradicional remédio para dor de cabeça: Santa D. Ana!

Parece que ficou faltando um nome e um tipo de mulher. A mais completa expressão do meio de comunicação vigente naquele tempo: a fofoqueira! Alguém mais atento vai dizer que ela já apareceu na crônica: a Mariazinha, mulher do açougueiro. Mas não é verdade, pois dissemos que ela gostava de passar as notícias adiante. A fofoqueira não é uma simples transmissora de novidades. Ela não se contentaria apenas com essa função na sociedade daquela época, na qual os meios de comunicação não eram bons e nem adequados. Estamos falando de um tempo em que não se tinha dinheiro ou alfabetização para comprar jornal e as poucas pessoas que tinham rádio se queixavam da péssima qualidade do som. Explicação: a Rádio Nacional do Rio de

Janeiro sintonizava melhor do que as emissoras paulistas, então, dava no mesmo, ou a “chiadeira” era do aparelho de rádio ou o chiado vinha dos “esses” dos locutores cariocas, ou ainda, os doissssss.

A fofoqueira era tão “hábil” que não se satisfazia apenas em propagar novidades, muito mais do que isso, criava os elementos líricos e maliciosos necessários para dar cores mais vivas e argumentos mais mirabolantes às suas fofocas. Estamos propensos a reconhecer a imaginação fértil das fofoqueiras daquela época, visualizando nelas uma criatividade tipo João Emanuel Carneiro, autor da novela Avenida Brasil. E, antes que alguém se ofenda, dizendo que as fofoqueiras daquele tempo eram melhores do que ele, pedimos apenas muita “carminha” nessa hora. Pode ser mesmo que a inventividade dele, perto da delas, seja “tipo net”, já que, em sua maioria, elas não haviam frequentado a escola. Aliás, em matéria de criatividade, se o assunto é “**em foco**”, pode ficar para os homens, agora se é “**em fofoca**” deixa para as mulheres.

Nós gostaríamos de encerrar esclarecendo que alguns nomes e, principalmente, alguns perfis de mulheres aqui citados, não são, nem mera coincidência e nem fruto de imaginação, ao contrário, elas existiram mesmo. Por isso, os nomes delas são verdadeiros, quando se tratou de elogiá-las, mas, quando fomos sarcásticos, os nomes são, convenientemente, fictícios.

Vale ressaltar que o mais importante desta crônica é o resgate da memória das mulheres que ajudaram a escrever a história de muito trabalho e de muita fé e que deram sua decisiva colaboração para que, partindo do Bairro da Fundação, a nossa querida São Caetano se transformasse no que é hoje. Nós, de forma despretensiosa, quisemos retratar essas mulheres, muito menos pelo lado da caricatura, e muito mais para enaltecer seu brio e seu decisivo papel na vida e na sociedade da época. Conclusão: nós homens jamais deveremos deixar de manter **em foco, as mulheres.** **R**

(*) João Tarcisio Mariani é consultor de empresas e membro do Conselho Editorial e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Mulheres de São Caetano



Renata Bonesso,
em julho de 1992



Hebe Linguanoto.
Sem data



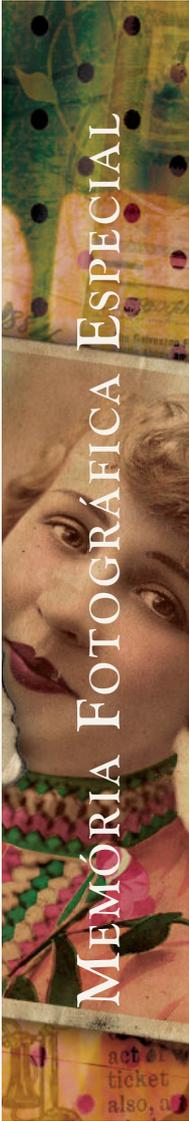
Silvia Regina Morselli.
Foto de março de 1983



Mara Cerqueira Leite em
foto da década de 1980



Olga Scartozzoni.
Foto da década de 1940





Janete Mendes Prieto,
em 18 de abril de 1981



Eunice Iracema Milani.
Foto de 1º de fevereiro
de 1980



Sueli Ventura em
foto da década de 1990





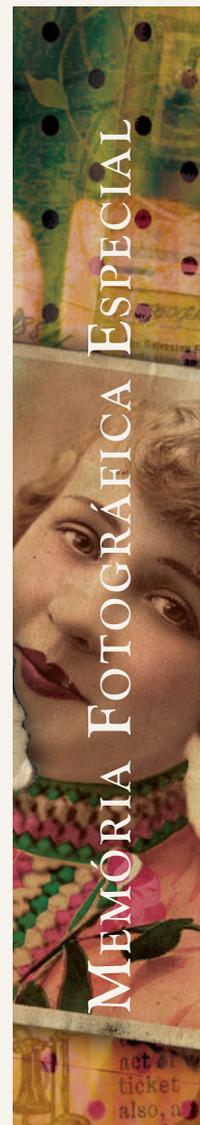
Maria Antonieta
Dal'Mas em foto da
década de 1960



Ada Morelato Burato,
em 17 de outubro de 1948



Lorencina Joana
De Nardi em imagem
de junho de 1960





MEMÓRIA FOTOGRÁFICA ESPECIAL



Noêmia Maria De Nardi,
em foto de 27 de
outubro de 1946



Pedrinha Sangiorgi
Almendra em 1925



Irene Silva.
Foto da década de
1950 (aprox.)



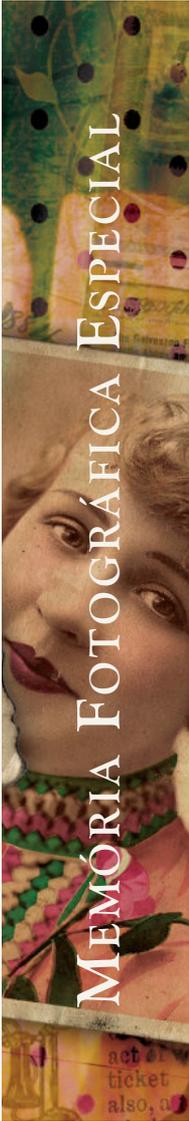
Adalgisa Martorelli,
em foto de 1935



Augusta Dalcin
Boteon, em 1908



Albana Dall'Antonia.
Foto da década
de 1950 (aprox.)





Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Edifício da Fundação Municipal Anne Sullivan

FUNDAÇÃO MUNICIPAL ANNE SULLIVAN: 35 anos de uma escola modelo em educação especial

“Nunca se deve engatinhar quando o impulso é voar.”

Helen Keller

A história da Fundação Municipal Anne Sullivan está ligada a três nomes: Anne Sullivan, Helen Keller e Nice Saraiva. Duas americanas e uma brasileira, de épocas diferentes, mas que tinham em comum o desejo de romper barreiras na área da educação especial, voltada a pessoas que necessitavam de atenção exclusiva e carinho diferenciado, para seguirem na vida de forma mais independente.

Anne Sullivan – Patrona da fundação criada em São Caetano do Sul, Anne Sullivan nasceu em 1866, nos Estados Unidos. Graduou-se, em 1886, como professora de cegos e continuou a aprofundar seus estudos. Foi uma educadora excepcional, mais conhecida por ter sido a docente de Helen Keller, uma adolescente surda e cega, a quem ensinou por meio da linguagem de sinais, através do tato. Anne Sullivan tinha deficiência visual, havia sido quase cega, recuperando alguns sinais de visão após uma série de cirurgias. A história de Helen Keller cruza-se a de Anne Sullivan através da educação especial.

Helen Keller - Ela tinha sete anos de idade quando Anne Sullivan entrou em sua vida, para ensiná-la e também discipliná-la, começando suas aulas a partir da obediência e do alfabeto ASL, a língua dos sinais. Helen ficou cega e surda devido a uma doença (acredita-se que tenha sido escarlatina). Anne acompanhou Helen durante quase toda a sua

vida, desde a infância à universidade e depois nas viagens e palestras. Foi sua professora, companheira e protetora.

Ao final de sua vida, Anne Sullivan (falecida em 20 de outubro de 1936) recebeu o reconhecimento da Universidade Templo, o Instituto Educacional da Escócia e da Fundação Memorial Roosevelt pelo ensino a Helen Keller, que viveu até 1º de junho de 1968.

Nice Saraiva Tonhozi - Foi professora na Escola Paroquial de São Caetano, na década de 1950. Nice começa a interessar-se pela educação especial através da admiração que nutria por Anne Sullivan. Na década de 1960 especializou-se na educação para deficientes visuais, começando ali sua trajetória de professora para surdos-cegos. Estagiou, durante um ano, na Escola Perkins para Cegos, no Departamento de Surdos, nos Estados Unidos. Iniciou seu trabalho com uma classe especial no Instituto de Cegos Padre Chico, em São Paulo, e em um Programa de Educação

Professora Nice Saraiva em sala de aula. Foto de 11 de novembro de 1969

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



para Atendimento de Adultos na Fundação Dorina Norwill. Em 1968, Nice procurou o prefeito Hermógenes Walter Braido para expor seu projeto de uma escola especial em São Caetano do Sul. O prefeito liberou uma área no antigo Bosque do Povo, no Bairro Santa Maria, para a construção do Centro de Recuperação Infantil.

O prédio - De formato circular, o projeto baseava-se no princípio de que serviria às crianças deficientes audiovisuais e portadoras de necessidades especiais. O local para jogos e diversões ficaria situado bem ao centro do círculo, evitando o olhar e a presença de pessoas estranhas ao aprendizado. Por outro lado, facilitaria também a supervisão por parte dos professores e instrutores.

Na década de 1970, a professora Nice Saraiva e o professor Geraldo Sandoval de Andrade, presidente da Associação Brasileira de Educação de Deficientes Visuais, retomaram o projeto original do Centro de Recuperação Infantil e, com o apoio do prefeito Raimundo da Cunha Leite, foi criada a Fundação Municipal Anne Sullivan e sua escola de Educação Especial.

A criação da Fundação Municipal Anne Sullivan - A Fundação Municipal Anne Sullivan (Fumas) e a Escola de Educação Especial Anne Sullivan foram criadas pela Lei Municipal nº 2.445, de 15 de setembro de 1977. Está localizada na Alameda Conde de Porto Alegre, 820, no Bairro Santa Maria.

A Fumas mantém a Escola de Educação Básica Anne Sullivan, a Clínica de Atendimento Terapêutico e, em parceria com a Secretaria de Educação, é também responsável pelo Programa de Inclusão Educacional no município. É referência internacional nas áreas de surdez, surdocegueira, paralisia cerebral e autismo infantil. A Fundação mantém intercâmbios com entidades dos Estados Unidos, Argentina, Inglaterra e Espanha, para troca de informações sobre estudos e tratamentos clínicos, ensino básico infantil, fundamental e médio e de educação específica. A escola conta, também, com o Programa de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que consiste em especialistas na educação especial atuando no acompanhamento,

Professora Débora Rosa desenvolvendo, individualmente, atividade pedagógica para surdocego. Foto da década de 1990



Projeto Canicho, desenvolvido pela Fundação Anne Sullivan em parceria com o Canil Municipal, com o objetivo de desenvolver tato, percepção, leveza e toque. Foto de 2002



Oficina pedagógica para alunos surdos-cegos. Foto da década de 1990



orientação e formação de professores de escolas regulares da rede municipal, que tenham alunos com deficiência em programas de inclusão.

Trajetória - Da ideia inicial à força de vontade empreendida pela professora Nice Saraiva, criou-se uma escola modelo, que a cada dia avança com novas técnicas terapêuticas e educacionais, fazendo com que a vida de crianças com necessidades especiais não seja tão dura, tornando-as capazes de enfrentar as adversidades e interagirem com seus semelhantes, de maneira igual.

E é com essa trajetória que a Escola de Educação Básica Anne Sullivan, mantida pela Fundação Municipal Anne Sullivan, registra, historicamente, o pioneirismo na educação de crianças e jovens com necessidades especiais, no Brasil e na América Latina, nesse caminho que completa, em 2012, 35 anos. **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

() Com colaboração de Adriana Gomes Fonseca, diretora da Fundação Municipal Anne Sullivan, e Solange Teixeira Cardoso Keller, orientadora educacional.*

100 ANOS DE MATARAZZO EM SÃO CAETANO DO SUL Uma cronologia fabril

(*) *Everton CALÍCIO*

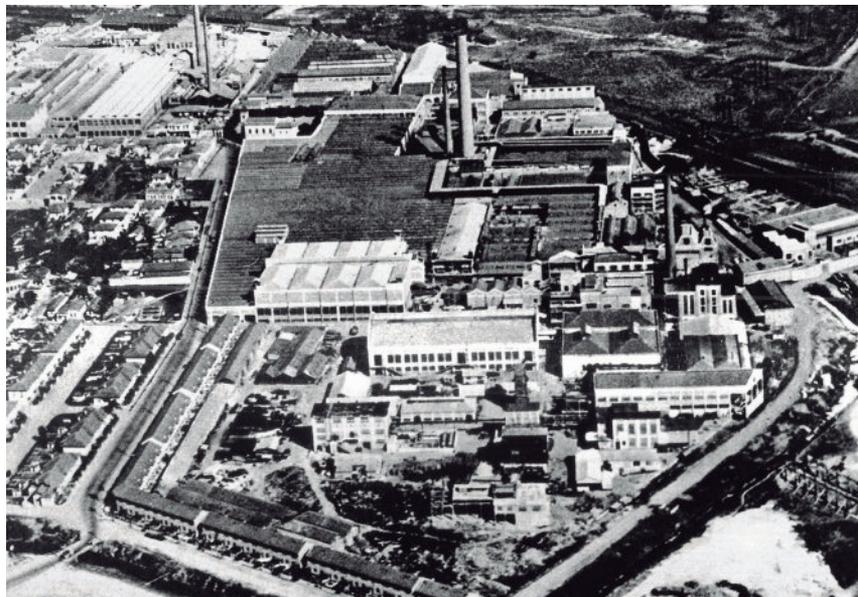
Tudo começou quando o Conde Francisco Matarazzo, o fundador das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM), procurava um local para unir todas as suas fábricas em um único local, visando à integração e à racionalização das suas operações industriais. Motivado pelo filho caçula Ermelino Matarazzo, inicia um empreendimento no Bairro da Mooca, em 1911, com a implantação de refinaria de açúcar, moinho de sal e a fábrica de fósforo Sol Levante. Posteriormente, a tentativa acabou se tornando inviável, mas a procura de Matarazzo pelo local dos sonhos não parou por aí.

Após a experiência da unidade da Mooca, Matarazzo enxerga esta possibilidade na cidade vizinha, São Caetano do Sul, onde uma fábrica de vela, glicerina, sabão, lubrificantes e graxas tinha instalações próximas da divisa com São Paulo. Outro detalhe que chamou sua atenção foram as condições da estação de trem São Paulo Railway, que se mostravam perfeitas para os novos planos das IRFM.

As Indústrias Matarazzo se instalaram na cidade do ABC paulista no início da década de 1910, mais precisamente em 1912, após o arrendamento das instalações da antiga fábrica

*Vista aérea
do complexo
Matarazzo, em
São Caetano,
na década de
1950*

Acervo/Everton Calício



de velas e glicerina, sabão e óleos vegetais Pamplona. A indústria se somaria à unidade de pregos da Matarazzo ainda neste mesmo ano.

Destas primeiras atividades até o desaparecimento da Pamplona e a figuração das IRFM nos livros de tributos de São Caetano passaram-se quatro anos. A partir daí, empreendimentos das indústrias foram sendo lançados timidamente nesta nova planta industrial, como o Curtume, criado em 1922, depois transformado em fábrica de sulfureto de carbono, utilizado no processo industrial.

O desenvolvimento da empresa na região acelerou por volta de 1926, quando o pioneiro do império industrial inaugurou a primeira fábrica de rayon no Brasil, a Visco-Seda Matarazzo. O conde foi pioneiro na introdução da fabricação deste produto no país e, com sua fábrica sul-sancaetanense, permaneceu por um longo tempo com o monopólio deste produto no país.

Um capítulo pioneiro desta época foi a construção da Vila Matarazzo, conjunto de habitações populares pioneiras destinadas à moradia de operários das IRFM. Construídas nas adjacências da fábrica, as casas continuam de pé até hoje, no Bairro da Fundação, servindo de moradia para famílias de ex-funcionários da empresa.

A partir da década de 1930, é montada em São Caetano a fábrica de papel, papelão e celulose. Em 1935, a Fábrica de Louças Cláudia, pertencente ao grupo, transfere-se de São Paulo para o pequeno município, transformando-se em uma das maiores do setor de louças e azulejos no país. Em seguida, é inaugurada a segunda fábrica química no local, que produzia ácidos. Iniciava-se, então, a vocação industrial de São Caetano.

Era comum nesta época, o Conde Francisco visitar as suas fábricas, mas antes parava para conversar com a molecada na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, dando-lhes balas e doces. Matarazzo, na maioria das vezes, vinha de trem e parava direto no desvio particular de cargas que existia dentro do núcleo industrial.

No fim da década de 1930, a Matarazzo iria aproveitar parte do terreno da fábrica na divisa com São Paulo para abrir a segunda refinaria de petróleo do país, a IMÊ (Indústrias Matarazzo de Energia). O empreendimento permaneceu em funcionamento até o início da década de 1970, produzindo gasolina, querosene de avião e outros produtos petrolíferos.

Do final da década de 1940 até o final de 1960, sob o comando do sucessor de Francisco, o Conde Francisco Matarazzo Júnior, conhecido como Conde Chiquinho, foram inauguradas as fábricas de sulfato de alumínio (1939), soda cáustica (1948), acetileno, hexaclorobenzeno (BHC) e resinas polivinílicas (em associação com a Geon do Brasil, em 1954), carbureto de cálcio (1955) e ácido sulfúrico (1961).

Durante este tempo, cerca de 40 anos aproximadamente, São Caetano era considerada pelas IRFM como um grande complexo químico do grupo empresarial. Vale destacar que, neste período, o grupo detinha um exército de cerca de 30 mil operários, sendo cerca de 10 mil trabalhadores nas fábricas da cidade.

As unidades das IRFM no município do Grande ABC foram tão ou





Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

mais importantes do que a planta localizada na Água Branca, em São Paulo, tida como a mais conhecida até hoje. Talvez pelo fato de as atividades em São Caetano terem permanecido até recente data, este espaço industrial tem seu destaque devido a enorme diversidade de fábricas dentro de um mesmo local e também por ser um lugar de memória.

O auge da unidade São Caetano da Matarazzo perduraria por cerca de 40 anos. Somente a partir do final da década de 1970, as indústrias começaram a desativar parte de suas unidades químicas, visando à racionalização de custos e à redução de *déficit*. Isto, de fato, começa a ocorrer em 1977 com o fim da fábrica de rayon e de sulfureto. Em 1972, o grupo ainda inaugura a Matflex, fábrica de tecidos que permaneceria ativa até o fim do complexo, e uma fábrica de defensivos agrícolas. Em 1981, já sob a gestão da nova presidente do grupo Matarazzo, Maria Pia Matarazzo, são encerradas as atividades da fábrica de cloro e, no ano seguinte, as de soda cáustica e de celulose, e a fábrica de resinas é vendida.

No final da década de 1980, devido à morte de um operário das Indústrias Químicas Matarazzo pela contaminação por produtos químicos, a fábrica de BHC e defensivos agrícolas é definitivamente fechada, permanecendo em funcionamento em São Caetano apenas a Matflex, unidade de fabricação de TNT (tecido não tecido), a oficina mecânica e de fundição, e a Cerâmica Matarazzo, que fabricava azulejos. Cabe ressaltar que a produção do BHC era permitida e seus índices de contaminação não eram ainda conhecidos pela comunidade científica, por isso a fabricação do produto no local durou tanto tempo (cerca de 60 anos).

Nesta época trabalhavam na unidade de São Caetano cerca de 800 funcionários, em um complexo industrial praticamente fantasma, que ainda guardava dentro de suas muralhas histórias e estórias de milhares de personagens que formaram esta trajetória de fé, honra e trabalho.

Com a redução da atividade industrial da Matarazzo na cidade, a direção do grupo estudou



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Vista das instalações da fábrica na década de 1920

A Fábrica de Louças Claudia ocupava uma área de 20.000m² e empregava mais de mil operários nos anos 40, para uma produção anual de 45 mil peças

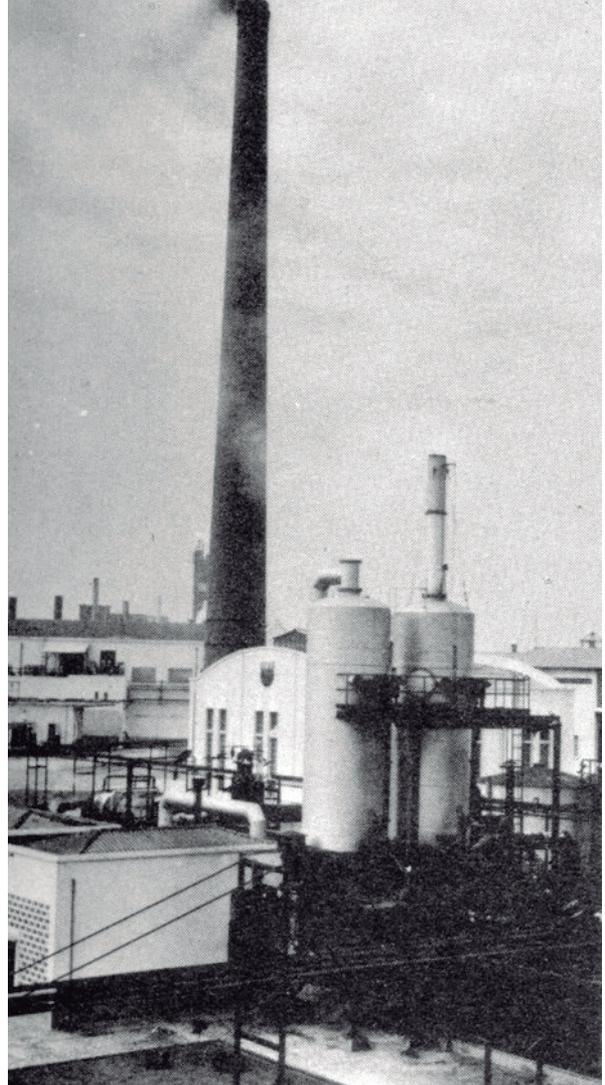
a transformação do terreno (cerca de 600 mil metros quadrados) em um shopping e parada de caminhoneiros. O projeto, tido como a salvação dos problemas financeiros das IRFM, seria posteriormente abandonado, devido à descoberta da contaminação do local pelo BHC.

O início dos anos 1990 foi marcado por diversas greves de funcionários da Cerâmica Matarazzo, devido a salários atrasados, condições insalubres de trabalho e mais um fechamento de uma unidade de São Caetano, a oficina mecânica e de fundição. A outrora poderosa IRFM, que aparecia no início da década passada como o maior grupo empresarial do país, passou pela segunda concordata de sua história, e suas atividades e mercados de negócios minguavam a cada temporada.

A situação da Cerâmica Matarazzo, uma das pioneiras fabricantes de azulejos no país, foi amenizada com o consentimento da diretoria das IRFM para a criação de uma cooperativa de funcionários para gerir a empresa e tirá-la da crise. Surge assim, em 1995, a Cooperativa dos Funcionários das Indústrias Matarazzo de Artefatos de Cerâmica Ltda (Cootrac). Porém, a falta de capital de giro e de apoio fizeram a Cootrac encerrar as atividades no mês de outubro do mesmo ano, deixando uma enorme dívida, um maquinário com fornos cerâmicos novos, e um galpão inteiro de estoque de azulejos penhorados.

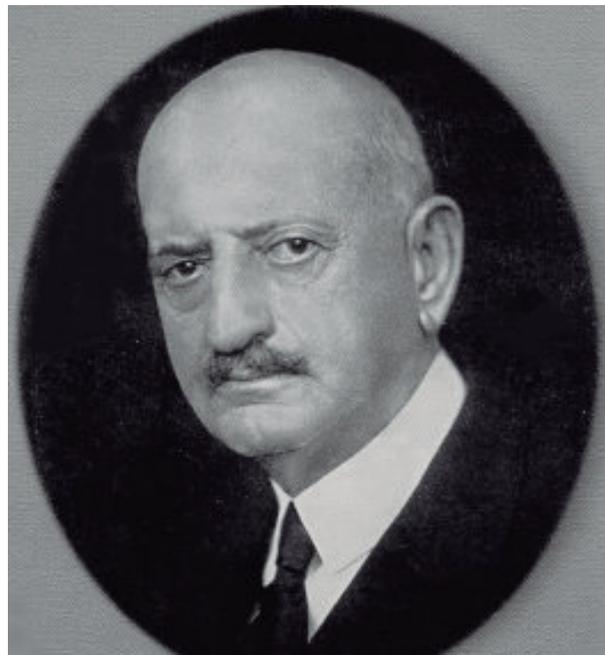
A remanescente Matflex permaneceu no município até 2008, quando, após a desapropriação de parte da área química das IRFM para a construção de um viaduto, ficou localizada em uma área bastante vulnerável. Nesta época, foi decidida a sua transferência para o Núcleo Ermelino Matarazzo e, desde então, São Caetano do Sul não sentiria mais o cheiro das fábricas Matarazzo, marcante para quem chegava a São Caetano pela estação de trem.

No terreno de São Caetano as atividades se limitavam à segurança e, nos finais de semana, aos jogos de *paintball* que lá se realizavam desde 2005, como uma forma de obter renda para o combalido grupo dono de diversos terrenos, mas de apenas duas fábricas em funcionamento.



A chaminé da Louças Claudia tinha 72 metros de altura, e era a mais alta construída pelas Indústrias Matarazzo

Conde Francisco Matarazzo, em foto da década de 1920





Logotipo das
Indústrias Reunidas
Fábricas Matarazzo,
impresso em painel
de azulejos



Aerovisão/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O complexo, em imagem da década de 1960. Vemos as propagandas feitas nos telhados da vila com seus produtos, Sabonete Feno e Sabonete OK



Aerovisão/Everton Calício

Propaganda do sulfureto de carbono Salvação, produzido pela Matarazzo, em São Caetano, publicada em 1931

Esta história, definitivamente cederia espaço ao pó no final de 2010, quando suas instalações vão abaixo devido à suas péssimas condições de estrutura. Porém, a *pá de cal* lançada ao histórico local da Matarazzo em São Caetano seria dada com as primeiras marretadas e golpes de escavadeiras nos galpões da Louças Cláudia e da oficina mecânica e de fundição.

A empresa, ainda hoje, detém a maior parte do terreno (que basicamente é a área da Cerâmica Matarazzo e parte da Química Matarazzo), porém os equipamentos industriais repousam na unidade de Ermelino Matarazzo, na capital, mas estão indisponíveis, devido a bloqueios judiciais. Já a área da cerâmica, foi adjudicada em um processo trabalhista no final do ano passado, e aguarda novas utilizações.

Infelizmente, parte da história de São Caetano se esvai com o fim da unidade São Caetano das IRFM. A especulação imobiliária, aliada aos problemas financeiros da Matarazzo, são cruéis com este sítio industrial de suma importância, que corre o risco de, em breve, virar lembrança para quem um

dia o conheceu em funcionamento. Personagens fantásticos, que viveram e ainda vivem a história dos Matarazzo e o simbolismo e gigantismo que representou esta empresa.

São Caetano foi amputada de parte de sua história, que estas páginas humildemente tentam homenagear. Curiosamente, o ocaso da Matarazzo na cidade ocorre justamente no ano em que se comemoram os 100 anos do início da presença de uma das empresas que mais marcaram a evolução econômica e industrial do município. Personagens mudos permanecerão lá com a chaminé e com o muros que circundam a fábrica, mas a saudade de suas atividades fabris e febris permanecerão por muito tempo na memória coletiva dos moradores do Bairro da Fundação. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIMA, J.C., *Matarazzo 100 anos*, 1.ed. São Paulo: CL-A Edições, 1982.
 ROSSI, M.A., *Jornal Matarazzo. S/A Indústrias Reunidas F. Matarazzo*, São Paulo, set/out. 1982, p.3
 MEDICI, A., "Era uma rua chamada Rui Barbosa" in *Revista Raízes*. Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul, jul/1991, p.55-57
 Vários Autores, *Revista Raízes*, Fundação Pró-Memória, São Caetano do Sul, jul/2002

(*) **Everton Calício** é securitário, pesquisador, memorialista e estudante de jornalismo. Participa como colaborador do *Museu Histórico "Dr. Eduardo de Campos Rosmaninho"* da Associação Portuguesa de Desportos e pesquisa sobre a história das Indústrias Matarazzo desde 1996.

LAR NOSSA SENHORA DAS MERCEDES: presença viva de amor, carinho e ternura para os idosos

O aumento de idosos no mundo, devido principalmente às melhores condições de vida da humanidade, apresenta desafios a serem enfrentados pela sociedade. Calcula-se que, em 2050, haverá no mundo dois bilhões de pessoas na terceira idade. O recenseamento brasileiro realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano 2000, revelou que 113 mil idosos moravam em domicílios coletivos. Na região Sudeste, existem 249 instituições de longa permanência para idosos (popularmente chamados de asilos).

Crédito/Antonio Augusto Coelho Neto



*Entrada do
Lar Nossa
Senhora das
Mercedes, na
Rua Arlindo
Marchetti*

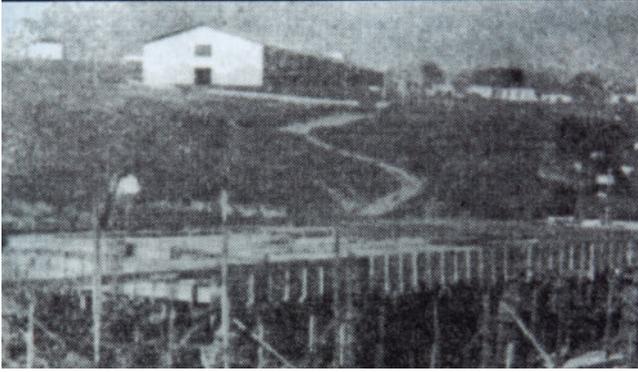


Crédito/Antonio Augusto Coelho Neto

*Pátio
interno do
Lar Nossa
Senhora das
Mercedes*

A palavra asilo pode significar amparo, proteção ou refúgio, e ser utilizada em várias acepções. No sentido que aqui nos interessa, um asilo é considerado uma casa de assistência social onde são recolhidas, para sustento ou também para educação, pessoas pobres e desamparadas, como idosos, órfãos ou moradores de rua. Com o tempo, o termo passou a ser mais utilizado para definir o local para moradia e assistência de idosos. Instituição de Longa Permanência para Idosos é a nova nomenclatura adotada. Com os processos de luta pelos direitos da

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Início das obras do prédio construído pelo Lions Clube São Caetano do Sul – Centro

Crédito/Antonio Augusto Coelho Neto



Irmãs Maria Del Pilar e Carmen Mora

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Prédio construído pelo Lions Clube de São Caetano do Sul-Centro, em imagem de 1973

Crédito/Antonio Augusto Coelho Neto



Capela existente no Lar Nossa Senhora das Mercedes

pessoa idosa, regulamentados em lei, vem se buscando desconstruir os (pré) conceitos que rotulam que nestes estabelecimentos residem idosos “inválidos”, e desenvolver a ideia de um serviço de garantia de direitos.

O cuidado com os idosos envolve afeto, disponibilidade emocional e física, como também condições materiais e financeiras. Além de necessitarem do aconchego de um ambiente doméstico, as pessoas nesta fase da vida, muitas vezes, requerem uma equipe interdisciplinar de saúde e uma boa assistência gerontogeriátrica. Normalmente muitos idosos enfrentam problemas psicológicos, como sentimento de perda da liberdade, de abandono, de aproximação da morte, entre outros. Numa boa instituição este quadro deve ser revertido, proporcionando dignidade e qualidade de vida, afeto, disponibilidade emocional e física, com muito amor e carinho, agregando a isso os cuidados médicos ideais. Estas são as premissas do Lar Nossa Senhora das Mercedes, que atende idosos do sexo feminino.

A história deste Lar inicia-se em 1963 quando foi iniciada, por iniciativa do Lions Clube de São Caetano do Sul - Centro, a construção do prédio para o denominado Asilo da Velhice Desamparada (primeira denominação do Lar Nossa Senhora das Mercedes). O local do imóvel foi doado ao Lions Clube pelo poder público municipal e o lançamento da pedra fundamental do prédio ocorreu em 16 de outubro de 1965.

Após a conclusão da obra, em 27 de maio de 1973, o prédio foi doado pelo Lions, com a devida anuência da prefeitura, para a Congregação das Irmãzinhas dos Anciões Desamparados, que até hoje é responsável pela gestão dessa entidade. Depois de Asilo da Velhice Desamparada, a entidade foi denominada Lar dos Velhinhos – Nossa Senhora das Mercês e, atualmente, chama-se Lar Nossa Senhora das Mercedes.

A Congregação das Irmãzinhas dos Anciões Desamparados foi fundada na Espanha, em 1873, por D. Saturnino López Novoa e Santa Teresa Jornet. Esta congregação conquistou rapidamente seu lugar na Espanha e em muitos outros países, inclusive

no Brasil, onde mantém cinco instituições de longa permanência para idosos, sendo uma delas em São Caetano.

O Lar Nossa Senhora das Mercedes é dirigido pelas irmãs Maria Del Pilar (diretora) e Carmen Mora (vice-diretora) e mais cinco irmãs. No total, são 21 funcionários e muitos voluntários, que ajudam nos cuidados das idosas, incluindo dois médicos. As irmãzinhas (como são, carinhosamente, chamadas as religiosas do local) cuidam atualmente de 80 senhoras, atingindo a capacidade máxima permitida para o local.

A instituição recebe recursos da Prefeitura Municipal (por meio de subvenção), do Lions Clube (que entrega mensalmente 1.600 fraldas geriátricas), além de ajuda proveniente de benfeitores da cidade e por meio da realização de eventos (rifas, venda de artesanato, roupas usadas e locação da capela). Muitas voluntárias cuidam das idosas, desenvolvendo atividades como o artesanato, por exemplo. Mesmo assim, a colaboração financeira, ou por meio da doação de materiais, de outros membros da comunidade, é sempre bem-vinda e necessária.

As pessoas que possuem um pouco de tempo livre poderiam visitar o lar e, eventualmente, ajudar como voluntários nesta meritória tarefa de cuidar do próximo. As irmãzinhas também sugerem que outras entidades do gênero sejam fundadas, pois afirmam que a tendência é a necessidade da construção de mais locais para abrigar idosos.

As irmãzinhas, seguindo os ensinamentos de D. Saturnino López Novoa, com espírito de humildade e ao mesmo tempo fortaleza, sempre têm sido e querem continuar sendo, uma presença viva de amor, carinho e ternura para os idosos.

O Lar Nossa Senhora das Mercedes fica na Rua Arlindo Marcheti, nº 627, no Bairro Santa Maria (Telefone: 4220-3207). Médicos, psicólogos, enfermeiras, artistas e professores de artesanato são sempre necessários! **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



Norma Marcon
Fucchi em foto da
década de 2000

NORMA MARCON FUCCHI: 100 anos de vida e de amor

(*) *Yolanda ASCENCIO*

Norma Marcon, filha de Frederico Marcon e Amália Orlandin, nasceu no Bairro da Luz, em São Paulo, no dia 30 de setembro de 1912. Seus pais eram imigrantes italianos e chegaram ao Brasil ainda crianças.

Após alguns anos de trabalho duro na fazenda para a qual a imigração os encaminhou, Frederico e Amália vieram para a cidade de São Paulo, onde se conheceram e se casaram. Moraram no Bairro da Luz, mudando-se depois para o Bairro do Brás. O casal Marcon teve dez filhos: Cesar, Guilherme, Ernesta, Ricardo, Mário, Adélia, Guarando, Norma, Iracema e Armando.

Enquanto Amália cuidava da casa e dos filhos, Marcon trabalhava na Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira. Na mesma empresa a filha Norma trabalhou também, durante 11 anos, antes de se casar. Sempre buscando melhores condições de vida, Marcon deixou a tecelagem para montar uma carvoaria, mas não foi muito feliz no negócio. Assim, em 1931, resolveu comprar um bar no Bairro da Fundação, em São Caetano, para onde se mudou com toda a família. Nesta época, Norma ainda estava trabalhando na fábrica de tecidos. Ela conta que todos os dias era acordada pelo pai e saía correndo para tomar o trem das 6h02.



*Norma Marcon
Fucchi e João
Fucchi casaram-se
em 1939*

Marcon e o filho Mário cuidavam do bar, mas quando ambos precisavam sair para as compras, Norma e a mãe assumiam a tarefa. E foi em uma dessas vezes em que Norma trabalhava no estabelecimento que o jovem João Fucchi a viu e ficou interessado na garota. Ele trabalhava na Companhia Mecânica de Mineração e, por meio de um amigo de trabalho, que também conhecia Norma, os dois começaram a se encontrar.

João Fucchi, filho de imigrantes italianos, nasceu na Fazenda Amália, em Santa Rosa do Viterbo, interior de São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1908. Também veio com a família para São Caetano, quando adolescente. Após um ano e meio de namoro, Norma e Fucchi casaram-se na Igreja Matriz Sagrada Família, abençoados pelo padre Alexandre Grigolli, no dia 7 de janeiro de 1939.

Por opção, tiveram uma única filha: Neusa, que é casada com Otoni Correa de Almeida Carvalho. Norma tem três netos: Taís, Íris e Daniel. Ela explica que escolheu ter apenas um filho, pois se preocupava muito com a maneira de viver do marido, que era líder sindical. “Ele sempre estava metido em confusão”, explicou. Certa vez, ficou desempregado por quatro anos, por causa de discussões no sindicato. Entretanto, Norma afirmou que Fucchi era um bom profissional, uma vez que a Companhia Mecânica de Mineração o chamou para trabalhar novamente.

Aos 81 anos de idade, o marido de Norma faleceu e ela passou a morar com sua única filha, com quem reside até hoje. Com 100 anos de vida, Norma é uma senhora simpática, alegre e fala muito bem. É dona de uma lucidez e uma serenidade invejáveis. Gosta muito de comer e, apesar da idade,



Arquivo Norma Marcon Fucchi

A aniversariante em sua festa de 100 anos, realizada em 30 de setembro de 2012

não precisa de dieta especial, pois não tem nenhum problema de saúde. Gosta também de ler, assiste à missa pela TV e, nas horas vagas que, segundo ela, são muitas, gosta de fazer bordados em ponto cruz com barras de crochê para os presentes de Natal.

Ao final da entrevista, Norma confidenciou que dois assuntos estavam ocupando seus pensamentos ultimamente: a chegada da sexta bisneta, com nascimento previsto para dezembro, e a festa surpresa que a família promoveu no dia 30 de setembro (a entrevista foi realizada antes do aniversário de Norma), quando ela completou 100 anos de vida e de amor. **R**

(*) *Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada, escritora e colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.*

Casamento de
Margarida
dos Santos
Camilo
e Edson
Camilo,
em 1970

Acevo/Margarida dos Santos Camilo



UMA VIDA DEDICADA À BELEZA

(*) *Monica PONZONI*

Margarida dos Santos Camilo, hoje com 73 anos, nasceu em 19 de maio de 1939, na cidade de Lagoinha, no interior de São Paulo. Seus pais José Benedito dos Santos e Benedita Maria de Jesus, nascidos na mesma cidade, viveram na Fazenda Moreira, onde trabalhavam nas lavouras de milho, mandioca e feijão. Nos arredores, havia uma capela muito frequentada pelos moradores da vila. O pai de Margarida era o capelão, muito respeitado e admirado por todos.

Única filha do casal, Margarida ficou muito triste quando, aos 5 anos de idade, perdeu seu pai. Ela e sua mãe continuaram a trabalhar na fazenda por mais alguns anos, até que, quando a jovem estava com 14 anos, Benedita faleceu. Sozinha na vida, conseguiu seu primeiro emprego como ajudante de um engenheiro, em 1950. Fazia a medição das terras, durante a construção da Rodovia Presidente Dutra. Ajudava também a carregar as balizas que faziam a delimitação dos terrenos. Como sabia da existência de uma tia na cidade de São Paulo, decidiu encontrá-la e resolveu morar na capital.

Chegando a São Paulo, passou a morar na casa de uma senhora chamada Luiza. Margarida logo conseguiu emprego, trabalhando em várias lojas na Rua Direita. Dividia o tempo, fazendo companhia para filha de Luiza, uma adolescente, que havia sido matriculada pela mãe em um curso de cabeleireira. Mas a garota não queria se dedicar a isso, en-



Arquivo Margarida dos Santos Camilo

tão obrigou Margarida a frequentar as aulas em seu lugar. Foi aprovada com louvor no teste final, mas precisou dar explicações à mãe de Luiza e para a coordenação da escola. Apesar do problema, ela conseguiu seu diploma e ficou realizada, pois adorava cuidar da beleza de suas amigas. A nova profissional passou a trabalhar voluntariamente em diversos estabelecimentos, durante a semana, aos sábados e aos domingos, das sete da manhã às dez da noite. Tudo isso para adquirir prática como cabeleireira.

Em 1965, quando já morava com sua tia Geralda Mendonça na Vila Bela, em São Paulo, foi procurar um local para montar seu primeiro salão de cabeleireiros, no Bairro da Fundação, em São Caetano do Sul. Queria montar seu próprio negócio. Alugou um espaço na Rua 28 de Julho que pertencia à família Lozelli, contratou sua equipe e começou a trabalhar. Suas clientes trabalhavam, na maioria, nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Nesse salão, Margarida trabalhou durante 40 anos.

Foi também na Rua 28 de Julho que Margarida conheceu Edson Camilo, nascido na cidade de Igarapava, interior de São Paulo, em 28 de novembro de 1943. Começaram a namorar e, em 1970, marcaram o casamento. O enlace aconteceu no dia 31 de janeiro do mesmo ano, na Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação. Edson Camilo trabalhou na Volkswagen do Brasil e na Fundação Álvares Penteado. Camilo faleceu em setembro de 2000, deixando

Edson Camilo e Margarida (o casal à esquerda) durante comemoração de Bodas de Prata, em 1995. Ao lado, Teresa de Oliveira e Antonio Oliveira

Margarida, mais uma vez, sozinha, pois o casal não teve filhos. Foi então que a cabeleireira resolveu fechar o salão e continuar trabalhando em sua própria casa, na mesma rua em que havia começado sua carreira.

Margarida sempre se dedicou como voluntária, na Federação Espírita de São Paulo, participando de cursos, palestras e atendimento em diagnósticos físicos, de casos a serem tratados. Atualmente, está fazendo um curso para cuidar de pessoas com dependência química. Concluiu o ensino médio pela Fundação Roberto Marinho.

Agora, com 50 anos dedicados à sua profissão, fica completamente realizada em saber que São Caetano reconhece seu trabalho e presta uma homenagem gratificante nas páginas da Revista *Raízes*. **R**

(*) *Monica Ponzoni* é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Every time we say goodbye:

Waldemar Siqueira e a paixão pela era de ouro do cinema de Hollywood

(*) Mariana ZENARO

Waldemar Siqueira é um personagem delicioso. Falante, hospitaleiro, exala alegria, como se estivesse sempre a bailar, suave e contagiante como as músicas do *Great American Songbook*. Nostalgia, nos guardados de gaveta, livros, as mais belas canções americanas que remetem a um tempo perdido, de glamour, de delicadeza, de romance. Era o tempo de mocidade de Waldemar Siqueira, de frequentador assíduo dos cinemas de São Caetano e de São Paulo, apreciador das orquestras de salões de baile, de musicais.

Waldemar Siqueira hoje tem 89 anos. Nasceu em Mogi das Cruzes, em 15 de agosto de 1923, mas foi registrado no dia 18 do mesmo mês. Veio para São Caetano do Sul ainda bebê, com apenas um ano e meio. O pai, Dinarte Siqueira, nascido em São Bento do Sapucaí, em 3 de junho de 1905, veio para a pequena cidade do ABC Paulista, quando esta se industrializava, para atuar como despachante da Cerâmica São Caetano, onde trabalhou de 1923 até o início da década de 1950. Sua mãe, Amélia Machado Siqueira, era dona de casa.

Assim como o pai, Siqueira também teve sua vida profissional na Cerâmica São Caetano por longos anos. Foram 32 ao todo, chegando a se aposentar na empresa em 1974. Começou a trabalhar na produção, junto das moças, como encaixotador de ladrilhos, em 1941. Não tardou a ser transferido para a área administrativa. Inteligente, dominava aritmética e um pouco de língua inglesa, o que facilitou atuar na área de exportações da companhia. Siqueira recorda que, na época (década de 1960), o mote governista para a economia nacional era “exportar é a solução”. Em 1939 foi transferido de São Caetano para o escritório central, na capital paulista.

Já aposentado, não se sentia confortável com a vida doméstica. Ficou em casa por oito meses, fazendo reparos lá e acolá. Nos

classificados do jornal *O Estado de S. Paulo* acabou encontrando uma oportunidade de um novo emprego. Fez a entrevista e foi admitido na companhia Sul



Crédito: Antonio Reginaldo Canhoni

Waldemar Siqueira
em foto de 2011

América Terrestre e Marítimos SA, situada na região central de São Paulo, que hoje tem quase 100 anos de existência. Nessa empresa ficou por quase 20 anos. Apenas deixou de trabalhar por força da doença da mãe. Ainda hoje recebe visitas dos antigos colegas dos tempos da Cerâmica São Caetano.

Siqueira casou-se com o amor de sua vida, Maria de Lourdes Citero Siqueira, em julho de 1955. Conviviam muito bem. Com ela teve dois filhos, Waldemar Siqueira Filho, nascido em 1956, e Gilberto Siqueira, de 1965. Cerca de três anos atrás, sua companheira veio a falecer e deixou muitas saudades. Hoje sua alegria são os netos, Cinthia, de 28 anos, já casada, Fernando, de 24 anos, que mora com o avô, ambos filhos do primogênito, e os pequenos, Gabriel, de 5 anos, e Leonardo, de 12 anos, filhos do caçula.

Entre seus diversos *hobbys*, gosta de guardar diversas tirinhas de historinhas em quadrinhos do *Hagar*, o *Horrível*, do cartunista Dik Browne, retiradas de jornais. Mas suas maiores paixões, depois dos netos, filhos e da inesquecível Maria de Lourdes, são o cinema e a música.

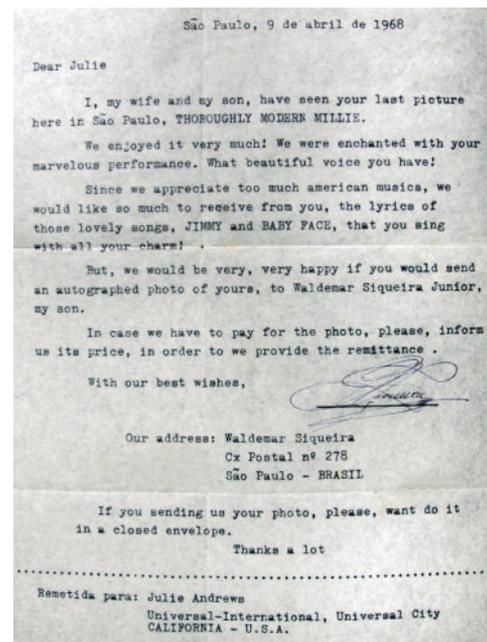
Ainda garoto, quando morava na Avenida Goiás, tinha como vizinhos um casal de origem judaica, os Galbas, que possuía um aparelho de rádio. Naquela época, era difícil alguém ter um aparelho



Waldemar Siqueira com os netos, Fernando, Gabriel, Leonardo e Cinthia, no quintal de sua residência, em 2010



Crédito/Antonia Reginaldo Canhoni



Carta escrita por Waldemar Siqueira à atriz Julie Andrews e foto autografada e enviada pela atriz hollywoodiana em 1968

radiofônico, daqueles chamados de *capelinha*. João Galba costumava ouvir música alta, ligava o rádio e escutava até umas 9 horas da noite, e gostava das composições americanas. Isto influenciou a preferência musical de Siqueira. Logo, logo, seu pai adquiriu um rádio *capelinha* também, um da marca Phillips, vindo da Holanda. Daí começou. Waldemar podia ouvir músicas em casa. Naqueles tempos, envaidecia escutar música americana! Em seguida, também começou a apreciar o cinema hollywoodiano. Para ele, cinema sem música, não tem a menor graça!

Em 1968, escreveu uma carta à atriz norte-americana Julie Andrews, de quem era fã. Ela gentilmente lhe enviou uma resposta como agradecimento ao carinho demonstrado. No envelope também havia uma foto da atriz com seu autógrafo. O cinéfilo guarda com carinho e lembrança que faz rememorar os tempos de doçura. **R**

(*) Mariana Zenaro é graduada e licenciada em História pelo Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) e bacharel em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Tem pós-graduação (MBA) em Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão, pela Fundação Getúlio Vargas.

CORONEL WILSON DA SILVA

Figura marcante na segurança do município

Acervo Wilson da Silva

O aspirante a oficial
Wilson da Silva,
em 1960, quando
estagiava no Corpo
de Bombeiros



**“Considero
feliz aquele que
quando se fala
de êxito busca a
resposta em seu
trabalho.”**

Ralph Waldo Emerson

Filho de Domingos da Silva e Maria Gomes da Silva, Wilson da Silva nasceu em São Paulo no dia 24 de novembro de 1932. Ele ingressou na Academia de Polícia Militar do Barro Branco em janeiro de 1955 e, cinco anos depois, em 15 de dezembro de 1959, foi declarado aspirante a oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Neste mesmo ano casaria com o amor de sua vida, Teresinha Luzia da Silva. Desta união nasceram dois filhos: Newton da Silva, que atualmente é engenheiro



Acervo Wilson da Silva

A celebração do casamento de Silva e Terezinha, realizada em 1959, pelo padre Êzio Gisimberti, na Igreja Sagrada Família



Acervo Wilson da Silva

O Coronel Wilson e sua esposa Terezinha Luzia da Silva, em 1998

O Coronel Wilson (à direita da foto, com uniforme branco) com a esposa, em uma festa em São Caetano do Sul no final da década de 1980. A jovem sentada em primeiro plano, à esquerda, é a filha do casal, Denise da Silva



Arquivo Wilson da Silva

e Denise da Silva, que exerce a profissão de médica. Enquanto estava em São Paulo como aspirante a oficial, Silva estagiou no Corpo de Bombeiros e no Batalhão de Guardas, um dos mais importantes quartéis da história da polícia paulista.

Em 1961, o recém-promovido segundo-tenente PM, foi transferido para São Caetano do Sul, cidade onde morava, para trabalhar com o Coronel Juventino Borges, na época, comandante da 2ª Companhia do 10º Batalhão da Força Pública. Seu trabalho não se limitava somente ao policiamento da cidade, mas atuava também na assistência à população. Após ter exercido as funções de segundo e primeiro-tenente, assumiu o posto de capitão, comandando a 2ª Companhia do 6º Batalhão da Polícia Militar. Somente no município, Silva desenvolveu atividades na Polícia Militar durante 20 anos.

Durante todo o período no qual dirigiu a corporação na cidade sempre conviveu em perfeita harmonia com a Polícia Civil, criando até laços de amizade com vários delegados. Seu desempenho também sempre foi marcado por relacionamentos duradouros com vários prefeitos e vereadores.

O Coronel Wilson orgulha-se em dizer que, na sua época no comando do policiamento da cidade, a população se sentia muito segura para sair à noite

pelas ruas e que a corporação recebia muitos elogios por sua atuação, não só na proteção dos cidadãos, mas também no tocante ao auxílio disponibilizado aos desabrigados pelas contínuas enchentes da época.

Silva também atuou, na década de 1970, por mais de 10 anos, como examinador da Circunscrição Regional de Trânsito (Ciretran) de São Caetano. Até hoje muitas pessoas referem-se a ele com carinho, pois sempre procurou, durante seus exames de motoristas, atender aos candidatos com carinho, procurando acalmá-los no momento do teste. Como possuía amplo conhecimento sobre a parte mecânica dos automóveis, Silva sempre era escolhido como examinador dos aspirantes a motoristas profissionais.

Nessa mesma época, também exerceu o cargo de juiz das Juntas Administrativas de Recursos e Infrações (Jari), órgão do Departamento Nacional de Trânsito, responsável pelo julgamento de recursos interpostos contra penalidades impostas pelos órgãos e entidades de trânsito. Ao ser promovido a major foi transferido para o Comando de Policiamento de Área Metropolitana Seis (CPA/M-6), localizado em Santo André. Posteriormente, depois de mais de 40 anos de serviços louváveis prestados, passou a integrar a reserva militar, com a patente de coronel. **R**

RAÍZES

Ano I Nº 1

São Caetano do Sul

julho de 1989



*Capa do primeiro
número da Revista
Raízes, publicado
em 1989*

RECORDANDO NOSSAS RAÍZES

(*) **Humberto PASTORE**

Quando o calendário pendurado nas paredes das casas indicava que o mundo estava vivendo o mês de julho de 1989, começava a circular uma nova revista na cidade. Com o nome de *Raízes*, trazia na capa a imagem do broche de lapela da Societá di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. Era uma publicação da assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, e que depois passaria a ser desenvolvida pela Fundação Pró-Memória.

Com a assinatura O Editor, o texto de abertura encerrava com a frase: “Afinal, está sendo dado sinal verde para a pesquisa séria e para o debate dos diversos aspectos de nossa própria História”. Com o título: *Em defesa da memória*, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello dava as boas-vindas para a nova revista em artigo que lembrava: “Como prefeito municipal, cumprimos nosso dever na área cultural. Como cidadão e munícipe comungo o gigantismo da Terra das Olarias”.

A primeira reportagem, ocupando algumas páginas, foi uma pesquisa de Oscar Garbelotto intitulada: *Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros*. Na sequência, um artigo assinado por Sonia Maria Franco Xavier sobre as olarias que trouxeram a industrialização à cidade.

Um dos colaboradores da nova revista era Henry Veronesi que escreveu sobre suas lembranças no artigo: *No tempo da gabioba*. Mario Botteon também escreveu. O seu trabalho foi mostrar que, após as olarias, a cidade passou a produzir artefatos de cimento. Seu estudo teve como título: *No tempo*

dos ladrilhos de cimento.

Claudinei Rufini elaborou um artigo que teve como tema o comércio na cidade. E Valdenízio Petrolli contribuiu com um artigo sobre seu *hobby*, os selos. O texto, acompanhado de várias imagens sobre o tema, teve como título *Marcofilia: a rica filatelia de São Caetano do Sul*.

Algumas páginas centrais foram ocupadas com fotos que mostravam a vida na São Caetano de 1920. Antonio de Andrade se incumbiu de escrever sobre o *Pioneirismo na luta contra a poluição do meio ambiente*. Já Ademir Médici preferiu abordar a *Memória do trabalho e o trabalhador*.

O espaço Homenagem foi dedicado à Nicola Perrella, que realmente marcou uma época na cidade, com seus livros. E uma de suas narrativas foi publicada, a de título: *Imposto Alvorçado...* Já a reportagem, fechando a edição, tratou de mostrar o prédio e o acervo do Museu Histórico Municipal.

Uma foto ocupou toda a contracapa. Uma imagem da Avenida Conde Francisco Matarazzo, na esquina com a Rua João Pessoa, na década de 1930. É possível ver o prédio de Guilherme da Silva Dias e detalhes de uma antiga funerária e do armazém O Barateiro. Uma agência da Prefeitura, a Farmácia São Paulo, a Alfaiataria Tegão e o Bar do Nono também aparecem na fotografia.

Se eu fosse você, procurava a primeira edição para ler esta série de excelentes artigos que contam a história de nossa querida São Caetano do Sul. Consulte o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória. **R**





Família Gallina, em foto tirada em 1947, na Rua Engenheiro Rebouças. Vemos, da esquerda para a direita: Helena Gallina, Antonia Gallina, Maria Ferrante e Inez Gallina. Ao fundo, vemos a chácara da Família Rosseti, situada na Rua Espírito Santo

NATAL MARTINETTO: herói da epopeia de 1932

(*) *Cristina ORTEGA*

Natal Martinetto foi um jovem guarda civil que vivia em São Caetano do Sul, na antiga Rua Itamaracá, hoje Alameda São Caetano. Era solteiro e muito cedo se alistou na Guarda Civil de São Paulo, corporação que era exemplo de orgulho para os paulistas. Sua história começa em 1930, quando o Brasil começou a viver um período turbulento, com a subida ao poder de Getúlio Vargas, que assume a presidência em caráter provisório, mas com amplos e irrestritos poderes. Foram dissolvidos desde o Congresso Nacional até as câmaras municipais. Os governadores de Estados foram depostos e em seus lugares foram nomeados interventores. Mas a política centralizadora de Vargas desgostou as oligarquias estaduais, especialmente a de São Paulo, Estado economicamente mais importante da nação.

Nesse período é reconhecido oficialmente o sindicato dos operários e o Partido Comunista é legalizado, aumentando o salário dos trabalhadores.

Essas medidas irritam as elites paulistas, tendo início um movimento contra Vargas, que reivindicava eleições e o fim do governo provisório. Não respeitando a autonomia de São Paulo, Vargas nomeia um interventor de fora, o delegado militar João Alberto Lins de Barros. Isso irritou os paulistas, que passaram a chamá-lo de “estranho”. Slogans foram espalhados pela cidade, desencadeando uma grande campanha contra o governo federal: “São Paulo dominado por gente estranha”, “São Paulo conquistado”, “Tudo pela Constituição” e ainda, “Convocação imediata da Constituinte”.

Com a pressão aumentando a cada dia, o interventor Barros se demite e em seu lugar é nomeado um paulista e civil, o diplomata Pedro de Toledo. Mas os ânimos continuavam cada vez mais exaltados, exigindo e reclamando uma nova Constituição para o Brasil. No dia 25 de janeiro de 1932 foi realizado um grande comício na Praça da Sé, quando



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Translado do corpo de Natal Martinetto do Cemitério São Caetano para o Mausoléu ao Soldado Constitucionalista, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Da esquerda para a direita, vemos: o vice-prefeito Lauro Garcia, o prefeito Oswaldo Samuel Massei e o juiz da comarca de São Caetano do Sul, Milton Evaristo dos Santos. Foto de 1957



AcerolFundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

partidos, até antagônicos, se uniram pela reivindicação. A população estava descontente com os rumos do país, por conta dos mandos e desmandos do governo federal, transformando a revolta em um combate que reuniu estudantes, operários, empresários e donas de casa, e outros membros da sociedade.

Um comício realizado no dia 23 de maio marcou a história da revolta. Estudantes e populares queimaram os jornais ditatoriais, terminando o episódio em um conflito armado. Quatro estudantes, Martins, Miragaia, Drausio e Camargo, foram mortos no tumulto. As iniciais de seus nomes formariam a sigla MMDC, símbolo da revolução. Toda a população paulista aderiu ao levante, criando uma verdadeira irmandade entre todos os setores da sociedade. Eram médicos, operários, estudantes, padres, comerciantes, empresas, associações, colégios, donas de casa, todos mobilizados para uma causa comum. Foram originados verdadeiros prodígios de técnica, produzindo munição de infantaria, morteiros pesados, granadas de mão e de fuzil, máscaras antigases, lança-chamas e outros materiais. Foram blindados trens, automóveis e montados canhões pesados sobre vias férreas.

Não era só a cidade de São Paulo que estava imbuída desse espírito revolucionário, mas todos os municípios do interior, mobilizados para arrecadar fundos e recebendo doações de joias em ouro para fundição. São Paulo contava com o apoio dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato

Cortejo dos restos mortais de Natal Martinetto, no momento em que passava pela Rua Baraldí, em frente ao Cine Vitória. Foto de 1957

Grosso, mas somente este último manteve-se fiel à causa paulista. No dia 9 de julho de 1932, o interventor Pedro de Toledo telegrafou ao ditador Getúlio Vargas a seguinte mensagem: “Esgotados os meios que ao meu alcance estiveram para evitar o movimento que acaba de se verificar na guarnição desta Região ao qual aderi o povo paulista, não me foi possível caminhar ao revés dos sentimentos do meu povo”. Começava, nesse momento, a Revolução Constitucionalista.

Tropas paulistas são enviadas aos *fronts* para lutar contra as tropas federais, muito mais numerosas e bem equipadas. Aviões são usados para bombardear cidades do interior paulista. São 35 mil homens para enfrentar um exército bem formado de 100 mil indivíduos. Neste momento entra em nossa história Natal Martinetto que, com sua motocicleta, sai de São Caetano do Sul e segue para o *front* no interior paulista, para lutar por um ideal político, deixando para trás sua família, sua namorada, seus sonhos, para não mais voltar para sua terra querida.

Com sua motocicleta fazia a ligação entre os postos mais avançados das linhas de fogo. Outros voluntários, anônimos, mas com a mesma fé inquebrantável de Martinetto, deixaram seus lares

para lutar ou morrer pela causa da liberdade. Em outubro de 1932, após três meses de luta, os paulistas se renderam. Seguiram-se a isso prisões, cassações e deportações. As estatísticas oficiais apontam 830 mortos, mas presume-se que muitas outras vidas foram perdidas, sem constar nos registros oficiais. Nunca se soube quantos foram ou voltaram, mas fica na figura de Natal Martinetto a homenagem a todos os combatentes sul-sancaetanenses que sacrificaram sua liberdade pelo bem comum de uma nação.

Apesar da derrota paulista em sua luta por uma Constituição, dois anos depois da revolução, em 1934, uma assembleia eleita pelo povo promulga a nova Carta Magna. Natal Martinetto lutou até o último dia de sua missão. No dia 2 de outubro de 1934, quando voltava para casa, um dia antes do armistício, próxima à cidade de Guararema, sofreu um acidente fatal com sua moto. Segundo depoimento de seu irmão, Primo Martinetto, estava fadado a esse fim trágico, pois dias antes do desastre, uma bala havia atingido seu capacete, não o matando por milagre.

No dia 3 de outubro, enquanto os chefes do movimento assinavam o armistício, São Caetano do Sul prestava sua homenagem, carregando o corpo de Natal Martinetto até o Cemitério de Vila Paula (hoje, Santa Paula, Cemitério São Caetano). Em julho de 1957, data comemorativa do Jubileu de Prata da Revolução Constitucionalista, o corpo desse herói foi transportado para o Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32, no Parque do Ibirapuera. A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e a Sociedade Veteranos de 32 - MMDC organizaram o traslado dos restos mortais do soldado Natal Martinetto e o cortejo, precedido por ex-combatentes do movimento, foi acompanhado pelo Batalhão da Guarda Civil de São Paulo e por autoridades políticas.

A homenagem a este jovem constitucionalista iniciou-se, em amplo cortejo, com a transladação dos restos mortais para a Câmara Municipal de São Caetano do Sul, seguindo depois para a sede da Guarda Civil de São Paulo, onde permaneceu sob a guarda de honra de elementos da associação dos ex-combatentes e de membros do legislativo. Con-

forme noticiou o *Jornal de São Caetano*, no dia 13 de julho de 1957, "...a Guarda Civil acompanhou o féretro em ritmo funéreo. O roncar das motocicletas por pouco não causou pânico entre a população, pois muitos acreditavam ter a revolução atingido a cidade". Durante as homenagens, Fernando Piva, em nome dos soldados de São Caetano do Sul, recordou os acontecimentos dos idos de 1932, ressaltando que: "Quando São Paulo, invicto, era uma forja de glórias em fogo, em guerra, nós, levados pelos mais exaltados sentimentos de dignidade, de civismo e grande amor à terra, ao Brasil, empunhamos o fuzil e partimos para as trincheiras, sem a menor preocupação de ordem material. Certos estávamos com os nossos corações transbordantes de

Cortejo fúnebre, tendo à frente os veteranos de 32, acompanhados, ao fundo, pelo Batalhão da Guarda Civil de São Paulo, do qual Martinetto fazia parte. No flagrante, vemos a Avenida Goiás, próxima da esquina da Rua General Osório. Foto de 1957





Chegada da mortuária do soldado Natal Martinetto ao Mausoléu do Soldado Constitucionalista, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Vemos, à frente e à esquerda, o poeta Guilherme de Almeida e à direita, o vice-prefeito de São Caetano do Sul, Lauro Garcia. Foto de 1957

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



tudo sacrificar, até a própria vida pela causa constitucionalista. Nosso maior empenho era concorrer para a vitória de São Paulo e do Brasil". E prosseguiu: "Neste dia de tantas comemorações que nos tocam a alma e nos enchem de entusiasmo, rendemos tributo da sincera homenagem ao herói Guarda Civil Martinetto, tombado ao calor da refrega: mártir cujo sangue cimentou a redenção nacional, através da rebeldia estupenda de São Paulo, vai comovida prece de nossa gratidão, porque ele se tornou credor da veneração desta terra que tanto amou".

Hoje, o soldado Natal Martinetto descansa no mausoléu, local de visitação pública onde se encontram as cinzas de ex-combatentes, bem como objetos usados durante a revolução, cartazes, peças de artilharia, fardas, capacetes, armas e muitos documentos históricos. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Entenda a Revolução Constitucionalista. Disponível em: www.unificado.com.br. Acesso em: 2009.
A Revolução de 1932. Disponível em: www.tvcultura.com.br. Acesso em: 2009.
Revolução Constitucionalista de 1932. Disponível em: www.geocities.com. Acesso em: 2009.
COMOVENTE homenagem de São Caetano do Sul ao patriota Natal Martinetto. *Jornal de São Caetano do Sul*, ano XI, número 660, primeira página e página 3, 13 jul. 1957.
HERÓI da epopéia de 1932. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, número 659, primeira página e página 7, 6 jul. 1957.

() Cristina Ortega é pedagoga, advogada e pesquisadora da Fundação Pró-Memória.*

Bicicleta com cinco metros de altura, outra criação de Laércio Ferraz, durante o Passeio Ciclístico de São Caetano do Sul, em 1980



ANDAR DE BICICLETA é o que mais nos aproxima do voo dos pássaros...

(*) Leonilda VERTICCHIO

(**) Caroline FERRAZ



Acervo/Família de Laércio Ferraz

Nos anos 40, o sonho de ter uma bicicleta era igual ao desejo dos jovens de hoje de ter um carrão possante... Mas como nem todos os rapazes podiam ter um veículo de duas rodas, aqueles que possuíam exibiam suas “máquinas” orgulhosos, principalmente nas manhãs de domingo, passeando pelas ruas de São Caetano. Para chamar a atenção das mocinhas, eles colocavam laranjas ou mexericas entre os aros das rodas, criando um efeito muito bonito quando giravam.

Nesta época, os trajes, bem como os acessórios utilizados pelos rapazes para andar de bicicleta, eram muito diferentes. Além de vestirem camisa e calça social, eles usavam presilhas que ajustavam a barra da calça no tornozelo, ficando muito elegantes. Os guidões, altos ou rebaixados, niquelados e reluzentes, as campainhas... Tudo era para chamar a atenção e, além disso, usufruir da mais pura liberdade. Certamente somente quem já pilotou uma bicicleta, conseguiu ter essa livre sensação, como a de quase voar, e o prazer em deslizar por uma ciclovia só sua, reta, plana e sem obstáculos.

Não existiu ninguém mais determinado e amante deste meio de transporte e que viveu por muitos anos esses momentos de liberdade, alegria, amizade e companheirismo, do que Laércio Ferraz. Desde muito jovem, dedicou-se ao ciclismo como diversão, participando de muitos eventos, influenciando, desse

Laércio Ferraz: presença marcante nos eventos de ciclismo da cidade. Foto de 1991



modo, muitas pessoas a usarem a bicicleta não apenas como meio de locomoção, mas também como uma maneira de curtir a vida. Talvez essa dedicação já fosse um indício de que seu estilo de vida viria a contribuir para o bem-estar social, físico e mental e de parte da população da cidade.

No dia 25 de março de 2012, a ciclovia instalada em parte do canteiro central da Avenida Presidente Kennedy, em São Caetano do Sul, foi inaugurada e ganhou seu nome. Com a reforma, a via ficou mais plana e livre, sendo possível ter a exata sensação de ser abraçado pelo vento da liberdade, como Ferraz sempre acreditou ser possível. Infelizmente, ele não pôde ter a felicidade de participar da inauguração da bela ciclovia que recebeu seu nome, pois faleceu em agosto de 2009.

Laércio Ferraz, filho de Eliza e Oscar Ferraz, nasceu em 13 de setembro de 1940, na cidade de São Caetano do Sul. Sua intensa paixão pelo ciclismo começou quando ainda era criança, no decorrer da década de 1940, quando seu pai abriu sua primeira oficina para conserto de bicicletas. Ganhou seu primeiro veículo em 1947. Foram décadas de

crescimento e de desenvolvimento pessoal junto à sua “magrela” preferida, que, além de meio de transporte, era uma das atividades esportivas que ele mais adorava na vida.

Depois do falecimento de seu pai, Ferraz passou a tomar conta da oficina. A tamanha dedicação ao trabalho fez com que Laércio trabalhasse cerca de 12 horas por dia. Sua esposa, Dolores Ferraz, com quem casou em julho de 1963, levava seu almoço todos os dias no estabelecimento, para que suas atividades não tivessem uma pausa.

A experiência adquirida ao longo dos anos, bem como o extremo carisma que Ferraz conquistou entre os ciclistas, clientes da oficina, fizeram com que ele, na década de 1970, fizesse parte dos mais famosos passeios ciclísticos. Ele não somente foi criador de várias bicicletas, mas também idealizou vários eventos na cidade.

Na década de 1990, a equipe, denominada Ciclo Ferraz, se orgulhava das centenas de troféus e de medalhas que ganhara, o que evidenciava cada vez mais que trabalho, união e amizade “fazem a força”. Entre os inúmeros prêmios conquistados na região do ABC, o time recebeu prêmios como o maior grupo uniformizado, por suas bicicletas mais criativas, de ciclista mais novo e o mais idoso. O grupo foi premiado ainda no Passeio Ciclístico da Primavera, que acontecia no Parque do Ibirapuera.

Nos domingos em que não havia passeio, alguns ciclistas se reuniam em frente à residência de Ferraz, munidos de suas “magrelas” e criavam seu próprio itinerário, sempre atentos aos conselhos e sugestões passados pelo líder. Os circuitos não eram somente realizados em São Caetano do Sul. A equi-



Acervo/Família de Laércio Ferraz

Veículo construído por Ferraz durante participação no Passeio Ciclístico da Primavera, no Parque do Ibirapuera, em 1983



Acervo/Família de Laércio Ferraz

Bicicleta de seis lugares criada e construída por Laércio Ferraz

pe costumava viajar para outras cidades como Paranapiacaba, Rio Grande da Serra, Santos, Jundiaí e Americana. Na volta, os ciclistas sempre ficavam fisicamente cansados, mas mentalmente revigorados, uma vez que as preocupações do cotidiano davam lugar ao sentimento de união, liberdade e paz interior.

A preocupação e a responsabilidade que Laércio Ferraz tinha com seu grupo de amigos ciclistas eram notáveis. Tanto que, um dia, quando estavam retornando de um de seus passeios pela Avenida dos Bandeirantes, em São Paulo, ao perceber que uma das peças da bicicleta de um dos companheiros, conhecida como “garfo”, estava trincada, fez questão de trocar de veículo com o amigo, pois tinha mais experiência para enfrentar problemas relativos à queda. Não deu outra, o resultado foi um belo, porém consciente, tombo. Nem os arranhões e nem mesmo as dores ocasio-

nadas pelo tropeço, conseguiram acabar com o bom humor do ciclista, pois ele tinha certeza de que sua atitude havia poupado não só o amigo de muita dor, como também do risco de vida.

Ainda na década de 1990, Ferraz encerrou suas atividades profissionais, passando seu negócio para um amigo, também amante das “magrelas”. Depois de 40 anos dedicados às bicicletas, optou por aproveitar a vida ao lado de outras paixões de sua vida, a família e seus amigos. O ciclista teve apenas um filho, Maurício Ferraz, e uma neta, Caroline Ferraz.

Seu amor pela bicicleta é algo que jamais pode ser esquecido ou explicado. Restam hoje as lembranças dos momentos de glória, de amizade e de liberdade vivenciados pela equipe, a cada pedalada em direção ao horizonte de oportunidades. As fotos amareladas, os recortes de jornais e as histórias contadas são passadas de geração a geração, remontando a um tempo que deixou saudades.

A história de Laércio Ferraz nos reafirma que a prática de andar de bicicleta não reflete meramente uma atividade física, de lazer e de transporte, mas um desafio sustentável, que tem como meta promover a união, a amizade e a responsabilidade social. É preciso que as pessoas se conscientizem cada vez mais que, ao deixarem seus carros na garagem, não estão contribuindo apenas para a diminuição da poluição do ar e sonora, mas também estão presenteando a si mesmas com o sentimento de abraçar o vento, de sentir-se livres, como se estivessem voando como um pássaro pela primeira, segunda ou terceira vez. Como já diziam: “É como andar de bicicleta, a gente nunca esquece”. **R**

(*) **Leonilda Verticchio** é memorialista.

(**) **Caroline Ferraz** é estudante de comunicação social da universidade Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e neta de Laércio Ferraz.



Acervo/Família de Silvino Fiorio Neto

Fiorio Neto e a esposa Nilza em jantar da Academia de Letras da Grande São Paulo, em 2007

SILVINO FIORIO NETO: um construtor de amizades

(*) *Mario DEL REY*

“A casa da saudade chama-se memória: é uma cabana pequenina a um canto do coração.”

Coelho Neto

Silvino Fiorio Neto nasceu em São Paulo no dia 26 de junho de 1932. Em 9 de fevereiro de 1957 casou-se com Nilza Otero Fiori e desta união teve dois filhos: Wuppsclander Fiorio (médico, falecido em

2012) e Wladislaine S. Fiorio (médica). Este notável cidadão exerceu diversas atividades durante sua vida. Foi oficial da Polícia Militar e trabalhou como advogado, professor, escritor, jornalista, repórter e radialista.

Quando jovem foi seminarista e posteriormente integrou a Polícia Militar do Estado de São Paulo. Reformou-se com o posto de 1º tenente. Foi 2º diretor de Cultura e Relações Públicas da Associação dos Oficiais da Reserva da Polícia Militar de 1998 a 2001. Foi também 2º gestor de Patrimônio dessa associação, de 2001 a 2004.

Em 1985, trabalhou na reorganização da Guarda Civil de São Paulo, durante o governo do prefeito Jânio Quadros. Em São Caetano do Sul, Fiorio Neto teve destaque na organização da Guarda Civil Municipal tendo sido comandante da corporação de 1989 a 1992, durante o governo do prefei-

to Luiz Olinto Tortorello. Na cidade também lecionou física, química e biologia na Escola Barão de Rio Branco, e trabalhou como advogado.

Além de ter se formado em Direito, realizou outros estudos nas áreas de análises clínicas laboratoriais, na Universidade de São Paulo, agrimensura e segurança do trabalho. Sempre em busca de conhecimento e novas experiências, Fiorio Neto exerceu também atividades como radialista, jornalista e repórter do Canal 45 (antiga emissora que operava em UHF). Escreveu no jornal da Associação dos Oficiais Militares do Estado de São Paulo, onde iniciava seus artigos com o lema: "Eu não invento, nem aumento, só comento". Em 1988 lançou o livro *Meganapo – um Meganha e três Guanapos*. Adepto das artes, participou do elenco da peça *Arquimedes*, nesta mesma época.

Maçom ativo da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo foi grau máximo do Rito Escocês Antigo e Aceito, sendo Inspetor Geral da Ordem, grau 33. Assumiu o cargo de Venerável Mestre no período 1975/1976 da Loja Maçônica 28 de Julho – 133 e foi um dos fundadores da Loja 28 de Julho II (atual União, Liberdade e Justiça de São Caetano do Sul), em 17 de maio de 1989. Os irmãos maçons de Fiorio Neto sempre comentaram a respeito da bondade e da grandeza que emanava de seus pequenos gestos.

No dia 24 de março de 1994, ele tomou posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a cadeira 25, cujo patrono é Vinícius de Moraes. Em 10 de junho de 2000 tomou posse na Academia Paulista Maçônica de Letras, ocupando a cadeira que tem como patrono Duque de Caxias.

Ao longo dos anos Silvino Fiorio Neto colecionou uma centena de amigos e admiradores e, devido a muitos serviços prestados a São Caetano do Sul, recebeu da Câmara Municipal o título de cidadão sul-sancaetanense. Faleceu no dia 1º de agosto de 2012, deixando na cidade uma luz que sempre irá iluminar a estrada de seu passado. **R**

(*) **Mario Del Rey** é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, da Academia Brasileira Maçônica de Artes, Ciências e Letras e colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Silvio Fiorio Neto na década de 1980, quando trabalhou como radialista em uma emissora de São Caetano do Sul



Acevo/familia de Silvino Fiorio Neto

Posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, em 1994. À esquerda está discursando o então presidente da instituição, Rinaldo Gissoni



Acevo/familia de Silvino Fiorio Neto

Posse na Academia Paulista Maçônica de Letras em 2000

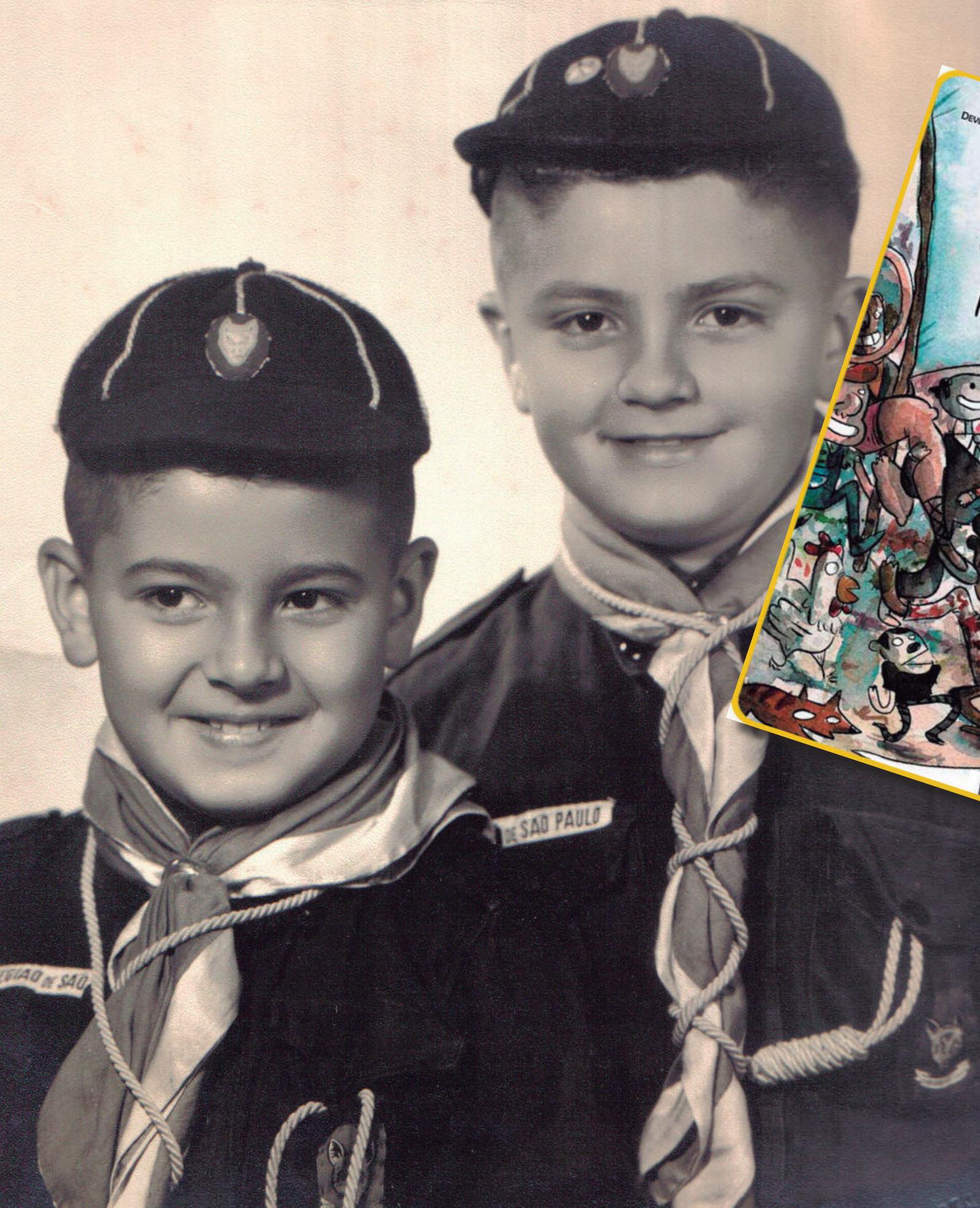


Acevo/familia de Silvino Fiorio Neto

Silvino discursando como secretário da Academia de Letras da Grande São Paulo, em 2008



Acevo/familia de Silvino Fiorio Neto



Os irmãos Rubens
e Roberto: leitores
de HQ incentivados
pela mãe



Revolução do Gibi – A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil tem como autor o professor universitário Paulo Ramos, de São Caetano

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: destaque na imprensa local na década de 1950

(*) *Mário Porfírio RODRIGUES*

Na década de 1950 o semanário *Jornal do Lar* era editado em São Caetano do Sul. Ao publicar uma entrevista com a esposa de um empresário, residente no município, levantou uma série de críticas por parte de vários segmentos da sociedade local. Isso porque o assunto abordado era a educação infantil, e a entrevistada declarou-se favorável ao uso de história em quadrinhos (HQ) para auxiliar no aprendizado da leitura de crianças.

A entrevistada explicou à jornalista que adquiriria todos os livros que a escola recomendava e fazia os filhos lerem, conforme instrução da professora, mas nos momentos de lazer os incentivava a acompanhar as histórias em quadrinhos de personagens como Fantasma, Mandrake, Pato Donald, Flash Gordon e outros, em moda naquela época. Em defesa dos seus argumentos lembrava que seu esposo, jornalista e diretor de importante empresa local, foi auxiliado, em sua alfabetização, pela revista em quadrinhos do Jeca Tatu, de autoria de Monteiro Lobato.

Forçoso é reconhecer que, naquela época, histórias em quadrinhos ainda eram assunto quase proibido nas escolas e criticado pelas professoras de curso primário. Entretanto, há histórias de heróis, como Fantasma, por exemplo, que continuam a ser publicadas em vários países, há mais de 75 anos. As histórias em quadrinhos, como conhecemos hoje, começaram a aparecer por volta de 1896, nos jornais americanos. O mercado de HQ movimentou, em 2009, nos Estados Unidos, cerca de 680 milhões de dólares.

No Brasil, temos espaços dedicados especialmente a este tipo de leitura, como a Gibiteca Henfil do Centro Cultural São Paulo, com uma coleção de mais de 10 mil títulos entre álbuns de quadrinhos, gibis, periódicos e livros sobre HQ. A Biblioteca e Gibiteca do Serviço Social da Indústria (Sesi), também no Estado paulista, reúne em seu acervo publicações mais populares, como os heróis da Marvel e da DC Comics, passando por Will Eisner, Neil Gaiman e Frank Miller, e clássicos como Tintin e Flash Gordon.

Atualmente, as HQs têm sido utilizadas na sala de aula como recurso didático-pedagógico. A professora de língua portuguesa Cristina de Macedo foi notícia em jornais por utilizar, em suas aulas, em importante colégio de São Paulo, uma adaptação em HQ do livro *A Metamorfose*, de Franz Kafka, para ensinar seus alunos de 12 e 13 anos. Em 2010, vários meios de comunicação noticiaram o lançamento, em *comic*, da biografia do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, pela editora Sarandi, sob o título de *Luiz Inácio Brasileiro da Silva*. Outras

editoras também já publicaram histórias em quadrinhos que retratam capítulos da história do Brasil e seus personagens. Os clássicos da literatura adaptados para HQs também têm grande aceitação por parte do público juvenil. Hoje, é possível ler *Dom Casmurro*, escrito por Machado de Assis em 1899, nesta versão animada e colorida.

O emprego de histórias em quadrinhos na educação é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) desde os anos finais da década de 1990. A partir de 2006, o governo federal, por meio do Ministério da Educação, passou a distribuir para a rede pública literatura em quadrinhos. Cada vez mais livros estão sendo adequados como “gibis”, facilitando sua leitura e, no ensino, permitindo a rápida assimilação do seu conteúdo. Recentemente, foi lançado o livro *Revolução do Gibi – A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil* (520 páginas), de autoria do professor universitário de São Caetano do Sul, Paulo Ramos. Em 20 capítulos, a obra apresenta diferentes aspectos do atual mercado de quadrinhos, e também sua evolução.

O uso das histórias em quadrinhos, no mundo inteiro, como importante ferramenta educacional em todos os cursos, inclusive em universidades, confirma que estava correta a reportagem publicada em 1950, no *Jornal do Lar*, e que a entrevistada, que foi criticada naquela época, em sua previsão, sabia perfeitamente sobre o que estava falando. Seus filhos, Rubens e Roberto, leitores das HQs na infância, tornaram-se advogado e administrador de empresa, respectivamente. O nome da senhora entrevistada em 1950: Macária Garcia Rodrigues. **R**

(*) **Mário Porfírio Rodrigues** é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e fundador do *Jornal de São Caetano*. É membro do Conselho Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

VOCÊ SABIA?

(*) *Domingo Glenir SANTARNECCHI*

ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO RAILWAY

No dia 16 de fevereiro de 1867 foi inaugurada a Estrada de Ferro São Paulo Railway Company, ligando Santos a São Paulo e contando com apenas um par de trilhos, que era utilizado nos dois sentidos. No Grande ABC eram entregues três estações: Alto da Serra (hoje Paranapiacaba), Rio Grande (hoje Rio Grande da Serra) e São Bernardo (onde hoje é Santo André). Foi por esta linha férrea que desembarcaram os imigrantes italianos que chegaram ao Núcleo Colonial de São Caetano, em 28 de julho de 1877, oriundos de Treviso e Mântua, no norte da Itália.

No dia 28 de setembro, um sábado, desembarcou no Núcleo Colonial, vindo de Santos, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, que fez uma visita aos imigrantes por uma hora (aproximadamente das 15h45 às 16h45), ouvindo as reivindicações dos italianos descontentes com as condições do local. Somente em 1º de maio de 1883 era inaugurada a Estação de São Caetano. Na localidade havia 251 colonos, dos quais 134 eram do sexo masculino e 117 do sexo feminino. Segundo relatórios da época, 112 pessoas eram analfabetas e toda a população era católica.

Dado o movimento intenso entre Santos e Jundiá, a São Paulo Railway iniciou a duplicação da ferrovia, com previsão de finalização até o final de 1898. Na antiga Fazenda São Caetano, o Governo Imperial disponibilizou uma área de 1.090 hectares, que mais tarde foi aumentada. O núcleo contava com 181 lotes demarcados (entre urbanos e rurais), sendo que 101 foram distribuídos entre 80 proprietários (70 famílias italianas), quatro famílias brasileiras e uma família alemã, de Hermany Junker.

Mais tarde, em 1934, um levantamento efetuado constatou que apenas oito grupos familiares eram os maiores donos de terras, mas nenhum possuía o sobrenome dos pioneiros italianos. Curiosamente, eram todos de famílias que chegaram mais tarde.

A escola só chegou ao local no ano de 1883, seis anos após a chegada dos imigrantes. O Governo Provincial, através da Lei nº 32, de março de 1883, criou duas escolas públicas de primeiras letras no Núcleo Colonial para atender as crianças.

Quando São Caetano ainda pertencia a São Bernardo, elegeu o primeiro vereador, João Domingos Perrella, que representou o então distrito, em 1920. Em 1924, o Distrito de São Caetano ganhava a primeira paróquia, na Igreja São Caetano (Matriz Velha), no Bairro da Fundação, através de ato do arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva.

TROFÉU BRASIL DE ATLETISMO

O Troféu Brasil de Atletismo é uma tradicional competição de caráter nacional, realizada no eixo Rio-São Paulo, instituído em 1945, congregando grandes atletas da modalidade, que participam dos Jogos Panamericanos e das Olimpíadas.

Na década de 1960, o diretor do departamento de marcha atlética e andarilhos da Federação Paulista de Atletismo, Antônio Glayr Santarneckchi, consultou o presidente da Federação, questionando o motivo pelo qual o Troféu Brasil não poderia ser disputado fora do circuito entre as duas cidades. Ele respondeu que não seria impossível, desde que o prefeito da cidade assumisse o custeio do evento. Santarneckchi, então, consultou o diretor da Comissão Municipal de Esportes, que conseguiu a aprovação do prefeito de São Caetano do Sul na época, Hermógenes Walter Braidó.

Assim, pela primeira vez, em 1964, o Troféu Brasil de Atletismo foi realizado em São Caetano do Sul, fora do tradicional circuito Rio - São Paulo, com grande sucesso, sendo realizado no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Na oportunidade, o Clube de Regatas do Flamengo consagrou-se campeão. **R**

(*) *Domingo Glenir Santarneckchi* é jornalista, advogado, escritor e pesquisador da memória do ABC. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.



Arquivo Fundaçao Pro Memorias de Sao Caetano do Sul

Os noivos
Francisco e
Elvira De Martini,
em 1923

(*) Suzeti ROCHA

O branco tem sido aceito como a cor tradicional do vestido de noiva, mas os trajes femininos de casamento não foram sempre brancos. O enlace da rainha Vitória com seu primo Albert, em 1840, teve mais influência sobre os casamentos em geral do que qualquer outro. Ao escolher esta cor, a nobre virou referência dentro das tradições da noivas até a atualidade. É um símbolo da inocência infantil e pureza do coração.

Os vestidos de noivas de princesas e rainhas sempre encantaram as mulheres, seja por sua grandiosidade, luxo e glamour ou pelo romance e pompa que envolvem suas histórias. No início do século 20, os vestidos eram práticos e simples, não tinham saíotes imensos e podiam ser compridos ou curtos (com ou sem cauda). Os véus de renda ou mantilhas (feitas em Bruxelas, Bélgica) eram artesanais e passavam de mãe para filha. Neste período, a mulher não tinha direito ao voto e era totalmente dependente do "senhor seu marido". Educada para casar, era o símbolo de servilismo na relação a dois, sustentando as funções do casamento, reservada aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. A educação da mulher era baseada nos anseios do esposo. Em 1910, a noiva nem ousava levantar os olhos para o marido. Durante muito tempo, até recentemente, a conservação de muitas famílias esteve ligada ao papel feminino dentro de sua estrutura.

A estilista francesa Coco Chanel foi a força poderosa que revolucionou a moda feminina, além de ditar mudanças radicais inclusive nos cor-



Registro do casamento de José e Pierina Bento, realizado em 24 de junho de 1933



Antonio e Adelina Piccolo casaram-se em 1941. As crianças são Oscar Garbelotto, Hilda Piccolo e Doroti Grigoletto

*Casamento de Felisberto
Antonio De Nardi e
Leonor Rosanova,
realizado em 25
de maio de 1952*



tes de cabelos, introduziu oficialmente o vestido de noiva curto, em 1920. Era um vestido branco, com comprimento na altura dos joelhos.

O vestido branco foi ganhando popularidade e, neste mesmo ano, o *Ladies Home Journal* escreveu que desde tempos imemoráveis o traje tinha esta cor. Embora esta afirmação não fosse verdadeira, mostra o quão profundamente a cor foi aceita como definitiva. Apesar da popularidade, algumas noivas, especialmente as de cidades menores, escolhiam outras tonalidades ou o preto, pois era mais prático e os vestidos poderiam ser usados após o casamento em outros eventos. Como os vestidos se assemelhavam à moda da época, apenas algumas alterações eram necessárias para o modelito ser usado para passeio.

Com a depressão dos anos 30, que já delineava a própria Segunda Guerra Mundial, as noivas que precisavam fazer vestidos para o casamento cuidavam da escolha do tecido, para que ele absorvesse o tingimento, para assim ser usado posteriormente. De modo geral, elas retiravam os punhos e a gola e, após o tingimento de azul-marinho, recolocavam estas partes, ainda brancas. Era uma prática comum naquela época que permitia o completo aproveitamento do traje. Durante os anos iniciais das décadas de 1930 e 1940, os costureiros de Paris disputavam influências, vindas do cinema americano.

Com o fim dos anos de guerra e do racionamento de tecidos, a mulher dos anos 50 se tornou mais feminina e glamorosa, de acordo com a moda lançada pelo *New Look*, de Christian Dior, em 1947. Metros e metros de tecido eram gastos para confeccionar um vestido bem amplo. A cintura era bem marcada e os sapatos eram de saltos altos, além das luvas e outros acessórios luxuosos, como peles e joias. Essa silhueta extremamente feminina e jovial atravessou a década de 1950 e se manteve como base para a maioria das criações desse período.

(*) *Suzeti Rocha* é professora de moda, pós-graduada em História da Arte e especialista em História da Moda.



DOM QUIXOTE MODERNO

ZÉ CAETANO – Então o sr. é o tal que quis “quebrar lanças” contra a autonomia pleiteada pelo povo de São Caetano, hein?

SYR – É... bem melhor seria se eu tivesse, com um pau, batido num vespeiro...

ZÉ CAETANO – O sr. não teria feito a “triste figura” de engolir, como engoliu, as ofensas e o infeliz voto de pesar pelo movimento emancipador de nossa cidade!

9 de maio de 1948



AUTONOMIA & DINHEIRO

ZÉ CAETANO – Então “seo” Tonico enquanto o seu órgão oficial diz que não haverá plebiscito a Comissão de Estatística aprova a nossa representação.

“SEO” TONICO – Não haverá de ser nada. Existe mais dinheiro para gastar no plebiscito.

ZÉ CAETANO – Dinheiro de quem?...

5 de setembro de 1948



ECOS DO 14 DE SETEMBRO

ZÉ CAETANO – (cantando) Eu assisti de camarote...

26 de setembro de 1948



ZÉ CAETANO

Não esqueçam que a cédula branca quer dizer “sim”. Evitem a cédula preta.

10 de outubro de 1948



Jayme da Costa Patrão aos 25 anos

JAYME DA COSTA PATRÃO

Um idealista em sua linguagem visual

(*) *Marcus Vincenzi da Costa PATRÃO*

Em 1924, a família Costa Patrão saiu do Bairro do Pari, região central de São Paulo, e veio para São Caetano, um pequeno distrito de São Bernardo, que já dava os primeiros sinais de um ideal de emancipação como município.

Quatro anos depois, Manoel da Costa Patrão e seu filho Jayme, então com 11 anos, começaram a participar do movimento que buscava a autonomia, sob a liderança do engenheiro Armando de Arruda Pereira, diretor da Cerâmica São Caetano. Para divulgar a ideia emancipacionista e orientar a população na escolha adequada de candidatos a vereador e juiz de paz para as eleições municipais de 1928, foi fundado o *São Caetano Jornal*.

O resultado, porém, não foi o esperado. Na época, o cerceamento da liberdade de imprensa, por conta da Lei Celerrada, promulgada por Washington Luiz em 1927, impedia a manifestação de ideias, e representava um risco para os editores. Mais tarde, em 1938, outra ação, agora do governo de Getúlio Vargas, reforçou a censura aos meios de comunicação, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo.

Durante esse período conturbado da história do Brasil, Jayme estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. A partir de 1932, passou a trabalhar na Fábrica de Louças Adelinas, como desenhista de louças, sendo depois promovido ao cargo de chefe do setor artístico. Em 1950 abriu sua própria empresa





de cerâmica decorada, denominada Cerâmica Artística da Costa. Em 25 de dezembro de 1943, Jayme casou-se com Martha Bruna Vincenzi, musa de sua existência.

Muito embora tenha sido rebaixado à condição de subdistrito de Santo André em 1944, o sonho pela emancipação renasceu em São Caetano, com o fim da censura do Estado Novo de Getúlio, em 22 de fevereiro de 1945. Jayme iniciou, então, a sua carreira de chargista estreando na edição de 8 de novembro de 1947 do semanário *O Município*. Ele apresentou seu personagem Zé Caetano como o símbolo figurativo de São Caetano. Sua calça remendada, amarrada na cintura por uma corda, significava a precariedade das condições urbanas locais. O fraque sobre uma camisa social com gravata borboleta indicava as arrecadações da indústria e do comércio, que poderiam representar futuros benefícios para a nova cidade, e não mais para os cofres municipais de Santo André.

O Zé Caetano de Jayme fora inspirado no personagem Juca Pato, do conhecido chargista Belmonte, que fez críticas intransigentes à corrupção e à arrogância dos poderosos daquela época. Com seus personagens, Belmonte não poupou o Estado Novo em seus comentários mordazes, chegando a sofrer retaliações do Departamento de Imprensa e Propaganda como consequência.

Durante o ano de 1948, Jayme transferiu-se para o principal veículo de comunicação do movimento autonomista, o *Jornal de São Caetano*, e em suas charges não faltaram críticas ao prefeito Antonio Flaquer, de Santo André, que inspirava o personagem Tônico, bem como aos demais membros do poder público que eram contra a emancipação de São Caetano. Mais do que simples desenhos, suas charges fizeram ferrenhas críticas políticas e sociais, repletas de ironia e de sátira, facilmente reconhecíveis.

Em 24 de outubro de 1948, foi realizado o plebiscito, que decidiria pela emancipação de São Caetano, resultando em uma ampla vitória dos autonomistas. No dia 24 de dezembro do mesmo ano, o governador do Estado de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros, ratificou a decisão e criou o mu-

Desenho de Martha Bruna Vincenzi bem jovem, ainda hoje na residência da viúva



Arquivo/Marcus Vincenzi da Costa Patrão

nício de São Caetano do Sul. Com suas charges, Jayme continuou a colaborar com a imprensa da cidade, que lutava por mudanças e melhorias para o novo município. Neste período, atuou também na pintura do mural histórico de cerâmica na Escola Estadual Bartolomeu Bueno da Silva. Mais tarde passou a contribuir com ilustrações e artigos para a Revista *Raízes* e fez significativas doações de objetos de louça de sua cerâmica para o acervo da Fundação Pró-Memória.

Em suma, Jayme da Costa Patrão foi um “Dom Quixote” em seus ideais (faleceu em 29 de fevereiro de 2004). Substituiu a lança pelo lápis em suas investidas contra os *moinhos de ventos* que impediam a autonomia e o progresso de São Caetano. Até hoje, ao adentrar no apartamento em que conviveu com Martha, é possível ver, no hall de entrada, quatro gravuras em giz de cera de Dom Quixote de La Mancha, com o seu fiel escudeiro Sancho Pança e seu cavalo Rocinante e, na parede do corredor para o quarto, uma gravura em *crayon* desenhada por ele, em 1942, com o delicado e jovem rosto de Martha, sua “Dulcinéia del Tomboso” durante toda a sua vida. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PETROLLI, Valdenizio. *Imprensa do Grande ABC: 100 anos depois*, apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 15 a 17 de abril de 2004.
SILVA, Zélia Lopes. *O traço de Belmonte – desvendando São Paulo e o Brasil (1922-1924)*. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 163-179, jul-dez. 2007
Site Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais. Acesso em: 10 nov. 2005
Site Porcelana Brasil. Acesso em: 3 ago. 2012.

(*) **Marcos Vincenzi da Costa Patrão**, químico, é filho de Jayme da Costa Patrão. Trabalhou na General Motors por 32 anos.

HISTÓRIAS DE UMA FAMÍLIA NA DIVISA DA CIDADE

(*) *Marcos MASSOLINI*

Ao longo de mais de seis décadas, minha família criou raízes profundas na divisa de São Caetano com Santo André, mais especificamente no último quarteirão da Rua Alegre, fronteira entre os bairros Barcelona e Utinga. Esse forte vínculo deu-se por iniciativa do meu saudoso avô, Ricardo Pareja Marigo, um grande admirador da região.

Nascido em 1907, na cidade de São Manoel do Paraíso (atual São Manuel), no interior de São Paulo, veio com a família para a capital em busca de tratamento para uma doença degenerativa de sua irmã mais velha. Mesmo sem completar os estudos, logo especializou-se em desenho e, ainda moço, entrou na área de engenharia de uma grande companhia telefônica. Conheceu minha avó, espanhola de Málaga, em suas andanças pelo Ipiranga e região – a jovem Maria residia com a família nas proximidades da atual Rua Baraldi e trabalhava em uma tecelagem no bairro paulistano. Casaram-se e viveram por um tempo em um casa alugada no Ipiranga, onde nasceram suas três filhas, Aparecida, Lourdes e Odete. O nome de minha avó após o casamento ficou assim: Maria Martinez Urbaneja Pareja Marigo.

O plano do casal era obviamente a casa própria, mas a ideia de comprar terreno na vizinha São Caetano – um sonho antigo de Ricardo – era veementemente descartado por minha avó, que passara por um trauma na cidade quando nova (um rapaz suspeito seguira-a no trajeto entre a estação de trem e sua casa). Mas ela foi convencida a vir para a região, mas somen-

te porque o lote encontrado ficava mais próximo da divisa de Santo André, bem longe do episódio que a atemorizou. Fincaram bandeira em um terreno na Rua Martino de Martini, nº 64, a penúltima travessa da Rua Alegre, bem próxima ao Córrego de Utinga, marco divisório da cidade. Era 1948 e, enquanto meu avô Ricardo construía a casa de próprio punho, o distrito de São Caetano finalmente ganhava sua tão almejada emancipação, e virava oficialmente município.

Segundo tia Cida, a filha mais velha, ele desenhava tão bem, que muitos das vilas Barcelona e Santa Maria dos anos 40 vinham pedir a ele que avaliasse as plantas ou os projetos de suas casas.

Naquelas paragens de ruas irregulares e declives, poucos se arriscavam. Ambulância, como bem lembrava minha avó, tinha de parar no quarteirão de cima, pois se arriscasse prosseguir na baixada, acabava atolada. A inóspita “barroca”, como a várzea da divisa era chamada, não era para fracos. Água se buscava em bicas naturais, como a que

*Maria
Martinez
Urbaneja
Pareja
Marigo:
em São
Caetano
desde 1948*

Acervo/Marcos Massolini





ficava na altura da atual esquina da Rua Maceió com a Avenida Goiás. Alguns vizinhos generosos, como Dona Marcelina, moradora do nº1261 da Rua Alegre, liberavam seus poços artesianos para emergências. Na paisagem de poucas casas, ressaltavam-se duas grandes empresas em Utinga, a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) e a INA, outra indústria de armamentos. Um pequeno lago se destacava no final da Rua Alegre.

A família crescia. Aparecida casou-se com Benedito, que morava e trabalhava ali por perto. Construíram casa no terreno vizinho à casa da Martino de Martini e ali cresceu Roberto, o primeiro neto de Maria e Ricardo. As duas outras filhas casaram quase na mesma época. Lourdes e João são meus pais e de minha irmã Heloisa. A caçula Odete casou-se com Sérgio e teve Eliane, Ricardo e Adriana. E todos foram ficando na divisa. Meu pai, que havia nascido em São Caetano, mais precisamente na Rua Rio de Janeiro, e tinha passado toda sua juventude na Vila Paula, acabou comprando a casa da Dona Marcelina, na Rua Alegre. Já minha tia Odete morou algum tempo na casa construída por meu avô, até que nos anos 70, comprou terreno e construiu uma casa na Rua Martino de Martini, vizinha também ao nº 64. Unidos, avô, avó e tios, viram a criançada crescer nas ruas ainda tranquilas da baixa Barcelona.

Quintais - Com os netos próximos, o avô Ricardo, claro, tornou-se mais herói do que já era. Passeava a pé com os pequenos, construía clubinho de madeira no quintal, tocava bandolim, pintava quadros, mexia na terra, fazia trabalhos de pedreiro, sempre com seu chapéu cinza na cabeça (e chapéu de jornal se o dia fosse de pintura).

As primeiras lembranças que tenho da infância são os quintais. Ah, os quintais, tão supérfluos nas construções modernas! O quintal da minha casa na Rua Alegre tinha terra à beça, goiabeira, figueira, mexeriqueira, ameixeira, bananeira, copo de leite, louva-a-deus, joaninha, sabiá e azulão, mato e nascente de água. Este quintal existe até hoje. Perdeu alguns metros, algumas árvores, as mãos dadas de meu avô, mas continua vivo, com sua terra

Acervo/Marcos Massolini



As irmãs Pareja no quintal da casa da Rua Martino de Martini, nº64. Vemos, da esquerda pra direita: Odete, Helena (prima), Aparecida e Lourdes. Atrás, dois primos. Foto de 1955

Acervo/Marcos Massolini



Quintal da frente da casa da Martino de Martini, nº 64, em 1957. Na primeira fila, da esquerda pra direita, vemos Odete, Lourdes e Dona Maria. Ao fundo, Aparecida e seu noivo Benedito Alves Bezerra

Acervo/Marcos Massolini



João Massolini e Lourdes Pareja em 1965



à mostra. Nesses tempos de quintais verdes, eu brincava com a “primaiada” próxima, e também com os vizinhos de rua, como Laerte, Gordo e Lupa. Entre as brincadeiras, bolinha de gude, forte-apache, corda, pega-pega, duro ou mole, polícia e ladrão e, é claro, futebol, de preferência na rua ou no campinho próximo. Meu avô Ricardo, sempre capinando por ali e plantando suas hortaliças, fazia bonequinhos de madeira para as crianças e maquetes com lagos e patinhos. As ruas, no início dos anos 70, já eram pavimentadas e as fábricas se multiplicaram nos arredores, a partir dos anos 60. Margeando o Córrego de Utinga, havia uma mata de várzea ainda intensa, onde fazíamos verdadeiras expedições, seguindo até a nascente alguns quilômetros adiante, já próxima da Alameda São Caetano e da Rua Marina. Encontrávamos muito em nossas andanças o Zé das Cabras, um senhor silencioso, com porte de alemão, que circulava com suas cabras vendendo leite puro para a vizinhança. Alguns brincam dizendo que a divisa com Utinga e com o Bairro Campestre é a zona rural de São Caetano. E realmente, até hoje, nota-se, no morro que delimita os municípios, a mesma várzea acompanhando o córrego - descaracterizada, mas ainda ostentando o seu verde acidentado. E se alguém segui-la, encontrará cavalos, burros e até vacas pastando.

Presente - Os anos passaram rápidos na divisa. Depois de viver toda a juventude na baixada da Barcelona, inevitavelmente alguns membros da família se casaram e se mudaram. Meus queridos avós deixaram o planeta no século passado – Seu Ricardo, em 1986, e Dona Maria, em 1995. Minha saudosa mãe, Lourdes, faleceu em 2002.

Por ironia do destino, depois de sair da casa do meu pai em 1997, para casar e morar no mesmo bairro (na Rua Capeberibe), voltei no final de 2004 para a mesma casa onde brinquei a minha infância toda, a mesma construída pelo meu avô nos anos 40 e ainda muito parecida com aquela de minhas lembranças. Depois de tantas idas e vindas, cá estamos: eu, minha esposa Cris, e meus filhos Gabriel e Letícia.



Primos brincando de teatrino no quintal da casa da Rua Alegre, em 1973. Da esquerda para a direita, vemos: Adriana, Marcos, Heloisa e Eliane

O que eu mais adorei com esta volta foi justamente a retomada do quintal. Essa outra casa da minha infância também conta com quintal, e, embora não seja tão selvagem como o outro, da Rua Alegre, tem uma orgulhosa mexeriqueira no jardim da frente (plantada pela minha prima Eliane) – e um razoável terreno atrás (com os mesmos ladrilhos vermelhos de outrora). Nas casas vizinhas moram ainda os primos Roberto e Adri, e os tios Sérgio, Dito e Cida. Minha tia Odete e sua filha Eliane estão morando no Nordeste. Minha irmã Heloísa, em São Bernardo do Campo. E meu pai, João Massolini, continua firme e forte na velha casa da Rua Alegre.

Os pássaros visitam muito a nossa rua, à procura das árvores que se escondem dentro do terreno da Eletropaulo, o que ainda dá um toque de festa e um sopro de natureza à vizinhança. E a brisa constante que vem de regiões longínquas nos fazem lembrar a força ainda reinante dos nossos pioneiros. **R**

(*) **Marcos Massolini** é jornalista e escritor, edita o informativo independente *Cultura*, em São Caetano do Sul.

*Igreja São Caetano, em
1908, no momento da
saída da Procissão de
Santo Antonio*



A RELIGIOSIDADE DOS PIONEIROS

(*) *Oscar GARBELOTTO*

(**) *João Tarcísio MARIANI*

Parte I:

Da velha capela de 1877 à Matriz Velha

Era muito forte a religiosidade daqueles primeiros colonos, manifestada pela busca constante dos atos de fé, pela verdadeira obsessão com que se lançaram na conquista da Palavra de Deus, por meio de um sacerdote, quase sempre ausente naqueles anos que precederam o cinquentenário de fundação de São Caetano. A velha capela que assistiu a chegada dos colonos era o ponto de encontro da pequena população.

Vamos rever a chegada dos italianos: instalações precárias os abrigavam em torno de uma pequena capela, surgindo aí o primeiro pólo aglutinador e o sustentáculo para tudo o que ocorreu posteriormente.





A partir dessa época, iniciada há exatamente 135 anos, buscamos, na documentação histórica e nos depoimentos dos mais antigos, a verdadeira imagem do cotidiano difícil dos primeiros colonos. Mas o dia a dia era feliz também, havia lugar para a alegria, festas, reuniões, além do trabalho árduo. É certo que houve momentos extremamente críticos, que marcaram a vida daqueles homens, mas não podemos ignorar que, acima de tudo, eram pessoas comuns, com sentimentos, religiosidade, amor. Era gente forjada nas dificuldades campesinas de sua terra de origem, que sabia suportar as costumeiras adversidades proporcionadas pelas agruras da vida. E aí foi a grande vitória do colono, a vitória de uma personalidade forte, aliada a muito trabalho perseverante e diuturno. Sob todos os aspectos ele venceu. Foi triunfo real encontrado até nas pequenas coisas, na sua conduta, na sua maneira de ser, de festejar, de construir, de legar um passado possível de ser debatido, interpretado e amado.

Esse passado, no entanto, não é fantasia ou mistificação da história, mas um legado deixado pelos sentimentos familiares, depoimentos e por documentos carinhosamente guardados. Ceifados pelas enormes dificuldades das primeiras décadas da colonização, quase todos os colonos chegados em 1877 não alcançaram as comemorações do cinquentenário em 1927. Salienta o sociólogo José de Souza Martins que, somente até o dia 20 de outubro de 1877, já haviam morrido 18 pessoas - uma morte a cada 5 dias, uma frequência alta para um grupo de pouco mais de 150 pessoas, menos de 40 famílias.

Mas se triste era reconhecer a luta e o sofrimento dos pioneiros para superar todos os obstáculos que lhes foram impostos, forçoso também era reconhecer a indiscutível vitória, apresentando aos descendentes, já em 1927, uma cidade emergente. E ao lado da Igreja São Caetano (Matriz Velha), enquanto aguardavam as palavras evocativas do Dr. Hugo Ribeiro, que precederiam a inauguração do lápide de mármore homenageando os fundadores, os seus filhos, por certo, lembravam do que os seus

pais contavam: "Uma piccola chiesa de un 20 metri quadrati com accanto una misera capanna abitata da due copie di schiavi é quanto formava l'abitato di allora."

Extremamente religiosos os colonos procuraram refúgio espiritual na pequena capela, então já dedicada a São Caetano. Em torno dela e do santo já adotado, passaram a acontecer fatos na pequena colônia. A assistência religiosa era um dos itens prometidos pelos agenciadores quando recrutavam braços para a lavoura. No entanto, conforme afirma ainda José de Souza Martins: "Até mesmo na concessão de supostos direitos aos imigrantes havia uma sutil espoliação que acentuava ainda mais a sua condição de objeto de uma grande transação".

E, como outros direitos, a assistência religiosa também foi dificultada aos colonos. A religiosidade do italiano, no entanto, era a mola propulsora que o levaria para frente. E a capela, desde logo, mereceu os necessários reparos e deixou de ser o lugar onde se abrigavam animais vageadores, passando a ser um espaço mais adequado para as orações, reuniões e, de quando em quando, para missas, que padres vindos de São Paulo ali celebravam. Foram os primeiros passos de "crescimento" da nova colônia.

Sempre em torno da capela, a fé, aliada a uma forte perseverança, dava impulso à colônia. Há um relato significativo do padre Luiz Capra, primeiro vigário da então enorme paróquia de Santo André (ia de São Caetano até o Alto da Serra), nas folhas 19, 20 e 21, do Livro de Tombo da paróquia, no ano de 1912, referindo-se a vida das primeiras famílias de São Caetano em 1877: "Todos os domingos, estes colonos, dos mais religiosos, reuniam-se na capela. De vez em quando convidavam um sacerdote de São Paulo, que deviam gratificar com 100\$000. Nos anos seguintes vieram inúmeras famílias e formou-se depois uma irmandade de São Caetano a qual deram o nome muitas distintas senhoras da capital. Foi esta irmandade que, em 1883, promoveu uma grande festa em louvor de São Caetano. Todos os anos o vigário do Brás, padre José M. Homem



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Padre Luiz Capra, primeiro vigário da Paróquia de Santo André



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O padre Giovanni Baptista Pelanda foi vigário, em São Caetano, de 1923 a 1929



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Em 1931, o padre Alexandre Grigolli assumiu a missão de vigário da Paróquia São Caetano



de Mello, ao qual pertencia este núcleo colonial, é que costumava vir rezar missa no dia 7 de agosto, festa do padroeiro. Desde 1884, o povo começou a nomear uma comissão de fabriqueiros que tomava conta da capela”.

Tudo indica que, como resultado desta “comissão de fabriqueiros”, a capela mereceu sua primeira ampliação, conforme relata Renato Bellucci: “Nel 1884 fu completamente restaurata ed ingrandita la chiesa...”. A assistência religiosa passou a ser mais frequente a partir de 1889, quando fixou residência em São Caetano um padre metropolitano, de nome Felice, também conhecido por Dom Bovi. Com sua saída, no mesmo ano, substituiu-o o padre Remiglio Pessotti, que ficou até o ano de 1900.

Como se observa nesta primeira fase, apenas por um curto período de quase dois anos é que os colonos tiveram uma assistência religiosa permanente. A partir de 1900, com a saída do padre Pessotti, foram quase sempre os missionários de São Carlos, residentes no Orfanato Cristovam Colombo, que vinham celebrar missa e assistir os doentes em São Caetano. Na realidade, esse foi um dos fatos que, aliado a tantas outras dificuldades e promessas não cumpridas, justificaram o lamento e a firme intenção de retorno manifestada pelo colono Giacomo Garbelotto, em carta enviada a um compadre de Cappella Maggiore, em 14 de fevereiro de 1889, e que pelo seu teor, foi publicada em jornais italianos da época.

Nada se fala sobre a frequência dos padres do orfanato em São Caetano, mas, segundo relatos dos mais antigos, apenas com a chegada do padre Luiz Capra na região é que a assistência religiosa foi solucionada. E é na leitura do importante documento histórico deixado por este sacerdote, o livro de tombo da Paróquia de Santo André, em 1912, que podemos verificar as alterações profundas na vida religiosa da gente de São Caetano: “Constituída a nova Paróquia de Santo André, a esta ficou pertencendo São Caetano. Nestes últimos tres anos foi construída a capela-mór e foram feitas obras importantes na igreja, no valor de 15 contos de réis, angariados exclusivamente entre os moradores desta

localidade. O vigário de Santo André vai todos os domingos rezar a missa em São Caetano, explica o evangelho ao povo, administra o Sagrado Sacramento e, uma vez por semana, dá aula de catecismo”.

Aos colonos de São Caetano o conforto espiritual definitivo acabou acontecendo quase 35 anos após a chegada dos pioneiros, e não pelos esforços das autoridades brasileiras que descumpriram as promessas dos agenciadores. Até então, o consolo para as necessidades do espírito era somente superado pela vontade imensa dos moradores locais que se desdobravam em sacrifícios pessoais e longas caminhadas em busca da tão ansiada Palavra de Deus.

Fácil imaginar o contentamento dos católicos de São Caetano com a presença do padre Luiz Capra, sobre quem assim se manifestou João Netto Caldeira: “Homem santo, inteiramente voltado para Deus, o Pe. Luiz Capara não teve tibieza, trabalhou com ardor e coragem, colhendo grandes frutos. Sua presença foi marcante na nova paróquia dando ao seu rebanho toda a grandeza de uma alma santa”.

Após o falecimento do padre Capra, em 1920, a população local continuou a ser assistida pelos padres scalabrinianos da Pia Sociedade Missionária de São Carlos, destacando-se o padre Silvano Giuliani, que fixou residência no distrito. Foi apenas em 1923 que chegou a São Caetano o primeiro religioso, pertencente à Congregação dos Padres Estigmatinos, o padre Giovanni Baptista Pelanda, tomando posse em 23 de dezembro de 1923. Logo após, em 31 de março de 1924, era criada a Paróquia de São Caetano, por ato de Dom Duarte Leopoldo e Silva, então arcebispo metropolitano de São Paulo.

O padre Giovanni, conhecido pelo abreviado nome de padre João, tornou-se o primeiro vigário de São Caetano. Nascido em Verona, na Itália, em 4 de setembro de 1879, veio ao Brasil entre os primeiros padres da Congregação dos Estigmatinos, que se instalaram em 1911, em Tibagi, no Paraná.

O padre Giovanni acompanhou seus fiéis e com eles, em 1927, comemorou o quinquagésimo aniversário de São Caetano. Foi uma ocasião inolvidável. Igreja e todas as sociedades beneficentes e esportivas da cidade procuraram o que de melhor ti-





Aerofundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Igreja Matriz Sagrada
Família na década de 1950

nham para a grande data. E assim, festivais de teatro (de grande importância na época), eventos esportivos, assembléias solenes com grandes discursos, bailes e reuniões escolares onde não faltaram os recitais de canto e poesia, aconteceram na cidade.

Os momentos culminantes da evocação dos fundadores, no entanto, mais uma vez aconteceram, tendo como centro a velha igreja, onde reuniram-se os descendentes dos pioneiros para agradecer a Deus. Nela colocaram a placa de mármore comemorativa do cinquentenário, em solenidade emotiva onde não faltaram as palavras saudosas dos velhos colonos e as bandas musicais acompanhando os atos cívicos. O padre Alexandre Grigolli, então auxiliar de Pelanda, teve importante participação na organização de todas as solenidades de aniversário.

É o padre Pelanda quem relata: “Em 28 de julho de 1927, em comemoração ao cinquentenário de São Caetano, muitas festas na cidade entre as quais uma reunião de todas as sociedades beneficentes e esportivas na sede da Príncipe de Napoli, de onde, precedidas pela banda musical, seguiram para a igreja matriz assistindo aí ao solene Te Deum em ação de graças”. A religiosidade indicava o caminho que sempre levava ao mesmo local: a pequena capela. Então uma longa história, que teve início na piccola chiesa, e que continuou sempre em torno daquele símbolo de fé, encerrava um de seus mais longos e sofridos capítulos.

Parte II: Da Matriz Velha a Nova Matriz Sagrada Família

A partir de 1927, São Caetano começava a se desligar de seu “cordão umbilical geográfico”, ou de seu berço, o Bairro da Fundação, e se estender para além da linha férrea, o que gerou a necessidade de se pensar em adquirir um terreno em local maior e mais central do que a Igreja São Caetano (Matriz Velha).

A primeira parte deste artigo muito bem exalta a religiosidade dos pioneiros e ninguém tem dúvida de que foi o mesmo espírito, a mesma vontade empreendedora, e o mesmo empenho dos fundadores, de seus descendentes e dos novos habitantes, que permitiu a São Caetano sonhar e construir a Matriz Nova (Igreja Sagrada Família).

No dia 18 de abril de 1929, com a volta do padre Pelanda para a Itália, assume o segundo vigário, José Tondin. Auxiliando-o, permaneceu o padre Alexandre Grigolli. Na ocasião, a cidade já se apresentava em ritmo de acelerado crescimento. Então, Tondin e Grigolli se conscientizaram de que era chegada a hora de projetar a edificação da nova igreja, com base em motivos evidentes, como a distância a ser percorrida para ir à igreja pelos que, na expansão da cidade, moravam cada vez mais longe da Fundação e, também, dos que frequentavam a Matriz Velha, vindos de Vila Prudente, Vila Zelina, Moinho Velho, Santa Terezinha e Utinga. Lembrando que essas distâncias eram vencidas a pé.

Em 1931, o padre Alexandre Grigolli assumiu a missão de vigário da Paróquia São Caetano e, em março de 1932, tiveram início as obras da nova matriz.

Agora podemos abordar o que de fato poderíamos chamar de teste de religiosidade, quando o povo do Bairro da Fundação considerou-se, digamos, quase “traído”, ao ver mudar o centro da fé na cidade.

É evidente a percepção de que, após 60 anos (1877 – 1937) o símbolo da religiosidade dos fundadores e seus descendentes começou a migrar da Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, para a Igreja Sagrada Família, no Bairro Centro, inaugurada em 1937. E esta passou a ser o centro dos acontecimentos mais marcantes da vida social e religiosa e da história de São Caetano. É como se, ao confrontarmos os dois símbolos, Matriz Velha e Matriz





*Projeto do
Museu de Arte
Sacra, anexo à
Igreja Matriz
Sagrada Família*



Nova, estivéssemos comparando também a religiosidade dos humildes fundadores em sua modesta igreja, com a religiosidade das novas gerações em sua imponente Igreja Matriz Sagrada Família. Mas, o símbolo dos descendentes era fruto emergente e resultante dos esforços e da fé dos pioneiros que, “traídos” ou não, legaram de forma indelével os seus valores e, direta ou indiretamente, colaboraram para que a Matriz Nova se tornasse monumento de reconhecido valor artístico, patrimônio cultural da cidade e que, ao completar os seus 75 anos de vida, ainda exerce influência e fascínio inquestionáveis.

E, talvez, a melhor parte dessa história está justamente focada em uma pessoa que soube, como ninguém, entender o sentimento de religiosidade dos pioneiros e extrair deles o que de melhor tinham a oferecer, para manter viva a chama daquela luta inicialmente enfrentada no início da colonização, tratada na primeira parte do texto.

A pessoa sobre a qual falamos é unanimidade na história e na memória de São Caetano do Sul e a melhor justificativa para a imponência da Matriz Nova, que carrega a magnitude e a beleza típicas da criatividade de um gênio multidisciplinar, o padre Alexandre Grigolli. Músico e compositor, escultor, pintor, artesão e arquiteto, visionário e empreendedor, com uma trajetória sacerdotal marcada por virtudes.

Poucos sabem, por exemplo, que o desenho contendo o esboço original da Igreja Sagrada Família foi feito por Grigolli, e está disponível no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Não seria exagero associar o sentimento de religiosidade, que perpassou São Caetano na transição da Matriz Velha para a Matriz Nova, como sendo resultado do ardor

missionário que este padre herdou, com certeza, do fundador da Congregação dos Padres Estigmatinos, São Gaspar Bertoni.

Quando recordamos nomes que sucederam Alexandre Grigolli, como os padres Ézio, Paulo, Primo, Mainardi e, atualmente, Jordélio, é impossível não vir à mente seu empenho em manter aquele entusiasmo latente do fundador, que inflamava o padre Alexandre, e que era também a chama constante na vontade dos pioneiros e seus descendentes em amar e lutar com muita fé pelo povoado, pela pequena cidade, por uma grande São Caetano.

No campo das comparações é válido relembrar a luta do padre Alexandre Grigolli para construir a Matriz Nova, e o atual esforço do padre Jordélio Siles Ledo na edificação do Museu de Arte Sacra Sagrada Família.

Os objetivos de os ambos sacerdotes estigmatinos se complementam: é a casa de Deus com a arte e a beleza projetadas pelo próprio padre Alexandre e será o futuro museu, idealizado pelo padre Jordélio, preservando o patrimônio histórico, religioso e cultural da Igreja Matriz Sagrada Família e de São Caetano do Sul. O desenho contendo o esboço da Matriz Nova, feito por Grigolli, com certeza, um dia estará disponível no Museu da Sagrada Família.

Em 2012, ao comemorarmos os 135 anos de fundação de São Caetano e os 75 anos da inauguração da Igreja Matriz Sagrada Família, homenageamos e enalteçemos o espírito e a essência do símbolo de religiosidade que a Congregação Estigmatina, desde que aqui chegou em 1923, se responsabilizou com muito zelo em manter e perpetuar durante os últimos 90 anos da vida da cidade.

E é essa saga, religiosa e empreendedora, intrínseca de pioneiros e fundadores, que permitiu a Gaspar Bertoni, a Alexandre Grigolli e a Jordélio, erigirem uma congregação, uma matriz e um museu. Ganharam, e ganham, com isso, os fiéis, o povo e a cidade de São Caetano do Sul. **R**

(*) *Oscar Garbelotto* é advogado, professor universitário e também dedica-se ao estudo e à pesquisa da história de São Caetano do Sul.
(**) *João Tarcísio Mariani* é membro do Conselho Editorial e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.



*Retrato de casamento
de Vilma Zambom
Musumeci, em janeiro
de 1953*

IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL: a memória de descendentes de poloneses através da história oral

(*) *Camila Zaborski Cardoso CORTEZ*

*Imigrantes
poloneses não
identificados, em
São Paulo, em
1936*



Arquivo Museu da Imigração do Estado de São Paulo

No final do século 19 e início do século 20, um grande fluxo migratório invadiu diversos países americanos, entre eles, o Brasil. Imigrantes de diversos países da Europa partiram para outros territórios, em busca de melhores condições de vida e progresso. Após a abolição da escravatura, o governo brasileiro impulsionou uma intensa propaganda de incentivo à imigração, visando à substituição da mão de obra nas lavouras e fazendas.

A Polônia, país da Europa Central, tem sua evolução histórica marcada por invasões, opressão e sofrimento durante séculos, tendo sido invadida e partilhada pela União Soviética e pela Alemanha. Fatores como as duras perseguições impostas aos poloneses, as drásticas medidas para o extermínio de sua população, entre outras ações de repressão, causaram grande revolta na população e deu impulso à emigração.

No período compreendido entre 1889 e 1914 deu-se a entrada majoritária de poloneses no Brasil. Cerca de 100 mil, até o início da Primeira Guerra Mundial. Hoje, no século 21, os poloneses e seus descendentes, que construíram suas famílias no Brasil, não deixariam a terra que os acolheu para retornar ao seu país de origem. Imigrantes natos, filhos, netos e familiares fazem parte da história do país, tornando-o multicultural.

Atualmente, a técnica da história oral possibilita a esses imigrantes e descendentes a oportunidade de relembrem suas vidas, desde a infância, e os fatos marcantes de sua trajetória, além de resgatar os sentimentos que permanecem vivos ainda hoje em relação à terra natal, a Polônia.

Ouvir essas pessoas traz tamanha satisfação, que nos faz perceber como o papel do historiador é fascinante e, acima de tudo, como pessoas aparentemente comuns podem, a cada relato, mudar nossa visão e compreensão de mundo.

João e Janete Tartoik – O casal de poloneses João e Janete Tartoik foi entrevistado em 2011. Na sequência, por meio de uma narrativa em primeira pessoa, preservando as características da linguagem falada, apresentamos a história de suas vidas e a emigração da Polônia.

João: “Meu nome é João Tartoik. Eu nasci na Polônia, em uma região que neste tempo já era independente. Uma região situada entre dois vizinhos poderosos, que têm a tradição de brigar entre si. De um lado a Alemanha e do outro lado a Rússia,. Dessa forma, a Polônia sempre fica entre os conflitos.

Minha infância, posso dizer que foi normal. Frequentei a escola, onde aprendíamos os idiomas russo e alemão, dependendo da ocupação, e eram idiomas obrigatórios. Quando eu ainda era menino aprendíamos o alemão e quando já estava mais jovem, comecei a aprender o russo. Sou filho único, sempre fui muito mimado.

Por volta de 1939, a Alemanha nazista acabou dividindo a Polônia em duas metades. Eu fiquei na parte de domínio russo. Continuei meus estudos e, dois anos mais tarde, a Alemanha nazista atacou a Rússia, e aí se iniciou um momento muito triste. Fui me deslocando para diversos locais, primeiro para a Rússia, sempre fugindo dos exércitos nazistas. Houve um período em que os aliados da Rússia fizeram um recrutamento de estrangeiros que não fossem russos, pois, eles não podiam sair do país. Então poloneses, franceses, belgas, húngaros, lituanos, entre outros, podiam se alistar para lutar contra a Alemanha na África e em outras partes do mundo,

que ainda estavam livres. Entrei no exército, fiquei quase quatro anos lutando na guerra, mas não gosto de falar sobre esse assunto.

Quando acabou a guerra acabei sendo desmobilizado, ou seja, saí de onde eu estava para morar em outro local. Fui primeiro para a Itália, na intenção de lá permanecer, mas, as condições pós-guerra eram muito traumáticas, de forma que não dava mais para viver lá. A Itália era um país maravilhoso, eu tinha muitos amigos lá, mas infelizmente, após a guerra, a Itália era um país arruinado. Não existia indústria, não existia comércio, a maioria do povo passava fome. Então, para quem era acostumado a comer bem, pois, no exército aliado se comia muito bem, era difícil viver lá, apesar de eu ter um emprego bom. Eu era um correspondente alemão, italiano e inglês, em uma empresa de automóveis. Mesmo assim não foi possível viver em um nível aceitável. Tentei então emigrar para outros lugares. Tentei ir para vários países. Tentei Estados Unidos, pois, tenho um tio que mora lá, mas no fim não consegui. Por fim, decidir vir ao Brasil, dois anos após o final da guerra, em 1947. E, de lá para cá, é uma luta como de qualquer pessoa, tentando sempre ganhar mais dinheiro para subir a escada da vida, tentando sempre ter uma posição melhor, achar uma casa, comprar uma televisão.

Quando cheguei ao Brasil, o primeiro local que fui morar foi no Rio de Janeiro. Morei lá durante um ano. Nesse tempo não tinha crime, eu costumava passear à noite, pois morava em uma pensão que era um calor desgraçado e não conseguia dormir, então ia passear nas ruas, na praia e nunca ninguém me assaltou. Fiquei um ano no Rio, mas lá não tinha muita chance de emprego, não tinham muitas indústrias e o comércio também era bem fraco. Vim então tentar a vida em São Paulo. Cheguei à cidade e logo comecei a trabalhar. No início eu ganhava muito pouco e ainda não falava o idioma português. Mas falava quatro idiomas, pois, vivi três anos na Itália, então falava fluentemente o italiano, sabia falar inglês e também havia aprendido o alemão na escola. O polonês era a minha quarta língua, mas

faltava aprender o português. Mesmo assim, conseguia me virar de alguma forma. Demorou um certo tempo para que eu pudesse começar a aprender o português. O que mais me atrapalhava em aprender era o italiano, pois, a língua italiana e a portuguesa são muito parecidas e eu sempre misturava muito as duas. Até que um bom amigo meu, do exército, me deu um bom conselho, disse que para que eu aprendesse bem o português era necessário esquecer o italiano, não escrever e nem pensar na língua. E, realmente, em menos de um ano, cheguei quase à perfeição no idioma português. Foi um ótimo conselho dado por esse meu amigo. Sabendo então o português foi mais fácil subir na escada da vida.

A partir daí, comecei a melhorar um pouco de vida, mas aos poucos. Meu ponto forte foi quando comecei a trabalhar no frigorífico Wilson, uma empresa americana que hoje não existe mais. Era um frigorífico matadouro que comprava gado, matava e fazia todos os tipos de produtos que envolviam carne. Nesse frigorífico posso dizer que foi um emprego bom que consegui. Lá os americanos davam muito valor ao imigrante. Então consegui uma posição boa.

O maior choque que tive quando cheguei ao Brasil foi quando cheguei ao Rio de Janeiro, passava nos restaurantes, e via as pessoas comendo uma comida estranha, de cor marrom, o feijão. Eu achava muito estranho aquela comida escura no

prato. Afinal, na Polônia e nos países em que morei antes de vir ao Brasil, as comidas eram em geral mais claras, eram massas, batatas, coisas do tipo, e quando vi aquela coisa marrom e escura no prato, achei muito esquisito. Mas, hoje, em compensação, adoro uma feijoada brasileira”.

Janete: “Até hoje em dia, o João não come muito o feijão marrom, não gosta muito. Eu gosto, e de vez em quando faço para mim, e então ele come. Outra coisa interessante é que na Europa comemos muitos miúdos (de carne), como língua, moela, figado. Antes esse tipo de alimento era barato, mas hoje está caro. A língua, quando se sabe fazer, fica muito saborosa. O polonês sabe fazer muito bem. Fazemos também muita rabada, bucho, entre outras coisas. Em relação ao clima aqui no Brasil, eu também não aguentei morar no Rio de Janeiro por muito tempo, não aguentei o calor”.

João: “A Janete não conseguia comer quase nada e começou a ficar muito magra. Era muito calor, e não dava nem vontade de comer. Nem à noite o calor dava trégua, era realmente muito quente. O próprio ar dentro de casa era quente e se abrisse a janela, as baratas voavam para dentro da gente. Nessa época, eu trabalhava em uma fábrica de produtos eletrônicos, que também era muito quente, o teto era de amianto. A cada metro tinha um ventilador e mesmo assim não dava para aguentar. As minhas camisas ficavam molhadas de tanto suor, e era tanto que dentro de alguns meses era preciso jogar as camisas fora porque o suor comia todo o tecido. Era um clima que, para nós, que éramos estrangeiros, era insuportável. Já em São Paulo, é um

clima que dá pra aguentar. Por exemplo, nos dias de frio, como já estamos aqui há muito tempo, nos acostumamos com o clima e sentimos frio. Quando está calor, sentimos calor também”.

Janete: “Eu me lembro que quando era pequena e morava na Polônia e depois na Alemanha, às vezes era tão frio que minhas mãos congelavam e eu chorava de tanto frio”.

João: “E eu me lembro quando era menino e gostava quando era frio, pois, se a temperatura baixasse mais do que 10 graus abaixo de zero, as escolas não abriam e aí não tinha aula (risos). Como as escolas não tinham sistema de aquecimento suficiente para combater os 10 graus negativos, pois, eram movidas a carvão, as aulas eram canceladas.

Desse período em diante, sempre trabalhei em firmas multinacionais. A última firma em que trabalhei - isso já faz muitos anos - foi a General Motors, em São Caetano. E foi onde me aposentei. Na General Motors sempre me trataram bem, foi uma ótima empresa. Tenho saudades desse tempo em que trabalhei lá. Se pudesse, voltaria para essa empresa, era um lugar muito agradável.

Já estou no Brasil há 64 anos. Sou casado há 59 anos. Já temos netos de 30 anos e dois bisnetos. Temos duas filhas. Minhas filhas entendem o idioma polonês, mas sabem falar pouco”.

Janete: “Quando nossas filhas ainda eram pequenas, nós falávamos em casa o polonês e o português, mas vimos que elas estavam se confundindo. Então o João disse: ‘Tire o polonês, pois não tem valor’. Então, aos poucos, fomos diminuindo o polonês falado dentro de casa, para que não atrapalhasse as meninas nos estudos. Agora, entre nós dois, falamos quase o dia todo o polonês, mas nos comunicamos somente em polonês quando estamos sozinhos. Acaba sendo meio misturado, pois, estamos já faz muito tempo no Brasil (risos)”.

João: “Conheci minha esposa aqui no Brasil. Nós dois somos poloneses, mas viemos a nos conhecer aqui. A forma como nos conhecemos é bem interessante. Como eu já havia mencionado, havia o frigorífico Wilson, que eu havia trabalhado e que na época era uma grande potência. Era uma firma

enorme que tinha compradores que andavam por todo o Norte do país, comprando gado para depois matar e fazer produtos derivados da carne. Eles tinham enormes câmaras frigoríficas e todas com temperatura abaixo de zero, para que não estragassem a carne. Dessa forma, precisavam de centenas de pessoas para trabalhar lá e os brasileiros natos não se davam bem nesse frio, pegavam doenças, pneumonia, gripes, reumatismos. Então sempre tinha falta de pessoas querendo trabalhar nesses lugares. Agora, os imigrantes poloneses, russos, ucranianos, e outros, não ligavam muito para esse tipo de coisa, já estavam acostumados a esse clima. Começou a se formar um centro de imigrantes do leste europeu. Sendo assim, eu acabei indo trabalhar nessa firma, assim como minha esposa e a família dela também. E foi lá que nos conhecemos. Todos trabalhando em torno desse frigorífico. Sem querer, o local se tornou um núcleo de imigrantes europeus, somente por causa das câmaras frias. Há um tempo tive vontade de voltar nesse frigorífico, saber como está, pois, ele fez parte da minha vida durante um certo tempo”.

Janete: “Hoje não fazemos muita culinária polonesa, o João gosta muito de feijoada (risos) e eu gosto muito de cozinhar. Gosto muito de *kschornakapusta*, que é uma espécie de repolho azedo com salsicha. Comíamos muito isso na Polônia, minha mãe fazia muito. Também tinham muitas comidas que tinham batata com carne assada, torta de maçã com ricota. Também fazíamos muito nhoque de batata, que meu pai podia comer todos os dias que não enjoava. Na Polônia não se come a massa com molho vermelho, e sim com o molho da carne de porco assada. Eram uns nhoques maiores, não como os daqui, pequenos. Eram pedaços de massa maiores com a carne de porco bem assada e o molho dela mesma. Também comíamos muitos cogumelos, e hoje ainda comemos, os chamamos *jubi*. O João não é muito fã de arroz, mas, em compensação, ama a feijoada brasileira, então ele acaba comendo o feijão e o caldo com farofa, como se fosse um tutu. Eu não gosto de couve, ele já gosta muito”.

João: “Eu gosto da culinária polonesa, mas,

não vou mentir, quando chegamos em um país como o Brasil, com uma diversidade na culinária, não há como não se encantar. A cozinha brasileira é fantástica. Eu adoro os restaurantes nordestinos. Às vezes como tanto, que passo até mal (risos)”.

Janete: “Antigamente, toda semana, a família se reunia na minha casa. Eu gosto de fazer toda a comida, e peço que todos fiquem na sala ou na biblioteca, mas que venham só para comer. São cerca de 15 pessoas que costumam nos visitar. Eu que preparo tudo, faço várias coisas, faço pão de queijo e ralo batata ou mandioca para fazer *platski* (uma espécie de panqueca de batata). Fazíamos muito isso na Polônia também, mas na Polônia era só com batata. Hoje, meus filhos nos visitam a cada 15 dias. Por mim eles viriam toda a semana. Eu conheço pessoas que, com a minha idade, 80 anos, já não fazem muita coisa, pois, falam que estão velhos. Eu não faço muita coisa. Sirvo meus filhos, netos e bisnetos com muito prazer. Todos os dias levanto às seis horas da manhã e, às dez da manhã, ainda estou limpando a casa”.

João: “Os poloneses têm fama de ser muito trabalhadores. Na Europa, são muito procurados. As construções na Alemanha, muitos que as fizeram foram poloneses. Em toda a Europa, desde que não foi mais necessário o visto de entrada e saída dos países, os poloneses passaram a trabalhar em diversos países.

Desde que vim da Polônia, não voltei mais para lá, nem para visitar. Eu até tive a oportunidade de ir, mas o país estava sob o regime comunista e estava em uma grande miséria, então não quis gastar

o meu dinheiro à toa. Com o dinheiro que eu gastaria para ir à Polônia e ver a terra que tanto gosto em plena miséria, eu poderia conhecer outros países que estavam em uma situação melhor. Viajei então a Paris e para outros locais com minha esposa.

Mas mesmo assim, posso dizer que a Polônia é uma terra maravilhosa. Sempre digo que todos deveriam conhecer esse país que traz tantas histórias. Depois que foi colocado na Polônia o sistema capitalista o país evoluiu muito. Em alguns países pode não ter dado certo, mas na Polônia deu. Foram consertados todos os estragos da guerra, não se vê mais nada de ruínas e buracos. Todos os monumentos foram restaurados, então hoje vale a pena gastar um pouco de dinheiro e visitar esse lindo país. Logo após a guerra, os poloneses já começaram a ajudar de alguma forma a melhorar aquela imagem degradada do país, recolhendo pedras e fazendo o que fosse necessário. Não adianta ficar lamentando e esperar a ajuda cair do céu. É necessário que o próprio povo arregace as mangas a vá ao trabalho. Existem países que são devastados por terremotos e tsunamis, mas as pessoas apenas lamentam e não contribuem para a melhoria. Então são diferenças de culturas e mentalidades. Hoje não temos mais contato com outros poloneses, temos parentes em outros países, mas nos vemos pouco.

Hoje posso dizer que gosto da Polônia, mas prefiro o Brasil. Um lugar que gostei muito de morar foi na Itália. Outra coisa que acabo não gostando aqui no Brasil é a criminalidade. Nós que somos velhinhos, temos que sempre voltar quando está claro para não correr o risco de sermos assaltados. Logo que cheguei ao Brasil, não existia essa criminalidade, eu andava nas ruas do Rio de Janeiro à noite, sem me preocupar. Ia até a praia, ficava vendo o mar, vendo os navios atracarem, era muito bonito.

Logo que casamos moramos, a princípio, em São Caetano do Sul, e depois fomos para Santo André, onde compramos a casa que moramos hoje. Ela era muito velha mas, aos poucos, conseguimos reformá-la e melhorá-la. Moramos nesta casa já faz 50 anos, e vimos a cidade se urbanizar completa-

mente. Logo que mudamos para cá tudo ao redor era campo e mato. Não havia casas urbanizadas e sim apenas chácaras. Às vezes, escutávamos um barulho à noite, no quintal e na rua, e quando víamos eram vacas passeando. E também, na época em que casamos e compramos essa casa era tudo muito diferente, pois, não havia essas facilidades que tem hoje, como financiamentos e coisas do tipo. Tínhamos que ter uma entrada e pagar o restante em, no máximo, meio ano. Era melhor comprar uma casa mais velha e reformar aos poucos, do que comprar uma nova logo de início, pois era necessário dar muito dinheiro de entrada e ter que pagar num prazo rápido.

Minhas lembranças do Brasil são em grande parte, muito boas. Nunca fui assaltado, apesar de ser uma raridade (risos). História sempre foi a minha paixão. Sempre gostei muito de ler. Na casa dos meus pais, tínhamos uma biblioteca com alguns livros de história. Eu sempre gostei muito. Eu tinha livros sobre a Revolução Francesa, sabia todas as datas, o nome de todos os revolucionários, lia sobre as guilhotinas e sobre diversos assuntos. Também gostava muito de ler sobre a Revolução Russa. Acho esse assunto muito interessante. O movimento de mencheviques e bolcheviques sempre me interessou. Não me canso de falar de história, acho algo fascinante.

Ainda hoje, quando assisto a filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, eles ainda mexem muito comigo. É muito difícil, acabo lembrando muitas coisas, pois, eu estive na guerra de fato. Os documentários e filmes que retratam esse período são para mim como filmes de horror. É impressionante saber que um dia a humanidade esteve a um nível tão baixo. Não sei se um dia será possível entender ou justificar um momento de tamanho sofrimento como foram a guerra e o nazismo". **R**

(*) *Camila Zaborski Cardoso Cortez* é licenciada em História pela Universidade do Grande ABC/Anhanguera.

Agradecimento aos professores Alfredo Oscar Salum e Renato Alencar Dotta pela orientação deste trabalho de conclusão de curso para a Universidade do ABC/Anhanguera

MEMÓRIA FOTOGRAFICA

Desfile cívico de 7 de setembro de 1953. Em destaque, alunos da 3ª série do período noturno, primeira turma do Ginásio Estadual que funcionou, no seu início, nas dependências do Grupo Escolar Senador Flaquer. No flagrante da foto, as alunas com suas bicicletas estavam passando pela Rua Baraldi, em frente da Praça Cardeal Arcoverde. Vemos, em primeiro plano, Zélia e Wanda Radzevicius

Acevol/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Avenida Tijucussu sendo asfaltada. O trecho fica entre as ruas Ingã e Itápolis. Hoje é uma moderna via, arborizada e com ciclovia. Foto da década de 1960

Fachada do Cine Planalto, localizado na Rua Joana Angélica, no Bairro Barcelona. O cinema era de propriedade da família Santarelli e tinha capacidade para 1.200 lugares. Foto da década de 1950





Aerov/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Cenário de lançamento do primeiro filme do Super-Homem a ser exibido no Cine Vitória, na Rua Baraldi, no Bairro Centro, na década de 1970



Família de José Zucatto, durante passeio no Jardim da Luz, em São Paulo, na década de 1940

Time de futebol do Banco São Caetano, no campo do Monte Alegre na década de 1950. Entre os reconhecidos na imagem, temos: João Massolini, Vívoló, Nenê, Felipe, e Ailton Garzin. O local da foto é o antigo campo do Monte Alegre





Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Jardineira que fez parte da primeira linha de ônibus de São Caetano do Sul, de propriedade de A. Veronesi, cujo destino era o Bairro Cerâmica. Transportava, aproximadamente, de 10 a 12 passageiros, e era montado sobre um chassi de caminhão. Vemos na foto, da esquerda para a direita, Newton Rela, Hilda Mazzutti e Hugo Veronesi. Foto da década de 1930



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Cecília, Ronaldo e José Luiz Perrella, no quintal da residência da família na década de 1940



Carro da Autoescola Relá, destinado a aprendizagens de motorista. A autoescola foi fundada por João Relá Filho, em 1939. Vemos na calçada, Giacomo Benedetti examinando um aluno que fazia exame de baliza, ao lado da Metalúrgica Glória, próximo do Viaduto dos Autonomistas. O veículo era um Ford 1951, usado para treinamento e exames de novos motoristas. Foto de cerca de 1955

Depósito de frutas de propriedade de Ângelo Scalzaretto, localizado na antiga Rua São Caetano, hoje, Avenida Conde Francisco Matarazzo. Vemos, Antonio Gava, Ângelo Scalzaretto, Espada (pedreiro) e Marcos Moretto. Foto da década de 1930





Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Casa Almeida, localizada na Rua Alagoas, 548. Vendia produtos carnavalescos e também artigos de caça e pesca. Da esquerda para a direita: Maria (funcionária), Amadeu de Almeida (proprietário), Vera Lúcia (neta), Maria (esposa do Amadeu) e Edson (neto). Foto da década de 1960

Fachada da Paróquia São Francisco de Assis, localizada na Rua São Francisco de Assis, no Bairro Santa Maria. A foto, da década de 1960, mostra a igreja ainda em construção e a rua sem pavimentação. Em 1968, suas instalações foram parcialmente destruídas por um incêndio. O primeiro pároco foi Jorge Nogueira



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Foto do jovem Pedro Ceschin durante passeio no Jardim da Luz, em São Paulo. Foto de 1928



AerovFundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Foto tirada no estúdio do Foto Brasil, na antiga Rua São Caetano. Entre os amigos, David Stadler



Final do Viaduto da Independência. Foi inaugurado em 1972, durante os festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Faz ligação entre São Caetano e os bairros paulistanos de Vila Alpina, Vila Bela e Vila Califórnia. Foto da década de 1980

Equipe de judocas da Associação Beneficente Recreativa Esportiva Vila Barcelona (atual CER Miguel Marcucci), localizado na Avenida Presidente Kennedy. Foram identificados: Chicão, Rogério Sampaio, Paulo Seter, Eduardo Dantas Bacelar, Mário Tsutsui, Paulo Mendonça, Revite, Wagner Astropil, Alessandro Puglia, Aurélio Miguel, Ramis Sayar e Jordano Vincenzi Filho. Foto da década de 1990





Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Amélia Moche Garrote e José Carmo Garrote a caminho de seu casamento, que seria realizado na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na Rua Mororó, no Bairro São José. Acompanhando os noivos, parentes e as Filhas de Maria

Família de Jorge Laranjeira em jantar de comemoração das Bodas de Ouro de Luiz Vincenzi e Emma Carallini Vincenzi. Da esquerda para a direita: Marly (filha), Lúcia (esposa), Jorge Laranjeira, Mauro (filho) e o primo Northon



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Atletas de ginástica artística do Clube Lázio formando uma pirâmide humana durante ensaio para apresentação. Foto da década de 1930

Os irmãos Hermelinda Nóbrega Germano, Maria Celestina Nóbrega Teixeira, Enrique Caires Nóbrega Netto e Rosalina Nóbrega em foto de 1990. Filhos dos portugueses Henrique Caires de Nóbrega Junior e Maria de Caires Nóbrega, que vieram para São Caetano do Sul na década de 1910





Arquivo/Eduardo Vidoski

Equipe do Piratininga Futebol Clube, agremiação amadora fundada em 21 de março de 1933, em São Caetano do Sul. O campo ficava na Rua Piratininga, no Bairro Santa Paula. Vemos na foto, em pé, da esquerda para a direita, Stefan Vidoski (Fefo), Jaime Quadros (goleiro), Dorival Fernandes, Roberto Pereira (Robertinho), Sidnei Vamondes, Flávio Fornazieri e José Quadros (Zezinho) e o técnico Pedro Vidoski. Agachados, da esquerda para a direita, Oswaldo Garcia Veiga (Veiguinha), Waldemar Fernandes (Marreco), Ludgero, Paulo Gazani e Rinaldo Vieira Gonzales. Foto de 1956



Arquivo/Família Moacyr Rodrigues

Família de Moacyr Rodrigues. A esposa, Maria do Carmo Ferreira Rodrigues, foi professora desde o início da carreira até aposentar-se, no antigo Grupo Escolar Senador Flaquer. Rodrigues, advogado militante desde a década de 1950, faleceu em 1988. Atuou, também, como diretor de Assuntos Jurídicos da Prefeitura de São Caetano do Sul. Na foto, com uniforme da Aeronáutica, quando servia em Lorena, na Escola de Especialistas da Aeronáutica. Os filhos, à esquerda, Moacyr Antonio Ferreira Rodrigues, hoje procurador de justiça aposentado, e Fernando Antonio Ferreira Rodrigues, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Foto de 1951



Matheus Constantino (sentado) e seu filho Concetto Constantino. Matheus Constantino fez parte da diretoria do Partido Municipal, em 1928, que lutava pela autonomia do distrito de São Caetano. Participou, também, do segundo movimento autonomista, em 1948. Concetto Constantino exerceu a vereança em várias legislaturas. Faleceu em 1988

EXPOSIÇÕES

Os 135 anos de São Caetano e seus imigrantes italianos

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul apresentou, de 4 de julho a 15 de setembro, no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, em comemoração aos 135 anos da fundação da cidade, uma mostra de imagens dos fundadores e seus familiares, vindos nas primeira e segunda levas de imigrantes italianos, e que iniciaram o processo de desenvolvimento da cidade, no dia 28 de julho de 1877. Foram expostas reproduções fotográficas de famílias como Fiorotti, Leone, Gallo, Perrella, Botteon, entre outras.



1º Salão de Artes Visuais de São Caetano do Sul

A Secretaria Municipal de Cultura retomou a organização de salões de arte na cidade em 2012, mais de 30 anos depois da realização do último Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul. A Pinacoteca Municipal foi o espaço escolhido para receber as cerca de 100 obras participantes, que retrataram um pouco da produção em artes visuais de São Caetano e da Grande São Paulo. Foram mais de 130 inscritos e 300 obras, somando pinturas, desenhos, esculturas, gravuras e instalações. Deste total, foram selecionados 48 artistas. A mostra ficou em cartaz de 14 de julho a 8 de setembro.



Imagens de Nossa História

De 26 de julho a 27 de outubro, o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Imagens de Nossa História*. A história de São Caetano do Sul é constituída por diferentes fases, que compreendem desde o período correspondente ao da presença beneditina, passando pelas etapas do Núcleo Colonial e da subordinação política a São Bernardo e a Santo André, até o contexto

dos intensos processos de urbanização e industrialização, responsáveis pela elevação da cidade à condição de município e pelo crescimento de sua população, cujas origens remetem a uma variada gama étnica e cultural. Por meio de fotografias, do acervo do Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória, a mostra retratou toda esta evolução.



Paisagens Verdes: as praças e parques de São Caetano do Sul



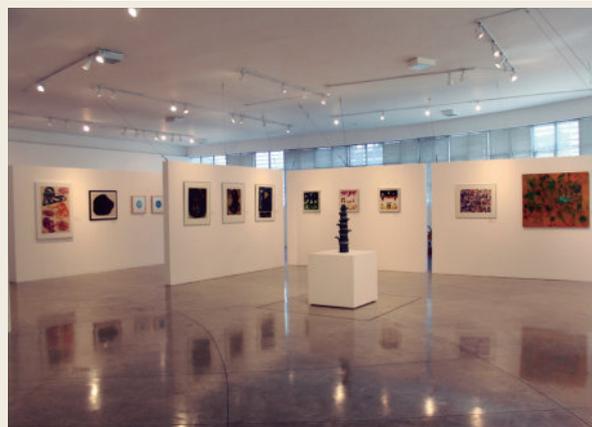
Fotografias atuais de parques e praças de São Caetano do Sul integraram a mostra *Paisagens Verdes: as praças e parques de São Caetano do Sul*, que ficou no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 15

de setembro a 15 de outubro. Com o objetivo de levar ao conhecimento da população da cidade as áreas verdes e incentivar a prática de lazer e esportivas, a exposição apresentou um histórico de cada espaço.



Pinacoteca 10 anos – Artes Visuais em São Caetano do Sul

No dia 18 de abril de 2012, a Pinacoteca Municipal completou 10 anos de atividades. Para celebrar a data, a Fundação Pró-Memória preparou a exposição *Pinacoteca 10 anos – Artes Visuais em São Caetano do Sul* e apresentou uma seleção especial de obras do acervo da instituição, com trabalhos dos salões de arte contemporânea realizados na cidade nas décadas de 1960 a 1980 e novas aquisições, que foram expostas pela primeira vez. Com abertura realizada no dia 18 de outubro, a mostra fica até 8 de fevereiro de 2013.



Histórias e Ensinamentos: professores de São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul prestou uma homenagem aos professores que passaram por escolas da cidade e apresentou, nesta exposição, imagens de alguns mestres que passaram pela vida de muitos alunos, trazendo-lhes gratas lembranças dos tempos dos bancos escolares. A mostra ficou em cartaz no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 15 de outubro a 17 de dezembro.

E se eu fosse assim?

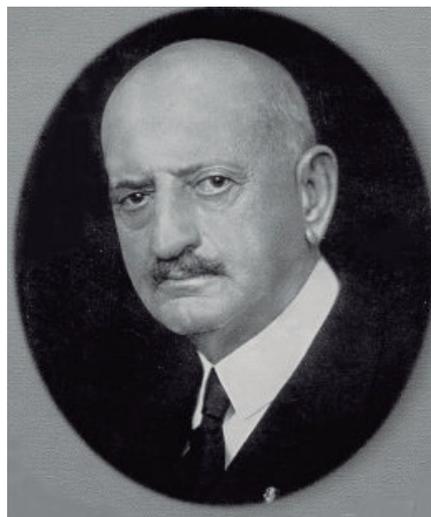
A mostra apresentou o resultado dos trabalhos dos participantes da oficina *E se eu fosse assim?*, realizada pela Pinacoteca Municipal. Coloridos painéis com pinturas e colagens foram dispostos no Espaço Verde Chico Mendes para o público interagir e se divertir, de 22 de setembro a 28 de outubro. A iniciativa teve como inspiração o Dia das Crianças.





Fé – Honra – Trabalho - As Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM) em São Caetano do Sul

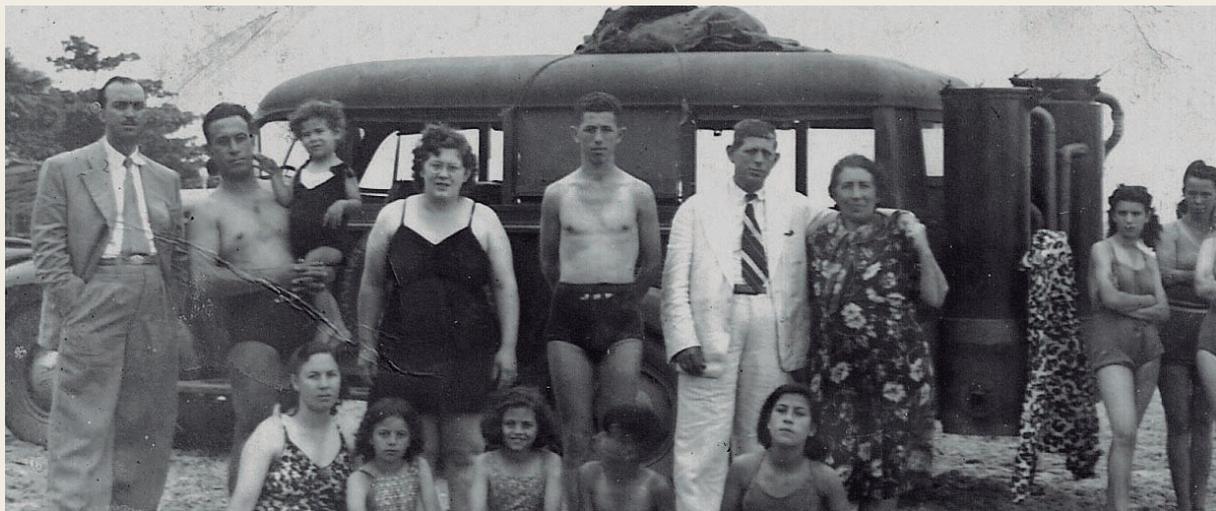
Em comemoração aos cem anos do início do processo de instalação das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo no município, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio do Museu Histórico Municipal, apresentou *Fé – Honra – Trabalho* (conhecido lema da empresa), exposição que, a partir de exemplares de produtos, documentos, materiais publicitários e imagens, recuperou vestígios de uma pequena, mas expressiva parcela, do patrimônio deixado pelo grupo, um dos maiores símbolos da história da industrialização de São Caetano do Sul. A mostra ficou em cartaz de 6 de dezembro a 2 de março de 2013.



Sobre a Areia

De 17 de dezembro a 15 de fevereiro de 2013, a Fundação Pró-Memória promoveu, no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a exposição *Sobre a Areia*. Para celebrar o verão, a mostra apresentou ima-

gens de famílias de antigos moradores de São Caetano em piqueniques no litoral paulista. O passeio era muito comum antigamente e um dos destinos preferidos era a Praia do José Menino, em Santos.



PROJETOS

Férias na Pinacoteca

Criado em 2012, o projeto *Férias na Pinacoteca* tem o objetivo de promover atividades artísticas e culturais no período de férias, em julho e dezembro, para crianças e adultos. A primeira ação aconteceu de 16 a 20 de julho e consistiu em uma oficina de gravura. Com viés lúdico, o curso propôs contato com a técnica e a criação de gravuras pelo processo da xilogravura, que consiste em produzir uma gravura a partir de uma matriz feita em madeira. Foi trabalhado o processo por completo, da produção da imagem até sua impressão.



Aprendendo a Ver

No mês de outubro, a Fundação Pró-Memória retomou o projeto *Aprendendo a Ver*, que consiste em visitas à Pinacoteca Municipal, orientadas por arte-educadores, que visam ampliar o conhecimento, o entendimento e a fruição da arte, através de recursos didáticos como jogos, exercícios de apreciação e expressão artística. O programa atende crianças a partir de 4 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. Ele conta também com workshops e oficinas para professores e público em geral. Agendamento pelo telefone 4223-4780 ou pelo email acaoeducativa@fpm.org.br.



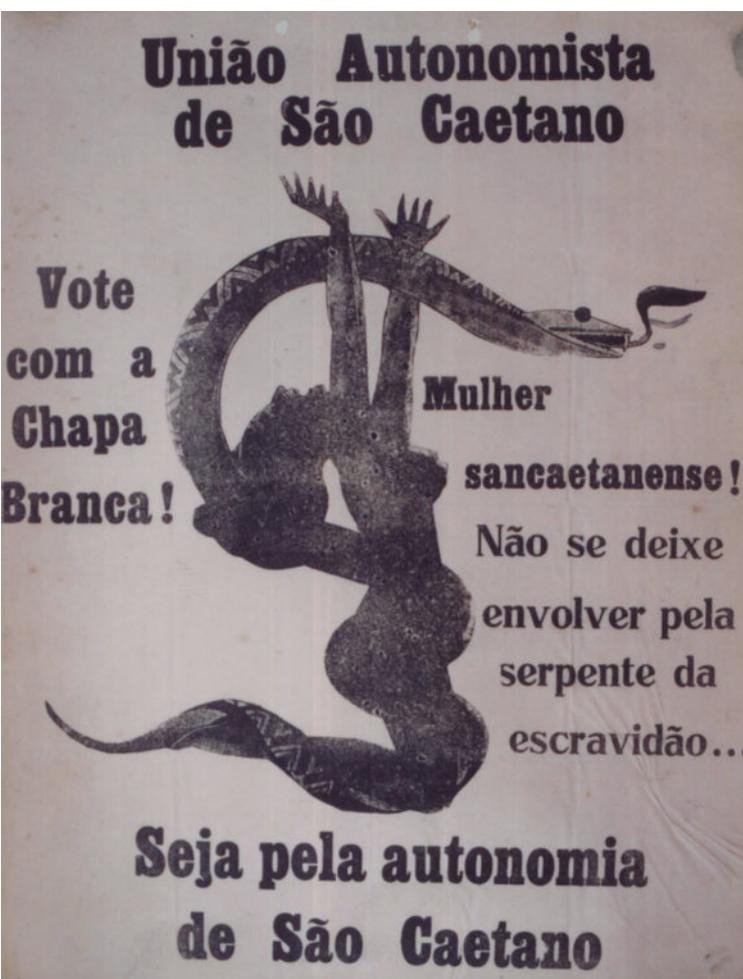


Revelando o Passado e Álbum de Família

Em 2012, a Fundação Pró-Memória deu continuidade aos projetos Revelando o Passado e Álbum de Família. O primeiro promove reuniões com a comunidade para finalizar o processo de identificação de uma

parte do acervo fotográfico do Centro de Documentação Histórica da instituição. Álbum de Família consiste na coleta de registros fotográficos de famílias que residem na cidade.

A Peça em Destaque



Destacar mensalmente um objeto do acervo para que sua apreciação, por parte do público, seja diferenciada. Este é o objetivo do projeto *A Peça em Destaque*, desenvolvido pelo Museu Histórico Municipal. No mês de julho, a *Peça em Destaque* foi uma chave, que pertenceu a uma das casas provisórias do Núcleo Colonial de São Caetano (1877). Uma das primeiras peças adquiridas pelo Museu Municipal, foi doada por Carlos e Cecília Boldóri em 11 de abril de 1960.

Um frasco de óleo e vinagre trazido da Itália pela família Garbelotto, em 1877, foi o destaque em agosto. Em setembro, ganhou atenção do público, um aparelho de rádio, da marca Clipper, do ano de 1938. Para outubro, a peça escolhida foi uma reprodução de um cartaz da Campanha Autonomista, produzido em 1948. No mês de novembro, um relógio musical com porta-joias, de 1950, foi o escolhido para ser a peça em destaque. O último objeto do ano, em dezembro, foi um presépio em argila.

Oficina de pintura e colagem *E se eu fosse assim?*

Nos dias 13 e 14 de setembro, a Pinacoteca Municipal promoveu a oficina de pintura e colagem *E se eu fosse assim?*. Com uma proposta divertida, inusitada e lúdica, possibilitou aos participantes – de forma colaborativa - a criação de variados personagens. Cada painel criado fez parte de uma exposição no Espaço Verde Chico Mendes, de 22 de setembro a 28 de outubro.



ESPAÇO REMODELADO

Ateliê pedagógico

A Fundação Pró-Memória assumiu uma vocação educacional e de democratização do acesso à arte e ao patrimônio. O ateliê pedagógico é uma ferramenta imprescindível para as ações desse programa, dentro das atividades da Pinacoteca Municipal. Ele funciona em uma sala contígua ao salão de exposições onde são desenvolvidas as atividades de expressão artística e de experimentação das diversas técnicas do fazer artístico. Esse espaço passou por uma reforma e voltou a funcionar a partir de 18 de outubro. O ateliê ganhou novos equipamentos como uma prensa para gravura, uma secadora para papel e uma oficina completa para produção de papel, que possibilitará a ampliação das atividades desenvolvidas. Os equipamentos para os trabalhos com papel foram uma doação do senhor Tadashi Nonno, arquiteto que atua na cidade.





Na edição anterior, de número 45, na página 21, a identificação das crianças que aparecem na fotografia foi publicada incorretamente. As crianças da imagem são, da esquerda para a direita: Antonio Perrella, Emigdio Perrella, Nelson Perrella, Lourdes Perrella Rocha Pereira e Laurito Antonio Perrella.





Imagem de
cartão-postal de 1929

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA SÃO CAETANO DO SUL

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br
De segunda a sexta, das 8h às 18 horas



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL



Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 15 horas

SALÃO DE EXPOSIÇÕES



Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas

PINACOTECA MUNICIPAL



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 13 horas

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA



Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

WWW.FPM.ORG.BR



Madame Eliza
James Olin

U.S. PATENT
OFFICE
WASHINGTON
D.C.

ability to do justice to my clients' interests
in all business entrusted to my care.

W. M. CLARK
DROOM & CO.
Bedding, Table Frames, Mirrors, Fancy Articles, ETC.

Aug 4	10
Aug 10	10
Aug 16	10
Aug 20	10
Aug 24	10
Aug 28	10
Aug 31	10
Sept 3	10
Sept 6	10
Sept 9	10
Sept 12	10
Sept 15	10
Sept 18	10
Sept 21	10
Sept 24	10
Sept 27	10
Sept 30	10
Oct 3	10
Oct 6	10
Oct 9	10
Oct 12	10
Oct 15	10
Oct 18	10
Oct 21	10
Oct 24	10
Oct 27	10
Oct 30	10
Nov 2	10
Nov 5	10
Nov 8	10
Nov 11	10
Nov 14	10
Nov 17	10

TIME



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
SÃO CAETANO DO SUL

SECULT
SECRETARIA DE CULTURA